

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**MÔNICA RIGO AYRES**

**Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro**

**PORTO ALEGRE**

**2021**

MÔNICA RIGO AYRES

**Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos da Linguagem, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final para obtenção de título de Doutora em Linguística.

Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero  
Orientador

PORTO ALEGRE

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Ayres, Mônica Rigo  
Contextos licenciadores de sujeitos nulos em  
português brasileiro / Mônica Rigo Ayres. -- 2021.  
123 f.  
Orientador: Gabriel de Ávila Othero.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Sujeito nulo. 2. Análise multifatorial. 3.  
Português brasileiro. I. Othero, Gabriel de Ávila,  
orient. II. Título.

**MÔNICA RIGO AYRES**

**CONTEXTOS LICENCIADORES DE SUJEITOS NULOS EM PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Esta tese foi analisada e julgada adequada para a obtenção do título de doutora em Teoria e Análise Linguística e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

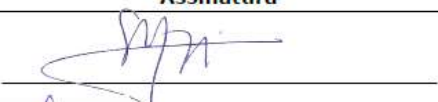

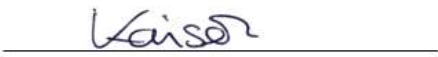
Orientador: Gabriel de Ávila Othero

Tese aprovada em: 11/02/2021

Data: 11/02/2021  
Horário: 09:00  
Local: Banca Virtual

<b>Banca Examinadora</b>	<b>Origem</b>
Sergio de Moura Menuzzi	UFRGS
Aline Peixoto Gravina	UFFS
Georg Kaiser	U konstanz

Porto Alegre, 11 de fevereiro de 2021

<b>Membros</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Avaliação</b>
Sergio de Moura Menuzzi		Aprovado
Aline Peixoto Gravina		Aprovado
Georg Kaiser		Aprovado

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer carinhosamente:

Ao professor Gabriel de Ávila Othero, que me orienta no caminho da pesquisa desde a Iniciação Científica, sendo um exemplo de professor e pesquisador, além de um grande amigo;

Aos professores Sergio Menuzzi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Aline Gravina (Universidade Federal da Fronteira Sul) e Georg Kaiser (Universität Konstanz) por aceitarem compor a banca da defesa desta tese e por fazerem preciosas contribuições;

Ao Grupo de Pesquisa “Significação, Forma e Contexto”, do qual é um privilégio participar;

Às colegas do PPG e do grupo de pesquisa, Camila Ulrich, Melissa Lazzari e Karoline Gasque, com quem discuti ideias e dados que me permitiram chegar ao resultado desta tese;

À professora Elisa Batistti e toda equipe do LínguaPOA, pelos trechos de língua falada transcrita e trechos em áudio gentilmente disponibilizados para esta pesquisa;

Aos demais professores do Instituto de Letras da UFRGS, sem exceção, que para mim são uma grande inspiração, desde a época da graduação;

Aos professores da Faculdade de Letras da PUCRS, que eu muito admiro e que contribuíram para meu crescimento e formação acadêmica na pós-graduação;

A todos os pesquisadores que cito nesta tese, cujos trabalhos propiciaram que eu trilhasse um caminho produtivo nesta investigação;

À UFRGS, pela oportunidade de estudo em uma universidade pública e de qualidade, à CAPES, pela concessão de bolsas de doutorado que financiaram meus estudos;

À minha família, que, apesar de longe fisicamente, sempre esteve e está comigo em todos os momentos, me incentivando a alcançar meus objetivos;

Ao meu noivo, Fernando, pelo suporte, conversas, confiança e torcida;

A Deus, por ter me dado capacidade para concluir este trabalho, e por ter me dado a bênção e o privilégio de conhecer todas essas pessoas que me ajudaram.

“O desejo profundo da humanidade pelo conhecimento é justificativa suficiente para nossa busca contínua.”

Stephen Hawking

## RESUMO

O fenômeno do sujeito nulo já foi amplamente investigado nas línguas naturais. A respeito disso, o PB suscita muito interesse por ter passado, do século XIX ao XX, por uma mudança no que se refere à preferência por expressar foneticamente o sujeito ou não. Tendo isso em vista, este trabalho se debruça sobre o fenômeno do sujeito nulo do PB, língua na qual sujeitos nulos já foram preferência e hoje se encontram em número relativamente baixo (cf. Duarte, 1993/1995; Duarte, Mourão & Santos, 2012; e, Othero & Spinelli 2019a, b, por exemplo). A literatura aponta alguns fatores que seriam relevantes para essa mudança que houve em PB, como as hipóteses da morfologia verbal rica (Duarte, 1993/1995); dos traços semânticos [+/-humano, +/-referencial] (Cyrino, Duarte & Kato 2000) e [+/-gênero semântico] (Creus & Menuzzi, 2004), da prosódia linear V2 (Kato, 2020) e do contexto discursivo (Paredes Silva, 2003). Entretanto, apesar de essas hipóteses mostrarem fortes tendências, nenhuma delas explica a totalidade dos dados de sujeitos nulos. Com isso em mente, nosso objetivo neste trabalho foi investigar os contextos que ainda permitem sujeitos nulos em PB – uma língua que já foi +pro-drop –, encontrar uma explicação que desse conta da *totalidade* dos dados encontrados, e, além disso, que pudesse prever qualquer dado de sujeito nulo que possa vir a ser encontrado. Nessa busca, unimos as hipóteses que apresentavam fortes generalizações e conseguimos explicar de maneira mais abrangente as ocorrências de sujeitos nulos.

Palavras-chave: sujeito nulo; análise multifatorial; português brasileiro.

## ABSTRACT

The phenomenon of the null subject has already been extensively investigated in natural languages. In this regard, Brazilian Portuguese raises a lot of interest for having passed, from the 19th to the 20th century, through a change in the preference for expressing the subject or not. With this in mind, this thesis focuses on the phenomenon of the null subject in BP, a language in which null subjects were once preferred and today are much less frequent (cf. Duarte, 1993/1995; Duarte, Mourão & Santos, 2012; and, Othero & Spinelli 2019a, b, for example). The literature pounds out elements that would be relevant for this change, such as the hypotheses of rich verbal morphology (Duarte, 1993/1995); the semantic features [+/- human, +/- referential] (Cyrino, Duarte & Kato 2000) and [+/- semantic gender] (Creus & Menuzzi, 2004), the linear prosody V2 (Kato, 2020) and the context discursive (Paredes Silva, 2003). However, although these assumptions show strong trends, none of them explains all null subject's data. So, our goal here was to investigate the contexts that still allow null subjects in BP - a language that was +pro-drop -, to provide an explanation that would account for the totality of the data found, and, moreover, that can predict any null subject data that may be found. In this search, we propose a unified analysis of the phenomenon.

Keywords: null subject; multifactorial analyze; Brazilian portuguese.



## LISTA DE ETIQUETAS

SN1ps	Sujeito nulo primeira pessoa singular ('eu')
SN2ps	Sujeito nulo segunda pessoa singular ('tu'/'você')
SN3ps	Sujeito nulo terceira pessoa singular ('ele'/'ela')
SN1pp+	Sujeito nulo primeira pessoa plural ('nós')
SN1pp-	Sujeito nulo primeira pessoa plural ('a gente')
SN2pp	Sujeito nulo segunda pessoa plural ('vocês')
SN3pp	Sujeito nulo terceira pessoa plural ('eles'/'elas')
SP1ps	Sujeito pronominal primeira pessoa singular ('eu')
SP2ps	Sujeito pronominal segunda pessoa singular ('tu'/'você')
SP3ps	Sujeito pronominal terceira pessoa singular ('ele'/'ela')
SP1pp+	Sujeito pronominal primeira pessoa plural ('nós')
SP1pp-	Sujeito pronominal primeira pessoa plural ('a gente')
SP2pp	Sujeito pronominal segunda pessoa plural ('vocês')
SP3pp	Sujeito pronominal terceira pessoa plural ('eles'/'elas')

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Universo dos sujeitos nulos em PB	28
Figura 2: Figura 2: Exemplo sentença tarefa 1 teste 1	46
Figura 3: Figura 3: Exemplo sentença tarefa 2 teste 1	47
Figura 4: Exemplo sentença tarefa 2	47
Figura 5: Hierarquia de referencialidade	49
Figura 6: Planilha dados analisados – sujeitos nulos	70
Figura 7: Universo dos sujeitos nulos em PB com números totais	93
Figura 8: Universo dos sujeitos nulos em PB com porcentagens arredondadas	95

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação inversa entre sujeitos pronominais e objetos nulos ao longo do tempo	20
Gráfico 2: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais expressos) ao longo do tempo	30
Gráfico 3: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais) de 1ª pessoa ao longo do tempo	37
Gráfico 4: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais) de 2ª pessoa ao longo do tempo	38
Gráfico 5: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais) de 3ª pessoa ao longo do tempo	38
Gráfico 6: Sujeitos expressos nos séculos XIX, XX e XXI em PB	40
Gráfico 7: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) de 3ª pessoa	51
Gráfico 8: Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos total	71
Gráfico 9: Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais	72
Gráfico 10: Ocorrências do fator [gênero semântico]	74
Gráfico 11: Ocorrências do fator [conexão ótima]	75
Gráfico 12: Ocorrências do fator [padrão linear V2]	76
Gráfico 13: Ocorrências do fator [morfologia verbal]	76

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tipologia dos sujeitos nulos existentes nas línguas humanas	35
Tabela 2: Sistema flexional italiano e inglês – presente	41
Tabela 3: Sistema flexional italiano e inglês – pretérito	42
Tabela 4: Empobrecimento do paradigma flexional do PB	44
Tabela 5: Paradigma flexional do PB – pretérito imperfeito	44
Tabela 6: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) a partir dos traços da escala de referencialidade	50
Tabela 7: Sentenças do PB nos padrões V1 e V2	56
Tabela 8: Níveis da escala de conexão discursiva	58
Tabela 9: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) em dois momentos	59
Tabela 10: Informações sociolinguísticas dos informantes	62
Tabela 11: Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais	73
Tabela 12: GS & CO	77
Tabela 13: GS & V2	78
Tabela 14: GS & MORF	78
Tabela 15: CO & V2	79
Tabela 16: CO & MORF	79
Tabela 17: V2 & MORF	80
Tabela 18: GS & CO & V2	81
Tabela 19: GS & V2 & MORF	82
Tabela 20: GS & CO & MORF	83
Tabela 21: CO & V2 & MORF	84
Tabela 22: GS & CO & V2 & MORF inicial	85
Tabela 23: GS & CO & V2 & MORF intermediária	89
Tabela 24: GS & CO & V2 & MORF final	92

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b>	16
<b>INTRODUÇÃO</b>	19
<b>1 OBJETIVO E HIPÓTESE</b>	25
1.1 Objetivo	25
1.2 Hipótese	25
<b>2 SUJEITOS NULOS</b>	29
2.1 Morfologia verbal	41
2.2 Traços semânticos	48
2.2.1 [+/-Humano & +/-Específico]	48
2.2.2 [+/-Gênero semântico]	52
2.3 Padrão linear V2	54
2.4 Conexão discursiva	57
<b>3 CORPUS E METODOLOGIA</b>	61
3.1 <i>Corpus</i> LínguaPOA	61
3.2 Metodologia	62
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b>	71
4.1 Análise de dados total	71
4.2 Análise de sujeitos nulos	73
4.2.1 Um fator licenciador de sujeitos nulos	74
4.2.2 Dois fatores licenciadores de sujeitos nulos	77
4.2.3 Três fatores licenciadores de sujeitos nulos	80
4.2.4 Quatro fatores licenciadores de sujeitos nulos	84
4.3 Casos destoantes	86
4.3.1 Casos de mudança de tempo/modo verbal	86
4.3.2 Outros casos	90

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	94
<b>6 REFERÊNCIAS</b>	96
<b>ANEXOS</b>	103

## PRIMEIRAS PALAVRAS

A língua é um organismo vivo e muda com o passar do tempo. Ver os fenômenos da linguagem como fenômenos tão naturais quanto os da Biologia ou da Física, por exemplo, nos dá a perspectiva adequada de procurar analisar os fenômenos em questão de um ponto de vista de *apenas* observadores, apesar de usarmos a linguagem desde o pensamento até a comunicação, o que faz do nosso objeto de estudo também um de nossos instrumentos. O dito no não dito sempre despertou curiosidade, é impressionante como usamos a linguagem na comunicação e no pensamento. Categorias vazias são um bom exemplo de dito no não dito. As categorias vazias de sujeitos e objetos nulos têm despertado meu interesse, com relação a suas especificidades no português brasileiro, em especial tendo em vista a recente mudança na língua pela preferência por expressar ou omitir essas categorias.

Nesse caminho um pouco solitário que é propor e escrever uma tese, pensava em como olhar, observar, descrever e explicar o fenômeno do sujeito nulo em português brasileiro *completamente*. Nesse processo, fiz algumas analogias, buscando explicar a alternância entre duas variáveis. Por exemplo, se eu fosse uma pesquisadora da área das Ciências Atmosféricas e quisesse explicar o motivo de às vezes haver sol e às vezes haver chuva, por onde começaria? Obviamente me faltaria muita base, mas para o exercício em questão, eu pensaria em várias coisas que poderiam estar interferindo para que ora houvesse sol, ora houvesse chuva. Quem sabe começaria hipotetizando que nos dias pares faz sol, nos ímpares, chuva. Logo essa hipótese cairia por terra, pois sabemos que não precisamos de guarda-chuvas apenas em dias ímpares. Mas era como me sentia no início da pesquisa, tateando no escuro, procurando por respostas: “quando faz sol, quando faz chuva?” era o meu “quando usamos sujeitos pronominais, quando usamos sujeitos nulos?”. Ao mesmo tempo em que esse sentimento de estar perdida era angustiante, ia estudando e pensava que a resposta deveria estar em nossa cara e a gente ainda não havia sido capaz de perceber, como tantos fenômenos naturais que, depois de explicados, nos parecem tão óbvios.

Anteriormente, disse que o processo de propor e defender uma tese é um caminho um pouco solitário, mas não é totalmente solitário. Nesse caminho contei com a ajuda de pessoas altamente inteligentes, uma delas foi meu orientador. Em uma de nossas



conversas, estava mostrando como não conseguia mostrar generalização alguma a respeito dos sujeitos nulos e pronominais. Então, ele propôs olhar para o mesmo problema de forma diferente: quem sabe a gente não precisa descobrir exatamente quando há sujeito pronominal *versus* quando há sujeito nulo. Encontramos um número muito mais elevado de sujeitos pronominais, vamos explicar os nulos, partindo do pressuposto de que os pronominais são o caso “normal” na língua (ao menos nessa sincronia). Era essa mudança de perspectiva que eu precisava e *voilà*: lá estava o meu sol e chuva. A chuva não significa ausência de sol, o sol sempre está lá (quero dizer, durante o dia em determinado local do planeta, mas acho que deu pra entender o ponto). Eu não precisaria explicar a presença do sol, apenas da chuva. Agora o trabalho parecia fazer mais sentido. Preciso explicar a presença de sujeitos nulos, os pronomes são sempre esperados.

Apesar de mais animada com a nova perspectiva, sabia que não era UM fator que iria explicar o uso de sujeitos nulos em português brasileiro, pois pesquisadores que me inspiraram neste estudo perseguiram hipóteses sempre olhando para um fator ou um par de fatores isoladamente, e as generalizações ficaram sempre na explicação de *quase* todos os dados, mas sempre faltava uma parte da explicação (ao longo do trabalho isso vai ficar mais claro). Como as generalizações das hipóteses perseguidas apresentam fortes indícios, optei por continuar a persegui-las, mas não de maneira isolada. Peguei um pouquinho das enormes contribuições de cada pesquisador que veio antes de mim e que foi desbravando a questão da expressão dos sujeitos (e objetos) da nossa língua. Mas, nesse momento, senti que não proporia nada que pudesse contribuir com a ciência, já que não seria eu propondo cada uma dessas hipóteses. Foi nesse momento que tive uma conversa com uma outra pessoa altamente inteligente e que tornou meu caminho de doutorado um pouco menos solitário.

Ele me contou como se deu a maior contribuição de James Maxwell para a Física Teórica. Maxwell ficou conhecido por 4 equações que fundaram a moderna Teoria do Eletromagnetismo. Entretanto, as equações são de Gauss, Faraday e Ampere (Maxwell apenas adicionou um termo da equação de Ampere). Mesmo assim, esse conjunto de equações tão importantes são nomeadas em homenagem a Maxwell, pois foi ele quem uniu todas essas propostas aparentemente independentes e mostrou que estavam interligadas. É claro que não tenho a pretensão de ser a “Maxwell do sujeito nulo”, mas relato essa história, pois foi assim que fui encontrando entusiasmo para continuar.

Uma tese de doutorado é resultado de muito esforço, empenho e dedicação. Mas também é detalhe, é uma conversa aqui e ali, uma leitura inesperada que lança novas perspectivas, é um seguir em frente e não desistir, é ir nos adequando, perseguindo nosso instinto curioso de pesquisador. Como Sertillanges afirma, em sua obra “A vida Intelectual”,

As grandes descobertas nada são além de reflexões sobre fatos comuns a todos. Passamos infinitas vezes sem nada ver, e, um dia, o homem de gênio observa quais são os pontos que unem – os quais ignoramos – aquilo que, a todo instante, se encontra debaixo de nossos narizes. O que é a ciência, senão a lenta e sucessiva cura de nossa cegueira?

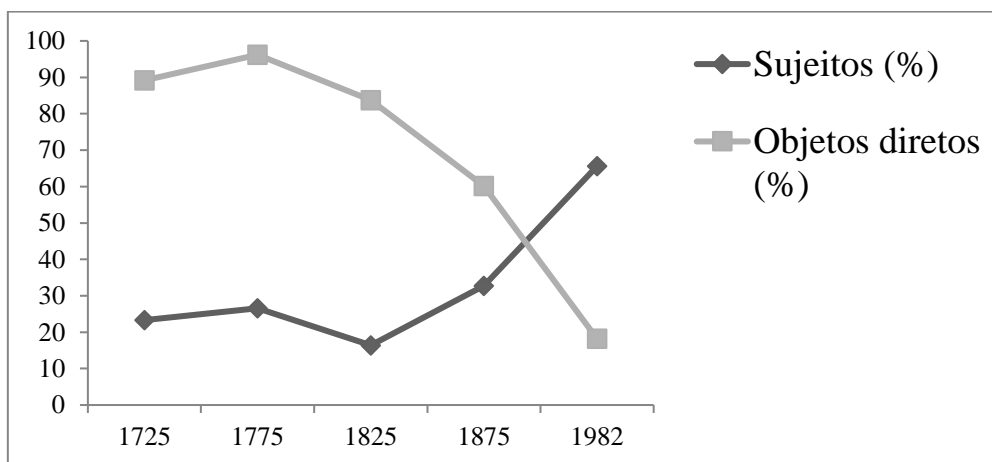
## INTRODUÇÃO

O fenômeno do sujeito nulo já foi amplamente investigado nas línguas naturais. É um assunto sobre o qual já temos várias respostas, mas ainda restam perguntas, como veremos em seguida. Diversos estudos têm se debruçado sobre o tema em português brasileiro (PB) dentro do aparato teórico do gerativismo e também do funcionalismo (cf. Tarallo, 1983; Duarte, 1993/1995; Duarte & Figueiredo Silva, 2016; Soares et al, 2019; Othero & Spinelli, 2019a, b; e Paredes Silva, 1998 e 2003, por exemplo). Apesar de a extensa literatura revelar várias descobertas sobre o uso e a distribuição entre sujeitos nulos e expressos, ainda restam, como dissemos, algumas questões cujas respostas permanecem em aberto. Uma dessas questões, cerne deste estudo, se refere a descobrir quais são os fatores responsáveis pelo licenciamento de sujeitos nulos *versus* pronominais. Em outras palavras, como identificar que fator ou quais fatores permitem ou favorecem que ora se use sujeito nulo e ora se use sujeito pronominal. Essa questão é cara para esta pesquisa, partindo do pressuposto de que a alternância entre as formas nulas e expressas na posição/função de sujeito seja reflexo de uma mudança no quadro pronominal e no paradigma verbal do PB (cf. Duarte, 1993/1995 e 2000). Dessa forma, sujeitos pronominais e sujeitos nulos não estariam em distribuição complementar, mas, tendo em vista a antiga preferência por formas nulas no passado do PB e a presente preferência por formas preenchidas no PB contemporâneo (como já atestado pioneiramente nos trabalhos de Tarallo, 1983 e Duarte, 1993/1995), os sujeitos nulos seriam resíduos de uma língua que já foi *+pro-drop*. Dessa maneira, interessa buscar descobrir *exatamente o que orienta esse uso residual de formas nulas* – apesar de estudos anteriores já indicarem muitas pistas, como veremos ao longo deste trabalho.

As pesquisas sobre os sujeitos do PB indicam mudança no preenchimento da posição/função de sujeito, no seguinte sentido: em estágios anteriores da língua, os falantes preferiam omitir o sujeito; já no PB atual, a preferência dos falantes é por expressar o sujeito, seja por um DP ou por um pronome. Essa mudança anda de mãos dadas com a mudança com relação à expressão do objeto direto pronominal em PB, de maneira inversamente proporcional, como aponta Tarallo (1983). O autor mostra que houve uma inversão na expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais em PB, já que encontra em seus dados 81,8% de objetos diretos nulos e 20,6% de sujeitos nulos, o que mostra exatamente uma inversão no quadro pronominal, pois antes em PB se observava

preferência por objetos diretos preenchidos e sujeito nulos. Essa inversão pode ser visualizada no gráfico abaixo, extraído de Othero & Spinelli (2019b, p. 19). Os autores fizeram o gráfico utilizando os dados apresentador por Tarallo (1983)<sup>1</sup>:

Gráfico 1: Relação inversa entre sujeitos pronominais e objetos nulos ao longo do tempo



Fonte: Othero & Spinelli, 2019b, p. 19

Esses resultados têm sido evidenciados desde estudos clássicos, como Tarallo (1983) e Duarte (1993/1995), até estudos recentes, por exemplo, Soares et al (2019) e Othero & Spinelli (2019a, b). Uma observação que cabe a esse respeito é que, antes da década de 1980/1990, nós apenas contávamos com evidências *escritas* de outras fases do PB, e a escrita não configura como uma representação da fala, possui suas especificidades. Uma característica da língua escrita é justamente apresentar um número mais alto objetos diretos pronominais (cf. Othero & Schwancke, 2018 e Othero, Cyrino. Schabbach, Rosito & Alves, 2018); outra característica da língua escrita é apresentar um número mais alto de sujeitos nulos do que na fala em PB (cf. Magalhães, 2000; Mendonça & Nascimento, 2015; e, Othero, Ayres, Gasque & Lazzari, a sair). Buscando amenizar essas diferenças entre fala e escrita, Duarte (1993) investigou o sujeito em peças teatrais, que tendem a se aproximar mais da fala do que outros tipos textuais – de acordo com a autora, analisar peças de teatro é muito pertinente “quando se quer tentar uma aproximação com a fala de sincronias passadas” (Duarte, 2012, p. 19). A autora foi

<sup>1</sup> O *corpus* utilizado por Tarallo (1983) era constituído por cartas, peças de teatro e diários, todos escritos entre os séculos XVIII e XIX.

provavelmente quem primeiro investigou o fenômeno do sujeito em PB de maneira sistemática dentro do quadro gerativo, e, para isso, ela utilizou como *corpus* peças teatrais escritas entre os anos de 1845 a 1992. Duarte (1993 e 2012) mostra que, diacronicamente, houve um aumento expressivo no uso de sujeitos pronominais, quando comparados com o sujeito nulo. Duarte (2012) diz o seguinte:

Meu interesse em examinar a realização dos sujeitos referenciais definidos foi despertado pelo próprio Tarallo (1983), que já atestara em cartas a assimetria “sujeitos expressos-objetos nulos” no português brasileiro (PB), apontada no mesmo ano no estudo formal de Moreira da Silva [cf. Moreira da Silva (1983)]. Meu capítulo “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil” [Duarte (1993)] permitiu observar a mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos numa amostra de peças escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, consideradas como representativas da fala de grupos sociais, particularmente urbanos, de cada época retratada. (Duarte, 2012, p. 11)

Também na diacronia do PB, Gravina (2008 e 2014) investiga os sujeitos, porém com base em *corpora* compostos por textos de jornais. De acordo com Gravina (2014, p.124), os textos jornalísticos apresentam características mais conservadoras e formais da língua, o que poderia impedir que uma mudança na variação entre o sujeito nulo e pronominal fosse identificada. Entretanto, ainda segundo a autora, se considerarmos o fenômeno de mudança linguística dentro do quadro gerativista, espera-se encontrar indícios dessa mudança, independentemente do gênero investigado. Na busca por esses indícios, Gravina (2008) encontrou o sujeito lexical anafórico, que, de acordo com ela, é uma estratégia de preenchimento do sujeito. A autora aponta que os resultados encontrados mostram que há uma preferência no PB por preencher de alguma forma o sujeito, em vez de deixá-lo nulo.

Essa mudança do PB com relação à expressão do sujeito, que ocorreu entre os séculos XIX e XX, também foi apontada por Widera & Kaiser (2019). Os autores afirmam que “o português é considerado uma língua de sujeito nulo. Isso significa que, nesta língua, a omissão do sujeito representa o caso normal e o emprego do pronome sujeito é limitado a contextos restritos” Widera & Kaiser (2019, p. 144). Em seguida, os autores apontam que houve uma mudança no sistema do PB que o distanciou do português europeu – este sim considerado uma língua de sujeito nulo. Tendo em vista essa mudança, que culminou em um alto número de sujeitos pronominais em PB contemporâneo,

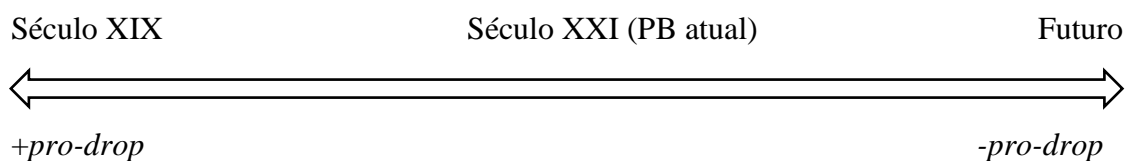
poderíamos reformular a frase de Wideira & Kaiser (2019) para a seguinte: o português brasileiro teve uma mudança com relação ao preenchimento dos sujeitos e não é mais considerado uma língua de sujeito nulo. Isso significa que, nessa língua, *o emprego do pronome sujeito representa o caso “normal” e a omissão do sujeito é limitada a contextos restritos*, tendo em vista que nesta investigação constatamos que os sujeitos nulos ocorrem em contextos muito específicos e são pouco numerosos.

Além disso, todas as pessoas gramaticais parecem ter estabilizado, sem aumentar mais ocorrências de sujeitos pronominais em detrimento de sujeitos nulos (cf. Othero & Spinelli, 2019a, por exemplo). Também vale ressaltar que acreditamos que os fenômenos do sujeito nulo e objeto nulo estejam relacionados em PB, já que, como vimos no gráfico 1, iniciaram juntos e estabilizaram juntos. Nas palavras de Othero & Spinelli (2019b, p. 26): “ambos os fenômenos encontram-se estáveis na língua nesse início de séc. XXI”.

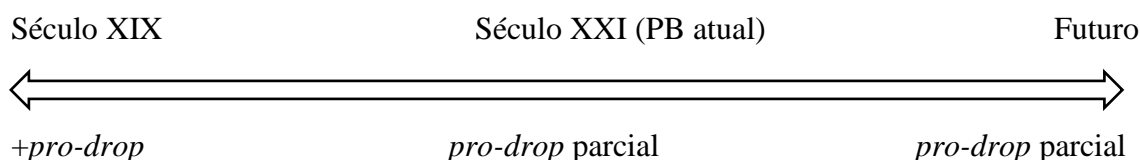
Com a finalidade de investigar o que condiciona o uso de pronomes ou sujeitos nulos em PB, pesquisadores que se debruçaram sobre o tema propuseram algumas hipóteses, que apresentam bons indicativos. São hipóteses que levam em conta traços semânticos dos sujeitos, como [+/- humano], [+/- específico], [+/- referencial] e [+/- gênero semântico] (cf. Duarte, 1993/1995; Cyrino, Duarte & Kato, 2000; Othero & Spinelli, 2019a, b). Basicamente, essas hipóteses postulam que se um referente tiver o traço em questão marcado positivamente, a preferência será por expressar os sujeitos através de pronome; já se o antecedente tiver o traço marcado negativamente, então a preferência será por sujeitos nulos. Apresentaremos mais detalhadamente como essas hipóteses se propõem a dar conta de explicar como funciona o fenômeno do sujeito nulo em PB, no capítulo 2 – capítulo no qual também mostramos por que essas hipóteses, apesar de promissoras e de mostrarem tendências, não dão conta de explicar 100% dos dados que encontramos em PB.

O condicionamento de sujeitos nulos *vs.* pronominais é apenas uma das perguntas que surgiram como desdobramento da mudança que houve em PB. Outra questão que tem recebido atenção é o *status* dessa mudança, isto é, a preferência por sujeitos pronominais no PB atual é um estágio de um processo ainda em andamento de uma língua *+pro-drop* para *-pro-drop* (como apresentado em i) ou então é uma etapa finalizada e estável da mudança, sendo o PB uma língua *pro-drop* parcial (como apresentado em ii)?

(i) Mudança em curso



(ii) Mudança finalizada



A respeito dessa questão é difícil definir qual posicionamento é mais adequado, tendo em vista que encontramos apenas indícios a respeito do estágio da mudança (em curso ou finalizada), não podemos prever com exatidão como a língua será no futuro. Alguns trabalhos apresentam indícios a favor da ideia de que o PB está em processo de mudança, como defendido por Duarte (2000, 2020); outros, que o PB mudou, mas já se estabilizou, como indicado por Gravina (2014).

De todo modo, estando a mudança em processo ou finalizada, o fato é que o PB mudou, tendo em vista que em estágios anteriores da língua a preferência era por omitir o sujeito. Mesmo que os sujeitos pronominais sejam favorecidos e os nulos não, ainda há ocorrências das formas nulas na posição/função de sujeito em PB contemporâneo; por isso, buscaremos encontrar que fatores licenciam essas ocorrências “pouco esperadas”. Nesta tese, pretendemos investigar e responder justamente isto: *em que contextos a língua privilegia/permite o uso de sujeito nulo?*

Esta pesquisa faz parte do projeto *Pronomes e objetos nulos na retomada anafórica em português brasileiro: revisitando questões teóricas e empíricas*, que busca investigar a categoria vazia na função de objeto e na função de sujeito, partindo de uma ideia pioneiramente proposta por Creus & Menuzzi (2004): para a gramática do PB, o traço relevante para o uso de categoria vazia na função de objeto direto é o traço de [gênero semântico] do referente. Essa ideia foi expandida e originalmente proposta por Spinelli (2018) e Othero & Spinelli (2019a, b), que também analisaram a influência desse traço na função de sujeito.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos mais detalhadamente o objetivo deste estudo e nossa hipótese. No capítulo 2, fazemos uma breve revisão da literatura sobre os sujeitos nulos, especialmente a respeito do PB, a partir de estudos tanto de cunho gerativista como de cunho funcionalista. Nesse mesmo capítulo, apresentamos algumas hipóteses já propostas na literatura, que buscam dar conta da alternância entre sujeitos nulos e expressos em PB, e apontamos algumas lacunas que elas deixam e que no presente estudo pretendo preencher. No capítulo 3, apresentamos o *corpus* utilizado no estudo e a metodologia empregada neste trabalho. No capítulo 4, expomos nossa análise de dados (coletados de entrevistas de língua falada transcrita do *corpus* LínguaPOA) e os resultados obtidos, à luz da hipótese proposta. No capítulo 5, fazemos algumas considerações finais sobre o estudo.



## **1 OBJETIVO E HIPÓTESE**

### **1.1 Objetivo**

O objetivo deste estudo é investigar o fenômeno do sujeito nulo em uma língua que não é mais uma língua de sujeito nulo, o PB. Perseguiremos a hipótese de que a forma menos frequente (o sujeito nulo) deve ser licenciada por fatores gramaticais e temos como propósito descobrir que fatores são esses. Esperamos que, com esse esforço, conheçamos mais sobre a gramática da nossa língua e que lancemos luz a respeito da investigação sobre sujeitos de modo geral.

### **1.2 Hipótese**

Como apresentado na introdução, a literatura sobre os sujeitos em PB é bastante vasta, porém, não há pesquisa que explique *toda* a história no que se refere à alternância entre formas nulas e pronominais na posição/função de sujeito. Todas as hipóteses até então perseguidas são bastante promissoras (cf. capítulo 2) e, por isso, acreditamos que não devam ser abandonadas. Na verdade, elas servem como um excelente ponto de partida. Portanto, parece ser oportuno olhar para essas hipóteses de maneira conjunta, para buscar dar conta de explicar esse fenômeno.

Nossa hipótese é que o condicionamento de sujeitos nulos em PB é um fenômeno *multifatorial*. Ou seja, devemos olhar para a gramática em sua complexidade para que possamos encontrar a resposta que almejamos encontrar, pois talvez a solução seja encontrada olhando para o fenômeno de forma mais abrangente, levando mais de um fator em consideração.

Partindo de hipóteses postuladas por estudos anteriores (sobre as quais falaremos no capítulo 2) que parecem eminentemente promissoras, esperamos encontrar respostas ainda mais satisfatórias. Nesse sentido, acreditamos que a união dos quatro fatores a seguir possa nos indicar um resultado bastante adequado, por isso, vamos considerar os fatores em conjunto. Não que os quatro fatores sejam necessários para explicar cada dado, mas os quatro fatores são necessários para explicar todo o conjunto de dados, ou seja,

para explicar o comportamento do fenômeno do sujeito nulo em PB, precisamos contar com os quatro fatores que elencamos abaixo.

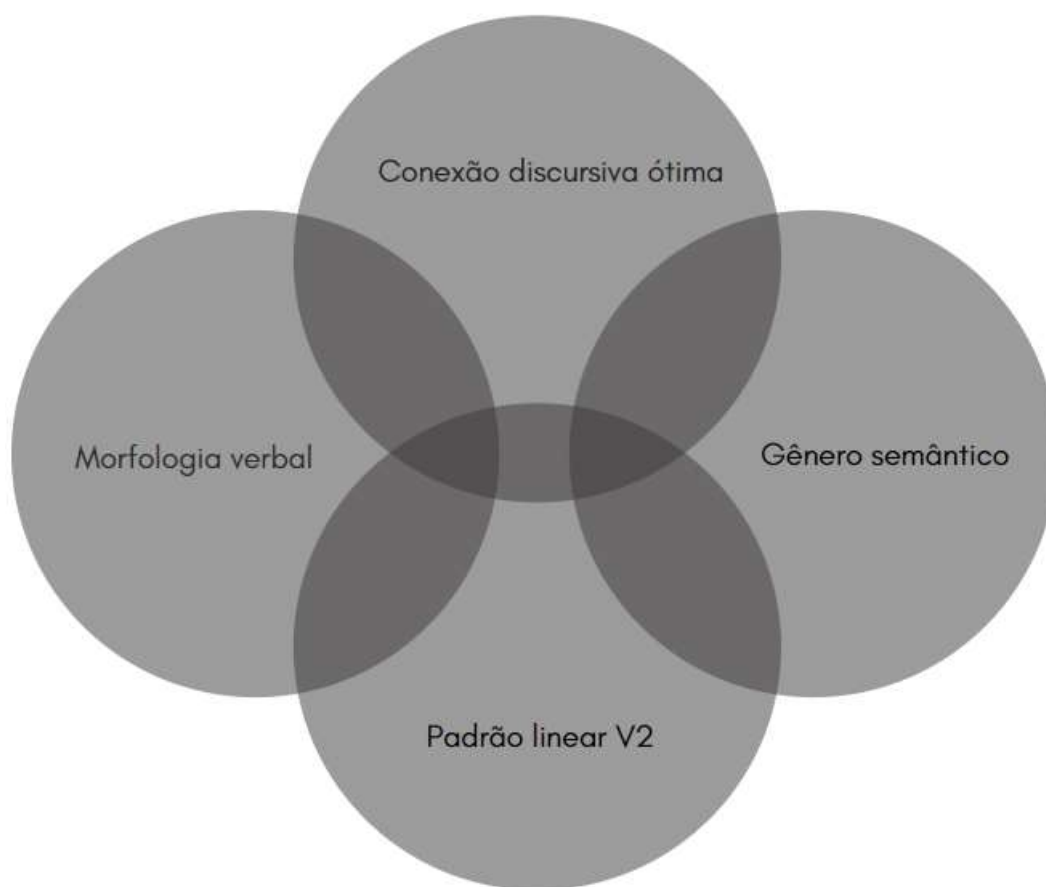
- I. A **morfologia verbal** deve ter influência no licenciamento de sujeitos nulos, nos casos nos quais houver morfologia rica, ou seja, uma *desinência verbal única para determinada pessoa gramatical*, já que a pessoa gramatical estará exponenciada através dessa desinência. Entretanto, a morfologia verbal sincrética não deve influenciar – ao menos de modo a favorecer – sujeitos nulos, já que formas iguais para mais de uma pessoa gramatical não são capazes de exponenciar de maneira não ambígua pessoa gramatical através da desinência. Essa hipótese é baseada principalmente nos trabalhos de Chomsky (1981) e Duarte (1993/1995), que apontam relação entre ocorrência de sujeitos nulos e morfologia verbal rica;
- II. Outro fator condicionante do sujeito nulo está provavelmente relacionado à manutenção tópica dos referentes. Chamaremos a essa propriedade de **conexão discursiva ótima** aqui em nosso trabalho, seguindo a nomenclatura proposta por Paredes Silva (1998 e 2003), com base na ideia de Givón (1993 e 2012) de que o contexto discursivo interfere na retomada anafórica, pois um sujeito nulo pode ocorrer quando for razoavelmente fácil de ser identificado no discurso;
- III. Mais um fator que deve influenciar no uso de sujeitos nulos é o referente não possuir gênero natural saliente, ou seja, não possuir **gênero semântico**. Essa hipótese é baseada na hipótese inicialmente proposta por Creus & Menuzzi (2004) a respeito de objetos diretos pronominais de 3ª pessoa, e posteriormente aplicada por Othero & Spinelli (2019a, b) na investigação de sujeitos. De acordo com essa hipótese, a escolha entre formas nulas e pronominais resultaria de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de pronomes expressos porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de formas nulas precisamente porque formas nulas não possuem especificação para gênero semântico (cf. Creus & Menuzzi, 2004, p. 7); e

IV. Há também uma restrição prosódica, qual seja: o **padrão linear V2** deve licenciar o uso de sujeitos nulos. Essa hipótese tem base na ideia, proposta por Kato (2000 e 2020) e Kato & Duarte (2014), de que o PB é uma língua de efeito V2, ou seja, uma língua que prefere a posição de sujeito preenchida, evitando iniciar orações pelo verbo (evitando, portanto, o padrão V1). Na verdade, o padrão V1 se refere ao verbo na primeira posição da sentença, enquanto o padrão V2 não se refere *necessariamente* à segunda posição da sentença, mas sim, a qualquer posição exceto a primeira. Dessa forma, apenas dois estados importam: i) V1 – *Escrevi uma tese* e ii) V2 (ou, -V1) – *Já escrevi uma tese / Mas antigamente já faziam teses e eram na máquina de escrever*. Poderia se pensar que essa restrição favorece o uso de sujeitos pronominais, já que com uma altíssima frequência o que ocupa a periferia esquerda do verbo é um sujeito pronominal. Entretanto, essa não é a única alternativa – a periferia à esquerda do verbo pode também ser preenchida por outras categorias, como um advérbio, por exemplo. Uma vez que essa posição está ocupada por outra categoria, parece que o sujeito pronominal não precisa aparecer, já que essa restrição prosódica foi satisfeita. Dessa forma, é um ambiente propício para que um sujeito nulo ocorra.

O principal ponto, que deve aqui ser ressaltado, é que neste estudo defendemos que o que dará conta de explicar os contextos residuais de sujeitos nulos em PB é o *conjunto* desses quatro fatores. Ainda que o conjunto desses quatro fatores não seja necessário para explicar *cada* ocorrência de sujeito nulo – por exemplo, pode ocorrer um sujeito nulo que seja licenciado por apenas um desses fatores, enquanto outro seja licenciado graças a dois, três ou todos os fatores. Entretanto, *para explicar o conjunto de todos os dados, é preciso que levemos em consideração o conjunto desses quatro fatores*.

Suponha que o universo dos sujeitos nulos está contido dentro da união dos círculos da figura abaixo, ou seja, fora dos círculos não deve haver sujeitos nulos:

Figura 1: Universo dos sujeitos nulos em PB<sup>2</sup>



Fonte: a autora.

Dessa forma, podemos encontrar sujeitos que são licenciados por qualquer um dos fatores isoladamente ou então por conjuntos formados a partir desses fatores, de modo que a soma dos fatores não é necessária para explicar cada ocorrência de sujeito nulo, mas o conjunto dos fatores é necessário para explicar todas as ocorrências de sujeitos nulos.

---

<sup>2</sup> A intersecção entre os conjuntos Morfologia Verbal [+morf] e Gênero Semântico [-gs] não ocorre, já que há morfologia verbal única [+morf] apenas na 1ª pessoa (cf. exporemos em nossa análise de dados) e a 1ª pessoa (singular e plural), para referentes definidos, é sempre [+gs].

## 2 SUJEITOS NULOS

Neste capítulo, faremos um panorama a respeito dos sujeitos nulos, com especial foco nos sujeitos nulos do PB e na mudança que houve na expressão do sujeito em nossa língua. Para tanto, apresentaremos trabalhos que nos inspiraram a chegar até aqui e falaremos a respeito dos fatores que devem estar em jogo no licenciamento de sujeitos nulos, bem como mostraremos que esses fatores já apareceram em trabalhos anteriores.

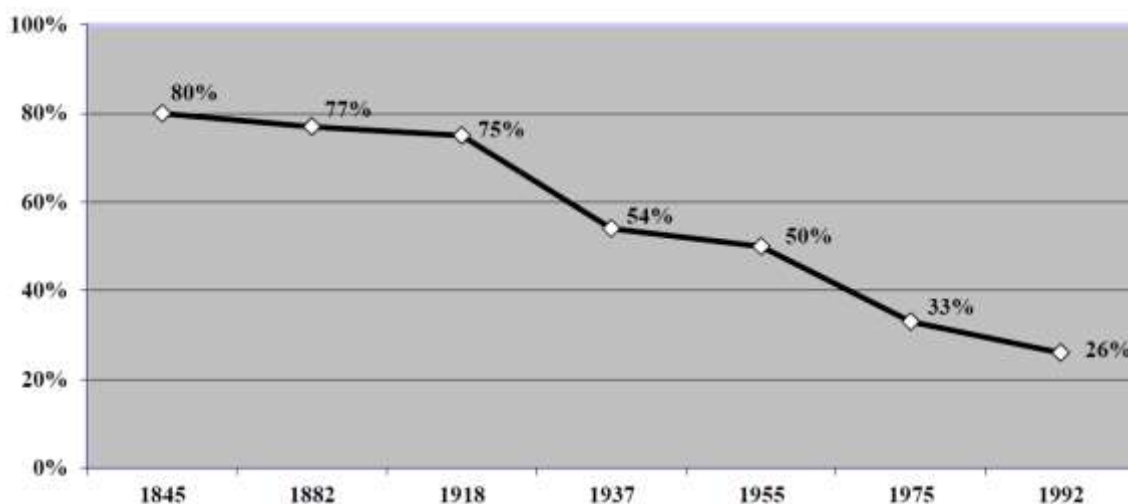
A investigação sobre sujeitos nas línguas naturais rende pesquisas e descobertas desde, pelo menos, Perlmutter (1971), que apontou a distinção entre línguas que permitem a ocorrência de sujeitos nulos e línguas que não permitem. A questão ganhou ainda mais relevância a partir de Chomsky (1981), quando foi formalizado o parâmetro *pro-drop*. Essa formalização se deu no Modelo de Princípios e Parâmetros, que prediz que há universais linguísticos, ou seja, *princípios* que atuam em todas as línguas, sendo *parâmetros* os responsáveis pelas diferenças entre as línguas. Por exemplo, pensemos no Princípio de Projeção Estendida: esse princípio postula que, em uma língua natural, toda oração terá um sujeito, isso seria universal. Já o valor que o parâmetro do sujeito nulo recebe em cada língua vai definir se esse sujeito precisa ser obrigatoriamente expresso ou não, isso é particular. Caso o sujeito não precise ser obrigatoriamente expresso, estaremos diante de um fenômeno comum nas línguas naturais: o sujeito nulo. Se uma língua não permite a omissão do sujeito, ou seja, o sujeito foneticamente expresso é obrigatório, trata-se de uma língua *-pro-drop* (cf. exemplo 1, abaixo); por outro lado, se a língua permite a omissão do sujeito, isto é, permite sujeitos nulos, então é uma língua *+pro-drop*. (cf. exemplo 2, abaixo).

- 1) **\*(I)** am a student (inglês)  
**\*(Je)** suis un étudiant (francês)
- 2) (Io) Sono una studente (italiano)  
(Yo) Soy estudiante (espanhol)

A princípio pode parecer que as línguas se enquadram sempre em um desses dois tipos, *-pro-drop* ou *+pro-drop*; porém, há línguas cujos sujeitos nulos apresentam um comportamento intermediário. Por exemplo, o funcionamento dos sujeitos em PB suscita dúvidas quanto à sua classificação com relação ao parâmetro *pro-drop*, desde Tarallo

(1983), que, como vimos na introdução, mostra uma mudança em relação ao preenchimento dos sujeitos do PB. Duarte (1993), ao observar essa mudança, aponta que o PB passa por uma fase de transição de uma língua *+pro-drop* para *-pro-drop* e afirma que “as cada vez menos frequentes ocorrências de sujeitos nulos de primeira pessoa do singular na língua oral, ainda licenciadas pela desinência, deverão continuar a se manifestar por tempo indeterminado como resíduos da propriedade *pro-drop*” (Duarte, 1995, p. 56). Monteiro (1994, p. 123) inicia o capítulo Pronomes Sujeitos questionando até que ponto é válido considerar o PB como língua de sujeito nulo (marcada positivamente para o parâmetro *pro-drop*). Essa indagação tem fundamento, pois vários estudos têm demonstrado que a posição/função de sujeito ocorre preferencialmente preenchida em PB, ao oposto do que costumava acontecer anteriormente em nossa língua, que preferia sujeitos nulos. Essa mudança ao longo do tempo pode ser visualizada no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais expressos) ao longo do tempo



Fonte: Duarte (2018), p. 88.

Como pode ser observado, os sujeitos nulos passaram por um decréscimo: chegavam a 80% no primeiro período analisado e caem para apenas 26% no período mais recente. É ressaltado por Duarte (1995, p. 4) que “embora não se possa dizer que perdemos a possibilidade de omitir o sujeito, observa-se clara preferência pelo uso da forma pronominal plena”.

Quando comparamos o PB com outras línguas românicas *+pro-drop* (por exemplo, português europeu, espanhol e italiano, cf. Kato, 1999), percebemos que os contextos nos quais os sujeitos nulos ocorrem são mais restritos em PB do que nas outras

línguas *+pro-drop*. É por isso que o PB vem sendo classificado como uma língua *pro-drop* parcial, cf. Rodrigues (2004), Holmberg (2005), Roberts & Holmberg 2010, e Gravina (2014), por exemplo. De acordo com Gravina (2014, p. 33), o PB se encaixa nesse tipo de língua, de sujeito nulo parcial, já que “ainda licencia sujeito nulo, mas com restrição de contextos”. Soares, Miller & Hemforth (2019) abordam a questão de tipologia das línguas em relação ao parâmetro *pro-drop* e apontam duas diferentes abordagens gerativistas:

Within the Generative tradition, there are two general approaches to so-called ‘prodrop’ in BP, one diachronic, the other synchronic. These can be taken to be complementary. According to the diachronic approach, there is an ongoing change in the prodrop parameter towards obligatory phonological realization of subject pronouns (Tarallo, 1983, among others); according to the synchronic approach, present-day BP is a partial pro-drop language (Holmberg *et al.*, 2009; Biberauer *et al.*, 2010, *inter alia*) (Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3581).

Nesse mesmo trabalho, é feita uma ressalva a respeito dessas duas posições:

As Sérgio Menuzzi (p. c.) has pointed out, though these two positions do not exclude each other, they were not put forward as compatible in the literature and no specific framework within which they might form a single combined diachronic and synchronic hypothesis has been proposed. Specifically, researchers defending the ‘partial pro-drop’ analysis have mainly argued for this position against the idea that BP was becoming a non-null subject language of the English type (Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3581).

Neste trabalho, encaramos a mudança em estágio estável e caracterizamos o PB como uma língua de sujeito nulo parcial (cf. Rodrigues 2004, Holmberg *et al.* 2009; Biberauer *et al.* 2010 e Gravina 2014). Entretanto, cabe aqui uma ressalva: as línguas de sujeito nulo parcial não se comportam exatamente da mesma maneira. Temos uma boa visão disso no trabalho de Holmberg, Nayudu & Sheehan (2009) que, ao comparar três línguas ditas de sujeito nulo parcial (PB, marata e finlandês), apontam semelhanças, mas também diferenças entre elas. Ou seja, mesmo três línguas enquadradas como sendo de um mesmo tipo não funcionam exatamente da mesma forma. Os autores discutem propriedades características desse tipo de língua (sujeito nulo parcial), que permitem sujeitos nulos em contextos mais restritos que línguas de sujeito nulo consistente. De acordo com eles, é característico de línguas de sujeito nulo parcial

- i) possuir sujeito nulo indefinido/genérico (correspondente ao “*one*” do inglês), como no exemplo abaixo:

a. unahlyat lavkar utthavla jato [Marata]<sup>3</sup>  
verão-no cedo acordar aux-3ps-pres  
'Acorda cedo no verão.' / 'In summer *one* wakes up early.', e

ii) permitir sujeito nulo definido de 3ª pessoa apenas quando for controlado por uma sentença anterior, como no exemplo a seguir:

b. Ram mhanala ki ghar ghetla [Marata]  
Ram dizer-3ps-pas que casa comprar-3ps-pas  
'Ram disse que comprou uma casa.' / 'Ram said that he bought a house'.

Enquanto é característico de línguas de sujeito nulo consistente

- i) *não* possuir sujeito nulo indefinido/genérico (correspondente ao “*one*” do inglês) e
- ii) permitir sujeito nulo definido de 3ª pessoa *mesmo sem ser controlado* por uma sentença anterior.

No mesmo trabalho, Holmberg, Nayudu & Sheehan (2009, p. 61) apresentam uma seção a respeito de sujeitos nulos que *não* são permitidos em línguas de sujeito nulo parcial. Nessa seção, eles afirmam que os sujeitos nulos nas línguas de sujeito nulo parcial são a) opcionais em alguns contextos nos quais seriam obrigatórios em línguas de sujeito nulo consistente e excluídos em línguas não-sujeito nulo e b) excluídos em alguns contextos nos quais seriam permitidos em línguas de sujeito nulo consistente. Para exemplificar, os autores apresentam a seguinte frase:

c. “João<sub>1</sub> disse que ele<sub>1</sub> comprou uma casa”

Nesse exemplo, em uma língua não *pro-drop*, o sujeito *precisa* ser pronominal. Já em uma língua de sujeito nulo consistente, o sujeito *precisa* ser nulo. Por outro lado, em uma língua de sujeito nulo parcial, o sujeito pode *opcionalmente* ser nulo, ainda que possa haver diferença de interpretação ao usar sujeito nulo ou pronominal.

O exemplo seguinte apresenta um fenômeno diferente:

d. “João<sub>1</sub> disse que ele<sub>2</sub> comprou uma casa.”

---

<sup>3</sup> Os exemplos apresentados a respeito do artigo de Holmberg, Nayudu & Sheehan (2009) foram retirados do trabalho dos referidos autores.





que licenciam sujeitos nulos”. Enquadrar as línguas em categorias não é uma tarefa trivial, já que, como vimos, elas não se comportam da mesma forma no licenciamento de sujeitos nulos. Nesse sentido, Veríssimo diz o seguinte:

na medida em que mais línguas de origens diversas foram sendo analisadas [...] os dados começaram a revelar que o parâmetro do sujeito está relacionado a casos que vão além de uma simples marcação binária sobre a admissibilidade ou não de sujeitos nulos. Ou seja, o comportamento das línguas não se limitava ao licenciamento ou não de sujeitos nulos em contextos bem especificados, mas abarcava diferentes possibilidades que envolviam restrições em maior ou menor grau à expressão fonológica do sujeito. Tornou-se evidente que as propriedades demonstradas pelo sujeito nulo são determinadas por fatores gramaticais mais complexos, que não podem ser captados por uma simples binariedade nas opções (Veríssimo, 2017, p. 80).

Figueiredo Silva (2007) apresenta uma proposta interessante a respeito da tipologia de sujeitos nulos nas línguas naturais.

Tabela 1: Tipologia dos sujeitos nulos existentes nas línguas humanas

Sujeito nulo consistente	Sujeitos referencias podem ser nulos – na situação discursiva adequada (italiano e português europeu). É a flexão dita “rica” que garante a interpretação para eles.
Sujeito nulo radical	Argumentos em geral podem ser nulos (chinês e japonês). Nessas línguas não há qualquer marca flexional para garantir sua interpretação, advinda então do discurso, ao que tudo indica.
Sujeito nulo parcial	Sujeitos nulos referenciais são possíveis, mas num conjunto bastante restrito de contextos, ou com interpretação genérica ou indefinida (português brasileiro e finlandês). Essas línguas não apresentam flexão “rica” como a do italiano, por exemplo.
Sujeito nulo expletivo	Apenas expletivos podem ser nulos, jamais sujeitos com interpretação referencial (alemão e do crioulo haitiano). Essas línguas tampouco desfrutam de sistemas flexionais ricos, ainda que haja bastante variação no número e tipo de marcas flexionais encontradas.
Sem sujeito nulo	Nenhum tipo de sujeito nulo é admitido (inglês e francês) <sup>4</sup> . Nessas línguas o sistema flexional é reconhecidamente empobrecido.

Fonte: Figueiredo Silva (2007, p. 196).

De todo modo, não é da alçada desta tese propor uma tipologia das línguas com relação ao parâmetro *pro-drop*. Nesse trabalho, consideramos que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial (cf. Rodrigues, 2004; Holmberg, 2005; Roberts & Holmberg 2010; e, Gravina, 2014) e, portanto, serão investigados quais os contextos de ocorrência de sujeitos nulos em PB, a fim de descobrir quais os fatores que licenciam o uso residual de sujeitos nulos nessa língua.

<sup>4</sup> De acordo com Haegeman (1990), línguas de sujeito expresso, isto é, línguas +*pro-drop* também permitem sujeitos nulos em alguns casos. Como em contextos discursivos nos quais o sujeito nulo pode ser pragmaticamente identificado.

Duarte (1995, p. 29) aponta que houve, em PB, uma mudança gradual na expressão do sujeito, culminando na perda do Princípio Evite Pronome. A autora relata que a intuição subjacente ao Princípio Evite Pronome está no trabalho de Chomsky (1981), que afirma que “o Princípio Evite Pronome pode ser considerado como um subcaso do princípio conversacional de não se dizer mais do que é necessário” (Chomsky, 1981, p. 65). É também Duarte (1995, p. 29) quem pontua que “essa mesma intuição que associa um aspecto funcional a um princípio da gramática” está presente na obra de Rizzi (1988), que afirma o seguinte:

the use of pronounced material is legitimate only when necessary to convey the intended meaning, within the constraints of UG and of the particular grammar. This implies that, given the existence of a zero pronominal option, in languages like Italian, the overt form will be limited to the cases in which is necessary (Rizzi, 1988, p. 15).

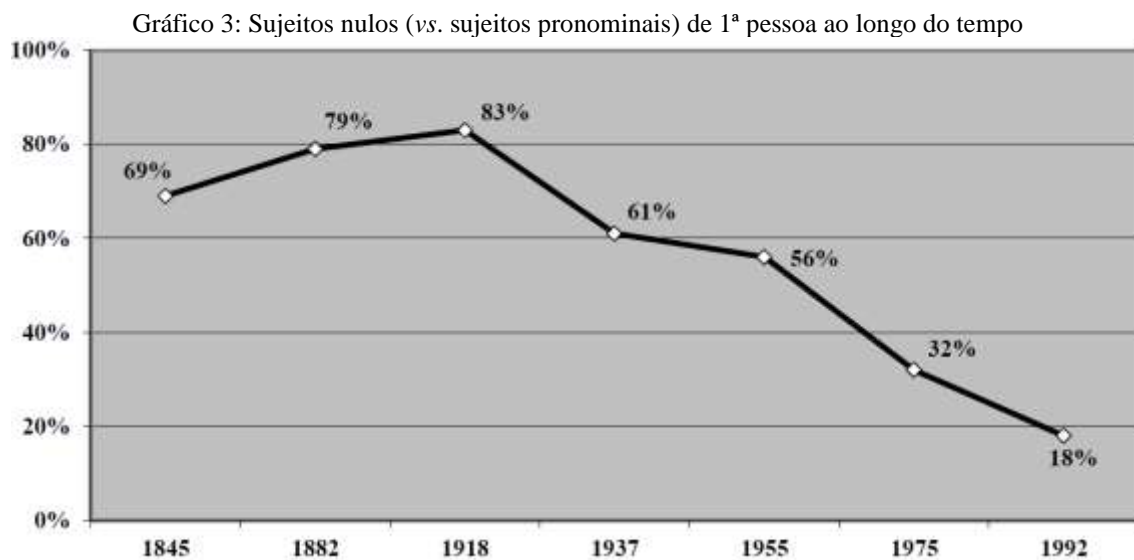
Dessa forma, Duarte (1995, p. 29 e 30) afirma que, em PB, “o sujeito nulo já não se encontra em distribuição complementar como pronome pleno. Ele é antes uma *opção* que se realiza cada vez menos em favor deste, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença”. Isso mostra um distanciamento do PB das demais línguas de sujeito nulo do grupo romântico, línguas nas quais sujeitos nulos e expressos estão em distribuição complementar, de acordo com Calabrese (1986), *apud* Duarte (2020, p. 77), que diz o seguinte:

Quando o antecedente é esperado, o sujeito é necessariamente nulo, como mostra Calabrese (1986) para o italiano; caso contrário, o pronome pode ser expresso e deve ser, no caso de ambiguidade, ênfase e contraste. O que faz um referente ser “fortemente esperado” é o fato de ele ser o sujeito de uma oração precedente, seja ela uma matriz ou uma subordinada [...] Tanto Calabrese (1986) quanto Fernández Soriano (1989) chamam a atenção para a existência de uma complementaridade entre sujeitos pronominais nulos e expressos em italiano e espanhol, respectivamente. Assim, quando o referente é esperado o sujeito nulo é obrigatório; o uso de um pronome pleno, em tal caso, implica uma referência disjunta ou a inaceitabilidade da sentença (Duarte, 2020, p. 77).

Sendo, portanto, o sujeito nulo uma *opção*, nos termos de Duarte, ou seja, estando o sujeito nulo em variação com o sujeito pronominal em PB atual, e tendo em vista que sujeitos nulos são menos frequentes do que de sujeitos pronominais, buscaremos definir os contextos nos quais optamos (ou podemos optar) pelo sujeito nulo em PB.

Voltando ao estudo de Duarte (1995), um fato interessante e que vale destaque é que a autora verificou que a mudança no quadro dos sujeitos não se deu de forma igual para todas as pessoas gramaticais; foi possível observar uma tendência de preenchimento

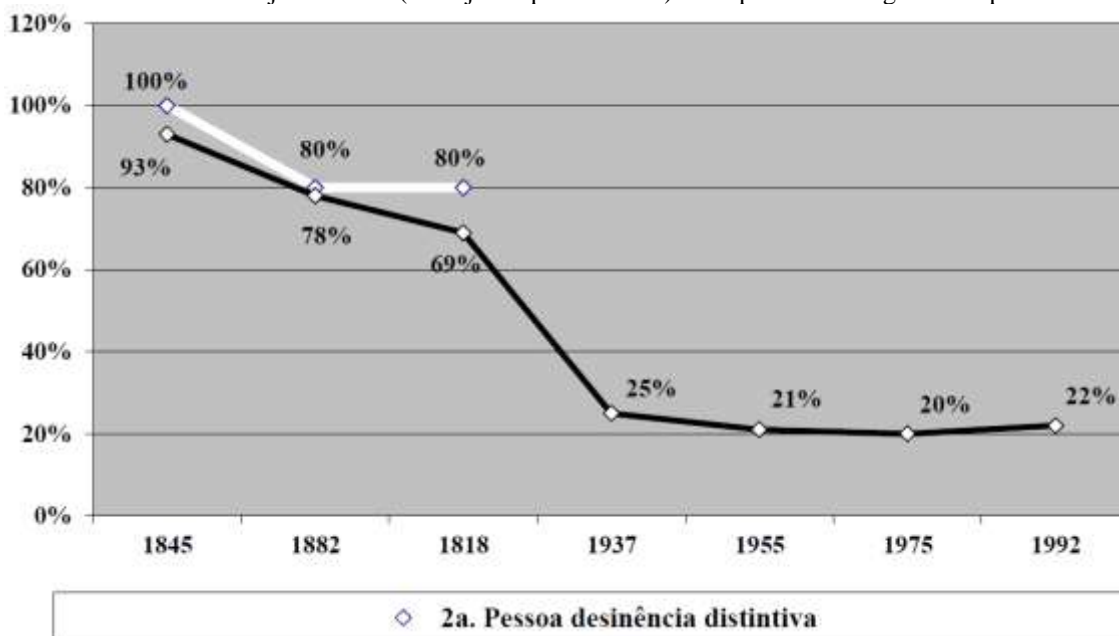
mais alto para primeira e segunda pessoas, e outra tendência, com índices mais baixos de preenchimento pronominal, para terceira pessoa. Essas tendências podem ser observadas nos três gráficos a seguir, que mostram os dados encontrados por Duarte (1995):



Fonte: Duarte (2018) p. 91

No gráfico acima, vemos que os sujeitos nulos (vs. pronominais) de 1ª pessoa passam por um leve aumento nos três primeiros períodos analisados (69% em 1845, 79% em 1882 e 83% em 1918). Nos períodos seguintes, as ocorrências de sujeitos nulos entram em declínio, chegando a 18% em 1992.

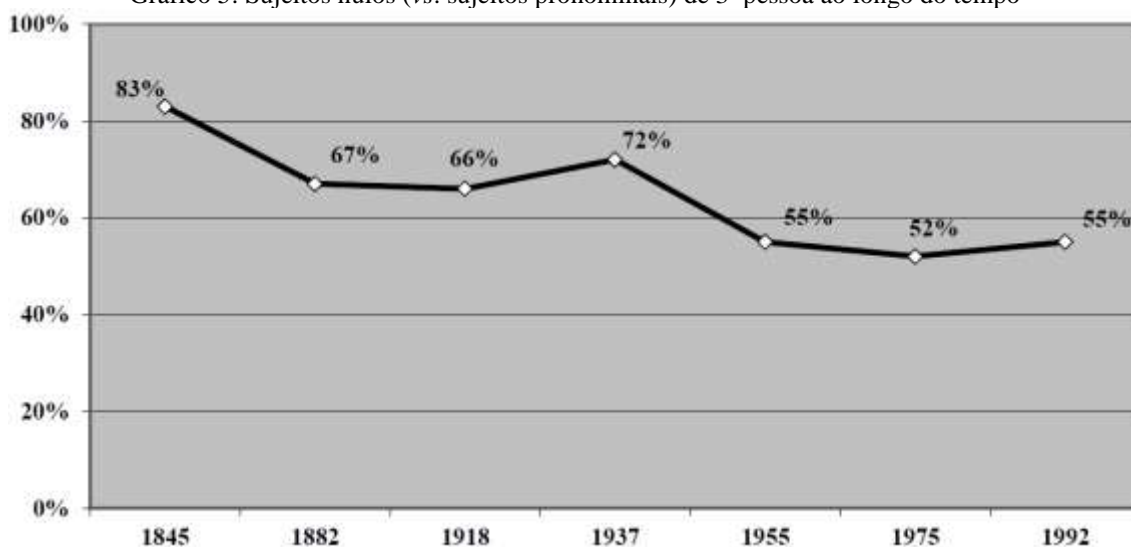
Gráfico 4: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais) de 2ª pessoa ao longo do tempo



Fonte: Duarte (2018) p. 89.

No gráfico acima, que apresenta os dados da 2ª pessoa, temos os dados divididos para verbos nos quais há uma desinência única de pessoa gramatical (relacionados à pessoa “tu”) e para verbos nos quais a morfologia é sincrética (relacionados à pessoa “você”). A partir de 1937, o pronome “tu” deixa de aparecer nas peças analisadas por Duarte, nas quais aparece apenas o pronome “você”. Dessa forma, para a 2ª pessoa, vemos um forte decréscimo de sujeitos nulos ao longo do tempo, pois eram quase categóricos em 1845 e passam a constituir apenas 22% dos sujeitos em 1992.

Gráfico 5: Sujeitos nulos (vs. sujeitos pronominais) de 3ª pessoa ao longo do tempo



Fonte: Duarte (2018) p. 89.

Já com relação à 3ª pessoa, não verificamos uma queda tão significativa como ocorreu com a 1ª e 2ª pessoas. Também houve um decréscimo no uso de sujeitos nulos de 3ª pessoa, mas, como mostrou Duarte, a mudança para a 3ª pessoa ocorreu de forma diferente. Nas palavras da autora,

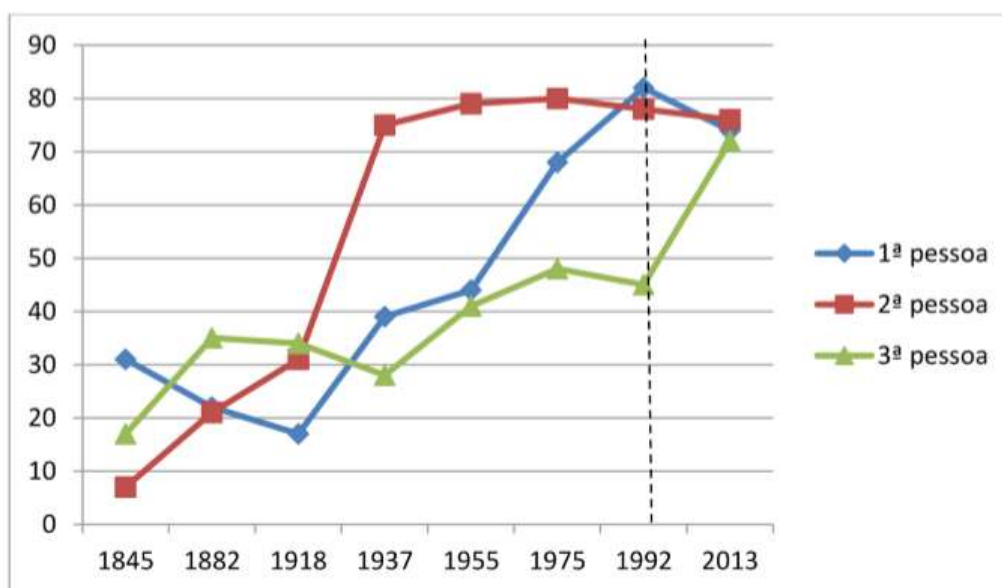
os efeitos da erosão do paradigma flexional/pronominal na perda do uso do sujeito nulo se fazem sentir gradualmente e não atuam uniformemente sobre todas as pessoas gramaticais. No caso do português, os resultados sugerem que a segunda pessoa foi a um só tempo a detonadora da mudança – graças à sua substituição pelos pronomes de tratamento (você(s), o(s) senhor(es)), que se combinam com formas verbais de terceira pessoa – e a que mais rapidamente incorporou seus efeitos, mostrando-se como um processo de mudança mais adiantado (Duarte, 1995, p. 49).

Foram propostas duas diferentes hipóteses para dar conta desse desequilíbrio entre as diferentes pessoas gramaticais, como mostram Soares, Miller & Hemforth:

- (i) The Hierarchy of Referentiality Hypothesis (HRH): The relative number of null subjects in the third persons is higher than in the others because third persons tend to be lower on a natural scale, the “Hierarchy of Referentiality”: third persons NPs have inanimate or non-specific referents (as illustrated in examples 1a and 1b respectively) more frequently than the other discourse persons (Cyrino et al. 2000, Duarte, Mourao & Santos 2012, Duarte, Mourao & Guimaraes 2012, Kato & Duarte 2014).
- (ii) The Semantic Gender Hypothesis (SGH): Null subjects are preferably used to refer to a specific class of referents, namely those which have a negative value for the feature “Semantic Gender” ([–semantic gender]) (Creus & Menuzzi 2004, Othero & Spinelli 2017, 2019a,b), such as (1a) and (1b), as opposed to (2). This is due to the fact that [+semantic gender] referents are similar to those of the other discourse persons (Soares, Miller & Hemforth, 2020, p. 3).

Por causa dessa distinção entre como se deu a mudança para 1ª e 2ª pessoas e a 3ª pessoa, Othero & Spinelli (2019), embasados no estudo de Duarte, deram continuidade à pesquisa em termos diacrônicos: analisaram peças teatrais, como fez Duarte; porém, utilizaram como *corpus* peças teatrais recentes. Um dos objetivos desse estudo foi verificar se, ao longo do tempo, o PB continuava favorecendo o uso de pronomes em função de sujeito. Abaixo, apresentamos em gráfico (cf. Othero & Spinelli, 2019a, p. 16) os dados de Duarte (dados de peças teatrais populares entre os anos de 1845 e 1992) e os dados de Othero & Spinelli (dados de peças teatrais de 2011 e 2013):

Gráfico 6: Sujeitos expressos nos séculos XIX, XX e XXI em PB



Fonte: Othero & Spinelli (2019a, p. 16).

Como podemos perceber, desde os dados de Duarte até os de Othero & Spinelli, há uma mudança no sistema pronominal: os sujeitos eram preferencialmente nulos, para todas as pessoas gramaticais e passaram por um processo de mudança. Essa mudança não foi igual e simultânea para todas as pessoas, o que podemos notar especialmente através da análise de Duarte, como apresentado acima – primeira e segunda pessoas preferiram sujeitos expressos antes que a terceira pessoa em PB. Othero & Spinelli vêm, então, mostrar que sincronicamente há um equilíbrio, todas as pessoas gramaticais preferem sujeitos expressos pronominalmente, em simetria. Ainda assim, há ocorrência de sujeitos nulos; então, resta descobrir o que licencia o uso restrito de sujeitos nulos em PB.

De todo modo, como bem apontam Duarte, Mourão e Santos (2012, p. 23), nos primeiros períodos analisados é possível observar “um comportamento prototípico de língua de sujeito nulo do grupo românico: o sujeito expresso é a forma “marcada” em termos de frequência. O *default*, como esperado, é o sujeito nulo”. Como neste trabalho encontramos como forma mais frequente o sujeito pronominal, e esse resultado de frequência tem sido evidenciado desde Duarte (1995) e Othero & Spinelli (2019a, b), por exemplo, assumimos que o que acontece agora em PB é justamente o oposto. O *default*, em termos de frequência, é o sujeito pronominalmente expresso, sendo, então, o sujeito nulo a forma menos frequente, acontecendo em contextos restritos, os quais investigamos. Na busca por encontrar os contextos nos quais sujeitos nulos podem ocorrer em PB,



levaremos em conta os fatores explicitados na hipótese, e falaremos sobre cada um deles a seguir.

## 2. 1 Morfologia verbal

De acordo com Chomsky (1981, p. 241), a morfologia verbal poderia recuperar um sujeito omitido pronominalmente. Essa relação entre morfologia verbal e sujeito omitido pode ser exemplificada nas sentenças abaixo. Em (3), podemos recuperar o sujeito através da morfologia verbal – já que o verbo possui uma desinência exclusiva para a pessoa gramatical, o que não ocorre na sentença em (4) – já que é um exemplo no qual o verbo possui morfologia sincrética, de maneira que o sujeito não pode ser identificado através do verbo:

3) Ø Mangio la pizza (italiano)

4) \*Ø/I eat the pizza (inglês)

Compare o sistema flexional do italiano com o do inglês, na tabela 2:

Tabela 2: Sistema flexional italiano e inglês – presente

Italiano – “mangiare”		Inglês – “to eat”	
Io	mangio	I	eat
Tu	mangi	You	eat
Lui Lei	mangia	He/She/It	eats
Noi	mangiamo	We	eat
Voi	mangiate	You	eat
Loro	mangiano	They	eat

Fonte: a autora.

Analisando a tabela 2, na qual comparamos o sistema flexional do italiano e do inglês com o verbo ‘comer’ no tempo presente do modo indicativo, fica evidente que, em italiano, o sujeito pode ser identificado através da morfologia, pois em cada um dos verbos há a desinência de número/pessoa. O sujeito, nessa língua, pode ser omitido, pois

é recuperado na morfologia. Já em inglês, o mesmo não se verifica. Nessa língua, apenas a 3ª pessoa singular possui uma desinência única, de maneira que o sujeito não pode ser identificado na morfologia verbal. Por isso, o sujeito é obrigatoriamente expresso. Na próxima tabela temos os mesmos verbos nas mesmas línguas, porém conjugados do pretérito.

Tabela 3: Sistema flexional italiano e inglês – pretérito

Italiano – “mangiare”		Inglês – “to eat”	
Io	<b>ho</b> mangiato	I	ate
Tu	<b>hai</b> mangiato	You	ate
Lui Lei	<b>ha</b> mangiato	He/She/It	ate
Noi	<b>abbiamo</b> mangiato	We	ate
Voi	<b>avete</b> mangiato	You	ate
Loro	<b>hanno</b> mangiato	They	ate

Fonte: a autora

Na tabela acima, vemos que a situação se repete: em italiano, há formas exclusivas para cada pessoa gramatical, enquanto em inglês, há apenas uma forma verbal para todas as pessoas (até a única desinência exclusiva que aparece no presente eat-s “some” no pretérito). Sendo assim, mais uma vez a morfologia verbal se mostra capaz de exponenciar o sujeito em italiano, enquanto em inglês é necessário expressar o sujeito foneticamente.

Até o trabalho de Huang (1984), parecia evidente que o licenciamento de sujeitos nulos em uma língua estaria relacionado com a morfologia no seguinte sentido: se uma língua possui morfologia rica, sujeitos nulos podem ocorrer (como em italiano, por exemplo, que licenciaria a ocorrência de sujeitos nulos por possuir um sistema de morfologia verbal rico, cf. tabelas 2 e 3); já se uma língua possui morfologia pobre, sujeitos nulos são proibidos (como em inglês, por exemplo, que, como vimos nas tabelas 2 e 3, apresenta desinências sincréticas). Porém, em seu trabalho, Huang mostrou que há línguas, como o chinês e o japonês, por exemplo, que, apesar de não terem morfologia

rica, licenciam sujeitos nulos<sup>5</sup>. Dessa forma, a morfologia mostrou-se incapaz de explicar o fenômeno do sujeito nulo, ao menos de maneira independente. Como aponta Duarte (1995, p. 2), “desde o trabalho de Huang (1984), a relação entre flexão rica e sujeito nulo deixou de ter **exclusividade** nos processos de licenciamento e recuperação do conteúdo do sujeito nulo” (ênfase nossa). Aqui frisamos a palavra exclusividade, pois, como será exposto ao longo do trabalho, parece realmente que a relação morfologia ~ sujeito nulo deixou de ter **exclusividade**, o que não quer dizer que a morfologia não desempenhe mais nenhum papel nessa relação. Segundo Jaeggli & Safir (1989), mesmo que diferentes teorias designem um papel diferente à relação entre sistema flexional e sujeitos nulos, todas concordam que essa relação permite (ou ajuda a permitir) sujeitos nulos. Nas palavras dos autores,

the connection between agreement and identification of null subjects has been implicit in all studies of these phenomena (including studies in the prescriptive tradition). More recently, this relation has become the core property associated with null subject phenomenology. While different theories assign a different role to this relation, all of them agree that it is the special status of the inflectional system of a language and its agreement markers that allows null subjects (Jaeggli & Safir, 1989, p. 21).

Entretanto, em seguida Jaeggli & Safir ressaltam que, por outro lado, a concordância de pessoa e número não garante necessariamente a opção de sujeitos nulos. Eles afirmam que “the presence of person and number agreement in a particular construction, on the other hand, does not necessarily guarantee the null subject option” (Jaeggli & Safir, 1989, p. 21).

Duarte (1993, p. 112) aponta que há relação entre a perda dos paradigmas flexionais do PB e a perda gradual da preferência por sujeitos nulos. A autora afirma que “o sujeito nulo deixa, pois, de ser obrigatório para ser opcional, não havendo mais uma relação direta entre flexão distintiva e sujeito nulo” (Duarte, 1995, p. 126). Na tabela abaixo (adaptada de Duarte, 1993, p. 109), podemos observar, através de três períodos, como o paradigma flexional do PB ficou empobrecido:

---

<sup>5</sup> Houve uma tentativa de incorporar línguas como o chinês ao parâmetro, a “Teoria da Unidade Morfológica”, de Jaeggli & Safir (1989). Para os autores, o que licenciaria o sujeito nulo seria um paradigma de morfologia verbal uniforme.

Tabela 4: Empobrecimento do paradigma flexional do PB<sup>6</sup>

Pessoa gramatical	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª singular	(EU) fal <b>o</b>	(EU) fal <b>o</b>	(EU) fal <b>o</b>
2ª singular	(TU) fal <b>a</b> (VOCÊ) fal <b>∅</b>	(VOCÊ) fal <b>∅</b>	(TU) fal <b>a</b> (VOCÊ) fal <b>∅</b>
3ª singular	(ELE/ELA) fal <b>∅</b>	(ELE/ELA) fal <b>∅</b>	(ELE/ELA) fal <b>∅</b>
1ª plural	(NÓS) fal <b>amos</b>	(NÓS) fal <b>amos</b>	(NÓS) fal <b>amos</b> (A GENTE) fal <b>∅</b>
2ª plural	(VÓS) fal <b>ais</b>	(VOCÊS) fal <b>am</b>	(VOCÊS) fal <b>am</b>
3ª plural	(ELES/ELAS) fal <b>am</b>	(ELES/ELAS) fal <b>am</b>	(ELES/ELAS) fal <b>am</b>

Fonte: Adaptado de Duarte (1993, p. 109).

Repare que o sistema verbal do PB é ainda mais sincrético no pretérito imperfeito:

Tabela 5: Paradigma flexional do PB – pretérito imperfeito

Pessoa gramatical	Paradigma pretérito
1ª singular	(EU) fal <b>ava</b>
2ª singular	(TU) fal <b>ava</b>   (VOCÊ) fal <b>ava</b>
3ª singular	(ELE/ELA) fal <b>ava</b>
1ª plural	(NÓS) fal <b>ávamos</b>   (A GENTE) fal <b>ava</b>
2ª plural	(VOCÊS) fal <b>avam</b>
3ª plural	(ELES/ELAS) fal <b>avam</b>

Fonte: A autora.

Como se pode observar pela tabela 4, no momento 1 o PB contava com 6 formas distintas em seu paradigma verbal, com apenas um sincretismo (entre você x ele|ela); já

<sup>6</sup> Na verdade, em algumas variedades do PB, pode haver uma morfologia ainda mais empobrecida, com apenas duas desinências distintas: uma para ‘eu’ (fal**o**) e outra para ‘tu/você/ele(a)/nós(nóis)/eles(as)’ (fal**a**).

no momento 3, há mais sincretismos (entre tu x você x ele | ela x a gente e também entre vocês x eles | elas). Duarte (1993, p. 110) afirma que “com um paradigma de tal forma empobrecido ou enfraquecido, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal”. Ou seja, se antes tínhamos um paradigma flexional mais rico, o sujeito poderia ser ocultado foneticamente, pois seria identificado pela morfologia verbal. Tendo em vista a mudança no paradigma, a morfologia já não seria suficiente para identificar os sujeitos, que então, passaram a ser expressos pronominalmente.

Soares, Miller & Hemforth (2019) fizeram um estudo quantitativo a respeito do efeito da concordância verbal no uso de sujeitos nulos e pronominais, com relação à primeira pessoa em PB. Nesse estudo, os autores fazem uma reanálise do *corpus* usado por Duarte (1995), o *corpus* de entrevistas orais do Projeto NURC – Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nas palavras dos autores,

the new analysis was carried out for two main reasons: (i) from a data perspective, some of the criteria used to exclude certain data were too restrictive, such as the fact that no “contrastive” subjects were taken into consideration; and (ii), from a technical perspective, thanks to new analytical toolkits, such as new statistical packages, relevant factors and correlations might be discovered that could not have been discovered at the time (Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3585).

Além disso, no mesmo estudo, foram feitos dois experimentos aplicados a falantes nativos do PB.

A respeito do estudo de *corpus*, os autores mostram que

the crucial case for evaluating the effects of the impoverishment of verbal morphology on the choice between overt and null subjects in present-day BP is the first-person singular inflectional marking system. Contrary to second-person markers, which systematically converge with the third person, leading to the precipitous increase in the number of overt subjects [...], first-person subjects differ according to Tense Type [...]. Some tenses have an exclusive marking for first-person singular, others are ambiguous. If verbal inflectional marking is a significant factor in the choice between an overt or a null subject, the Tense Type of the verb should be a significant factor in the choice of null vs. overt subjects for the first-person singular. But it should not interact with the third discourse person singular and plural, since the forms for these are systematically ambiguous with those of the second discourse singular and plural, irrespective of the Tense Type of the verb. The results obtained in this study partially support this prediction (Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3586).

A partir da análise de dados do *corpus*, os autores afirmam que foi encontrado um efeito na relação entre morfologia verbal e expressão do sujeito. Segundo eles “when the first-person singular is used in a Tense Type that does not exclusively reveal the discourse person of the subject, the overt form is preferred to the null form” (Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3586).

O primeiro experimento do estudo foi feito para testar se as desinências verbais ambíguas influenciariam na aceitabilidade de sujeitos nulos ou pronominais. Esse experimento se deu de forma online, foi um teste de aceitabilidade aplicado a 27 participantes, no qual havia uma sentença alvo de contexto e duas respostas possíveis: em uma das respostas, havia um verbo com morfologia única, na outra, um verbo com morfologia sincrética/ambígua, e então os participantes deveriam marcar de um (estranha) a dez (normal) qual a aceitabilidade da sentença (que poderia conter sujeito nulo ou pronome combinados com os verbos de desinência exclusiva ou sincrética/ambígua), cf. figura a seguir:

Figura 2: Exemplo sentença tarefa 1 teste 1

*O Cláudio andava estressado demais. Você sabe quando ele ficou mais tranquilo?*

Eu acalmei o Cláudio quando ia repetir as notícias da rádio.

(Estranha)           (Normal)

*Clique nos números de 1 a 10 para avaliar a resposta acima à pergunta em itálico.*

Fonte: Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3589.

Posteriormente, os participantes também deveriam responder uma pergunta fechada, já que na sentença apresentada havia dois antecedentes possíveis, aqui o interesse era averiguar com qual referente o participante ligou o verbo, como mostra a figura abaixo:

Figura 3: Exemplo sentença tarefa 2 teste 1

**Era o Cláudio quem ia repetir as notícias da rádio?**

**1. Sim.**

**2. Não.**

Fonte: Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3589.

A partir dos resultados desse experimento, os autores mostram que “the combination of an ambiguous Tense Type with a null Subject reduces the acceptability of the sentence” (Soares, Miller & Hemforth, 2020, p. 3590).

No segundo experimento, a ideia foi testar apenas o efeito da morfologia verbal e sua relação com a expressão do sujeito, sem haver competição entre antecedentes possíveis, como no teste 1. Para tanto, foi apresentado a outros 24 participantes um pequeno contexto sobre o qual eles deveriam responder uma pergunta a partir da sua interpretação, no mesmo padrão da sentença da tarefa 2 do teste 1. Abaixo há um exemplo de contexto e de frases que poderiam aparecer aos participantes:

Figura 4: Exemplo sentença tarefa 2

**Context:**

A – A Maria estava muito nervosa. Você sabe quando ela ficou mais calma?

“Mary was very nervous. Do you know when she’s got calmer?”

**Conditions (a) and (b)**

B – Eu<sub>i</sub> resolvi o problema quando eu<sub>i/\_1</sub> divulguei os resultados do exame.

I solve.PST.ISG the problem when I publish.PST.ISG the results of.the exam.

“I solved the problem when I published the results of the exam.”

**Conditions (c) and (d)**

B – Eu<sub>i</sub> resolvi o problema quando eu<sub>i/\_1</sub> ia divulgar os resultados do exame.

I solve.PST.ISG the problem when I was.going to publish.INF the results of.the exam.

“I solved the problem when I was going to publish the results of the exam.”

Fonte: Soares, Miller & Hemforth, 2019, p. 3592.

Com base nesse segundo experimento, os autores informam que “the only relevant significant effect was an overall dispreference for overt pronouns” (Soares, Miller & Hemforth, 2020, p. 3592).

Dessa forma, Soares, Miller & Hemforth (2019, p. 3591) concluem que os falantes em geral não aceitam bem frases nas quais há ambiguidade gerada por uma marcação verbal não única, cujo verbo está ligado a um sujeito nulo. Por outro lado, os falantes parecem ser indiferentes à marcação redundante, isto é, o sujeito expresso tanto na flexão verbal quanto no pronome. Ou seja, a ambiguidade é claramente notada pelos falantes, enquanto a redundância é indiferente. Os autores apontam, ainda, que, quando os verbos são sincréticos, há uma diminuição de sujeitos nulos no *corpus* e também uma diminuição na aceitabilidade de sentenças (sem sujeitos expressos).

## 2.2 Traços semânticos

### 2.2.1 [+/-Humano & +/-Específico]

Instigadas pelo trabalho de Tarallo (1983) – que mostrou pela primeira vez o decréscimo no uso de sujeitos nulos e o aumento no uso de objetos pronominais – Cyrino, Duarte & Kato (2000) investigaram os dois fenômenos e buscaram uma explicação unificada para eles. De acordo com o trio de linguistas:

If null subjects are licensed by ‘rich’ morphology (Taraldsen 1978; Jaeggli & Safir 1989; Roberts 1993), and if BP’s agreement inflection has been undergoing a change in the Direction of a poorer morphology, the decrease of null subjects is justified. But, it is a Mystery why the null object should have undergone the opposite trend over time.

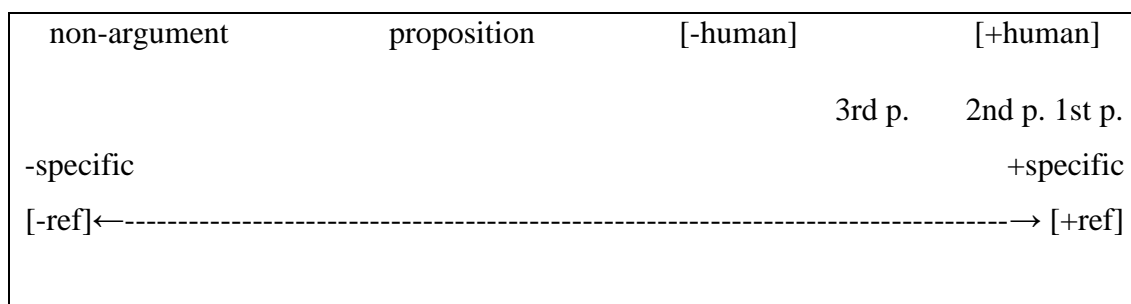
If, on the other hand, null subjects and objects in BP are like those in Chinese (see Huang 1984), in that they are not identified by inflection, but rather ‘controlled’ by a co-referent [...], one might expect that, for functional reasons, one or the other, or both, could be null. However, one would not expect the asymmetry found in PB (Cyrino, Duarte & Kato, 2000, p. 55).

Na busca de uma explicação para o uso de categorias vazias ou pronomes expressos nas funções de sujeito e de objeto do PB, Cyrino, Duarte & Kato propuseram



uma hierarquia de referencialidade, na qual elementos no ponto mais alto da escala seriam retomados por formas pronominais, enquanto elementos no ponto mais baixo da escala seriam retomados por formas nulas, cf. apresentado na figura 5. As autoras apresentam essa hierarquia baseadas na ideia de que “cross-linguistically, referentiality is highly relevant for pronominalization” (Cyrino, Duarte & Kato, 2000, p. 58).

Figura 5: Hierarquia de referencialidade



Fonte: Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59)

Supondo que, quanto mais à direita, mais elevado é o ponto da hierarquia, é possível notar que elementos que possuem o traço [+humano] configuram o topo, e, portanto, tendem a ser retomados por pronomes expressos. No ponto oposto, bem à esquerda, seria o nível mais baixo, no qual há elementos não argumentais, que são mais comumente retomados por categorias vazias. Em seu estudo, Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 55) se baseiam em “facts found in two independent studies working specifically with the diachronic distribution of null and full pronouns in subject position (Duarte 1993, 1995) and in object position (Cyrino 1993, 1994)”.

Duarte (2020) faz uma trajetória da perda dos sujeitos nulos do PB, revisitando os dados encontrados por ela em trabalhos anteriores. Nesse estudo, a autora diz que a Hierarquia de Referencialidade proposta em Cyrino, Duarte & Kato (2000) mostra que

mudanças em direção a pronomes nulos ou plenos são guiadas por uma hierarquia de referencialidade: se a direção é o preenchimento, a mudança se implementa a partir dos itens mais referenciais, que carregam o traço inerentemente [+humano], como é o caso dos sujeitos de 1ª e 2ª pessoas; se a direção é no sentido de uma categoria vazia, a mudança se inicia pelos itens menos referenciais, como é o caso da implementação do objeto nulo (Cyrino 1994), que começa pelos antecedentes proposicionais (oracionais ou neutros), só alcançando mais tarde os referentes com o traço [-humano] e resistindo com os de traço [+humano].

É possível, então, associar a perda gradativa do sujeito nulo à redução do paradigma flexional com um importante efeito colateral: o surgimento de um paradigma de pronomes pessoais com o traço [-humano], que, embora se implemente gradativamente, é uma diferença crucial na distinção entre línguas [+sujeito nulo] e [-sujeito nulo] do grupo românico. Itens inerentemente [+humanos] se tornam foneticamente expressos mais rapidamente e aqueles em que interagem os traços [+/-humano] e [+/-específico] resistem mais lentamente se o referente é [-humano] e [-específico] (Duarte, 2020, p. 82).

Duarte, Mourão & Santos (2012) fazem um estudo revisitando o estudo de Duarte (1993), aumentando a amostra e reanalisando os dados da 3ª pessoa, levando em conta os traços [+/-humano] e [+/-referencial] – traços apresentados na escala de referencialidade. Os autores apresentam sua análise diacrônica de dados, a partir da análise de peças teatrais escritas entre 1833 e 1992 (que, como dito anteriormente, são uma boa alternativa para buscar acessar a língua falada de outras sincronias). Vejamos os resultados:

Tabela 6: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) a partir dos traços da escala de referencialidade

<b>Período</b>	<b>[+h/+esp]</b>	<b>[+h/-esp]</b>	<b>[-h/+esp]</b>	<b>[-h/-esp]</b>
<b>I (1833/1847)</b>	28/99 28%	0/1 0%	0/12 0%	0/2 0%
<b>II (1860/1889)</b>	56/152 37%	1/4 25%	1/16 6%	0/10 0%
<b>III (1918/1920)</b>	45/102 44%	2/10 20%	2/28 7%	0/1 0%
<b>IV (1933/1949)</b>	48/164 29%	0/3 0%	3/44 7%	1/24 4%
<b>V (1954/1955)</b>	53/123 43%	2/11 18%	2/15 13%	0/6 0%
<b>VI (1975/1979)</b>	61/103 59%	4/24 17%	5/13 38%	0/1 0%
<b>VII (1990/1992)</b>	95/148 64%	3/4 75%	6/25 24%	0/3 0%
<b>Total</b>	235/889 43%	12/56 21%	19/153 12%	1/47 2%

Fonte: Adaptado de Duarte, Mourão & Santos (2012, p. 36)

Com base nesses resultados, os autores afirmam que

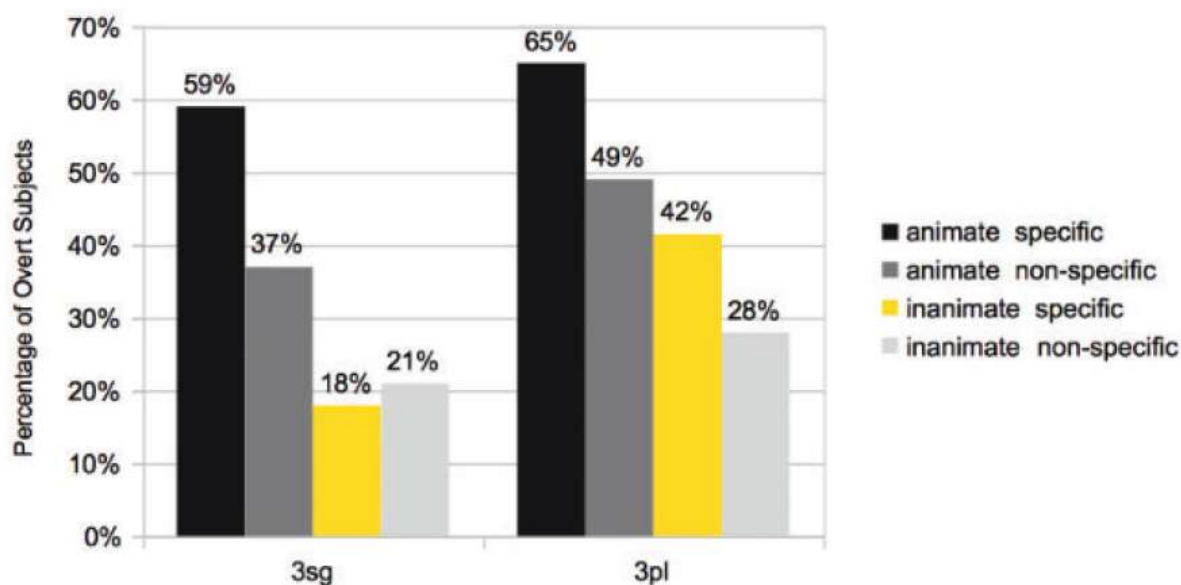
a tabela confirma o papel da hierarquia de referencial na implementação do sujeito expresso, com destaque para o traço [+humano] associado ao traço [+específico], como se vê na primeira coluna: de 28% de sujeitos nulos com esse traço, chegamos a 64% na última sincronia (Duarte, Mourão & Santos, 2012, p. 36).

Realmente podemos notar um aumento expressivo no uso de sujeitos pronominais ao longo do tempo, especialmente quando olhamos para as duas primeiras colunas, que

apresentam referentes com o traço [+humano]. Entretanto, fica difícil apresentar generalizações a partir da análise feita com base nos traços em questão, já que os referentes [+h/+esp] deveriam apresentar um alto número de sujeitos pronominais, e, no entanto, somam pouco mais da metade. Desse modo, podemos ver tendências, mas não generalizações definitivas. Por outro lado, poderíamos pensar que apenas os traços [-hum/-esp] dariam conta de explicar os sujeitos nulos, pois foram encontrados apenas 47 sujeitos pronominais com esses traços ao longo dos sete períodos. Porém, há sujeitos nulos ocorrendo com todas as outras combinações de traços.

Soares (2017) também analisa um *corpus* utilizado por Duarte (1995) em seu estudo, o NURC-RJ. O autor investiga o papel dos traços da escala de referencialidade ([animacidade] e [especificidade]) e mostra os seguintes resultados:

Gráfico 7: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) de 3ª pessoa



Fonte: Soares, 2017, p. 53.

Por causa desse resultado, Soares afirma que

the features Animacy and Specificity take over the purported role of the impoverishment of verbal morphology in BP and explain straightforwardly the imbalanced number of null subjects across discourse persons. However [...] **these two features are not sufficient on their own** (ênfase nossa) (Soares, 2017, p. 12).

Com base nos mesmos dados, Soares, Miller & Hemforth, (2020) dizem o seguinte:

there is a clear **tendency**: animate and specific antecedents are mostly retrieved by overt subjects while inanimate and non-specific antecedents are preferably recovered by null subjects. The third person singular subject is more frequently overt when its antecedent is animate and specific, followed by the animate non-specific antecedent, and inanimate specific and non-specific antecedents are more or less at the same level; in the third person plural, animate specific overt subjects are close in frequency to other discourse persons, followed by animate non-specific subjects, then by inanimate specific subjects with slightly lower frequency and, at the bottom of the scale, inanimate non-specific subjects (ênfase nossa) (Soares, Miller & Hemforth, 2020, p. 18).

Ou seja, novamente podemos verificar tendências, mas não generalizações definitivas a partir desse conjunto de traços, para explicar o fenômeno do sujeito em PB.

### 2.2.2 Gênero semântico

Além de Cyrino, Duarte & Kato (2000), outros pesquisadores que se debruçaram sobre a mudança pronominal do PB relacionando traços semânticos dos referentes ao preenchimento ou omissão de sujeitos e objetos são Spinelli (2018), Othero & Spinelli (2019a, b) e Othero & Goldnadel (2020). Os autores se valem da proposta de Creus & Menuzzi (2004), que investigaram a relação do gênero semântico dos referentes com a expressão de objetos diretos em PB<sup>7</sup>. Spinelli (2018) e Othero & Spinelli (2019a, b) dão um passo a mais: os autores perseguem a hipótese de que o gênero semântico seja relevante para explicar o fenômeno do sujeito nulo, além de objetos diretos anafóricos.

O gênero semântico não se equivale ao gênero gramatical, ainda que os dois possam se sobrepor. Nas palavras de Ayres (2016)

O traço de gênero semântico difere-se do traço de gênero gramatical: o primeiro é “natural”, é sobre a classificação semântica dos seres denotados por substantivos, que podem ter sexo natural identificável e reconhecível pelo falante ou não; o segundo refere-se à classificação morfosintática dos substantivos, que vai determinar suas relações de concordância gramatical. Assim sendo, pode-se dizer que todos os substantivos em português têm gênero gramatical, ou seja, todos serão, obrigatoriamente, ou do gênero masculino, ou do gênero feminino (ou de ambos os gêneros: o/a cômico, o/a poeta, etc.). O

---

<sup>7</sup> Trabalhos que corroboram a hipótese do gênero semântico e sua relação com objetos diretos anafóricos são, por exemplo, Creus & Menuzzi (2004); Pivetta (2015); Othero, Ayres, Schwanke & Spinelli (2016); Ayres & Othero (2016); Coelho, Othero & Vieira-Pinto (2017); Othero & Schwake (2018); Othero, Cyrino, Schabbach, Rosito & Alves (2018); e, Othero & Spinelli (2019a, b).

gênero gramatical pode ser marcado pelo uso do artigo definido – e temos apenas dois deles em português: o masculino o e o feminino a (o menino x a menina). Entre os substantivos, alguns possuem gênero semântico inerente e outros não<sup>18</sup>. Para exemplificar: entre os substantivos a menina, a vaca, a vítima, e a garrafa, somente os dois primeiros possuem gênero semântico inerente, mas todos possuem gênero gramatical. Ou seja, desses quatro substantivos, apesar de todos pertencerem ao gênero gramatical feminino, somente os dois primeiros pertencem à classe de substantivos com o traço [+gênero semântico]; os outros dois substantivos (“vítima” e “garrafa”) são marcados como substantivos com o traço [-gênero semântico]. Isso acontece porque o falante “reconhece” o gênero sexual a que pertencem os seres denotados pelos primeiros substantivos, mas não pelos dois últimos (Ayres, 2016, p. 22).

Creus & Menuzzi (2004, p. 16) propõem a hipótese do gênero semântico, para explicar os objetos diretos anafóricos, com base na premissa de que a diferença básica entre as formas pronominais ele/ela vs. formas nulas é que os pronomes portam traços de gênero, enquanto as formas nulas não são especificadas quanto ao gênero. Dessa forma, a escolha pelo uso de formas pronominalmente expressas ou nulas seria resultado de, nas palavras dos autores (2004, p. 7), um “processo de concordância entre antecedente e forma anafórica”, já que antecedentes com gênero semântico favoreceriam o uso de pronomes expressos porque pronomes expressos são formas anafóricas com especificação de gênero. Por outro lado, antecedentes sem gênero semântico favoreceriam o uso de formas nulas, pois formas nulas não possuem especificação para gênero semântico. Como dito anteriormente, essa hipótese foi originalmente proposta para dar conta de explicar objetos diretos, mas Othero & Spinelli (2019a, b) expandiram a proposta também na investigação de sujeitos.

Othero & Spinelli (2019a) baseiam seu estudo na análise de *corpora* falados, com diferença de mais ou menos 20 anos entre a coleta de cada um deles. Um dos objetivos do estudo foi justamente averiguar se as ocorrências de sujeitos pronominais teriam aumentado nesse intervalo de tempo. De acordo com os autores,

não houve um aumento significativo nas ocorrências de sujeito expresso nos *corpora* que analisamos, o que serve de argumento para mostrar que estamos frente a uma mudança já estabilizada na língua (e que dialoga diretamente com as propostas que classificam o PB como língua de sujeito nulo parcial (Othero & Spinelli, 2019a, p. 26).

Outro objetivo dos autores com esse estudo foi verificar se os traços [gênero semântico] ou a combinação dos traços da escala de referencialidade ([animacidade] e [especificidade]) teriam influenciado um maior uso de sujeitos pronominais. A respeito disso, os autores dizem que

a realização do pronome pleno é favorecida quando o referente tem gênero semântico marcado, tanto na função de sujeito quanto na de objeto direto anafórico, e esse favorecimento é maior e mais claro do que o que encontramos na análise com o traço de animacidade (ou sua combinação com o traço de especificidade). No entanto, nos casos em que o referente tem o traço [-gs] e o pronome está em função de sujeito, encontramos variação livre entre pronomes plenos e sujeitos nulos. Por limitações de tempo e espaço, não conseguimos explicar essa baleia branca que persegue qualquer linguista que trabalha com fenômenos variáveis ou pesquisas empíricas – a variação livre (Othero & Spinelli, 2019a, p. 26-27).

Dessa forma, fica evidente que apenas esse traço também é capaz de apontar tendências, mas não permite formular generalizações definitivas a respeito do fenômeno do sujeito em PB.

### 2.3 Padrão linear V2

O padrão linear V1 *vs.* V2 se refere à prosódia linear, ou seja, à posição preferencial dos verbos na sentença. Como dissemos anteriormente, o padrão V2 não se refere *necessariamente* à segunda posição da sentença, mas sim, a qualquer posição exceto a primeira. Berlinck (1989 e 1995), a partir de análise diacrônica, mostra que o PB apresentava um alto uso de construções do tipo V1 (VSO), o que não acontece no PB contemporâneo. Martins, Cavalcante & Coelho (2020, p. 20), em seu estudo a respeito da ordem VS/SV diacronicamente no PB, afirmam que “em textos da segunda metade do século XIX e do século XX atuam forças de uma gramática com sujeitos realizados em SV”.

Em português europeu, uma língua de sujeito nulo, é frequente o primeiro elemento da sentença ser um verbo, como mostra Guilherme (2016, p. 83): “nessa língua, não é necessário que haja um sujeito realizado foneticamente para que a sentença seja gramatical, o que faz com que muitas vezes o verbo seja o primeiro item da sentença”.

Guilherme (2016) afirma que há, em PB, cada vez mais preenchimento da posição à esquerda do verbo, que usualmente é a posição de sujeito, o que faz com que o verbo não seja o primeiro elemento da sentença. De acordo com o autor

o Português Europeu, por ser uma língua que mantém características de uma língua de sujeito nulo, exibe uma ocorrência elevada de orações V1. O PB, por sua vez, parece apresentar características de língua V2, uma vez que apresenta verbo finito em segunda posição da sentença, precedido por apenas um constituinte (Guilherme, 2016, p. 95).

Sendo assim, a preferência com relação a essa ordem seria mais uma inovação do PB frente ao português europeu. Nas palavras de Menuzzi (2004, p. 350):

A ordem verbo-sujeito teria uma frequência extremamente baixa no PB se comparada à sua frequência no PE ou mesmo na variante culta brasileira (tal como refletida na língua escrita, cf. Thomas, 1969, Lira, 1982, Pontes, 1986). O PB seria uma língua inovadora entre as línguas românicas no que diz respeito à ordem VS: até o século XIX, o PB teria mantido um padrão de ordem semelhante ao do PE e das demais línguas românicas, em que a possibilidade de inversão entre verbo e sujeito seria relativamente livre; a partir de então, mudanças na organização da língua teria resultado em severas restrições à possibilidade de se usar a ordem VS (cf. Kato e Tarallo, 1987, Berlinck 1989, Duarte 1996 e Figueiredo Silva 1996)".

Gravina (2014, p. 209) comparando a inversão verbo-sujeito entre o português europeu e o PB, verifica que, embora a inversão com verbos inacusativos ocorra com frequência nas duas línguas, em PB o verbo na primeira posição costuma ser evitado. De acordo com a autora,

a maior ocorrência de inversões com a ordem XVS, ou seja, evitando que o verbo fique em primeira posição, nos dá evidências de que o PB sente a necessidade de ter algum elemento em posição inicial [...], mesmo que este elemento não seja o sujeito argumental da sentença.

Ela afirma, então, que a ordem VS com verbos inacusativos ocorre preferencialmente com algum elemento à esquerda do verbo, sendo esse elemento locativo ou adverbial, mas que preencha a primeira posição da sentença.

Coelho, Monguilhott & Martins (2008, p. 138) afirmam que o PB atual, “como muitos trabalhos de sociolinguística já apontaram, apresenta uma ordem sujeito-verbo-complemento basicamente enrijecida nos dias atuais”. Nesse mesmo estudo, os autores afirmam que há preferência pela ordem XV a VX, independentemente do tipo de verbo, sendo que a posição à esquerda do verbo pode ser preenchida tanto por sujeitos quanto por advérbios, por exemplo.

Também Othero & Cardozo (2017) mostram essa tendência, nas palavras dos autores:

Argumentamos, em última análise, que a gramática do PB busca privilegiar a ordem SVO, mesmo no dialeto que apresenta tratamento diferenciado para pronomes com características nominais (você, ele, a gente) e para pronomes de fato (eu, tu, nós). Afinal, apesar de o dialeto dispor de próclise, quando a colocação pronominal envolve um pronome do primeiro grupo, a estratégia é a colocação pronominal pós-verbal, com manutenção da ordem SVO da língua. Vimos que, em fases anteriores do PB, a ordem SVO já foi a predominante

com o uso de pronomes – mas aí a ênclise garantia isso. Como fazer com que a ordem se mantenha SVO quando a língua começa a perder seus clíticos? A resposta que a própria gramática da língua está encontrando parece ser “use pronomes tônicos em ambas as funções: sujeito e objeto. (Othero & Cardozo, 2017, p. 1730).

Kato & Duarte (2014, p. 13), baseadas em Kato (2000) apontam que, em PB, a preferência é por preencher a posição antes do verbo, como nos exemplos abaixo:

Tabela 7: Sentenças do PB nos padrões V1 e V2

Padrão V1	Padrão V2
a. %Durmo cedo.	a'. <b>Eu</b> durmo cedo.
b. Conserta sapato(s).	b'. <b>Aqui</b> conserta sapato.
c. %Vira à esquerda.	c'. <b>Cê</b> vira à esquerda.
d. %Dormem ali os meninos.	d'. <b>Ali</b> dormem os meninos
e. Chove em São Paulo.	e'. <b>São Paulo</b> chove.
f. Furou o pneu do Hamilton.	f'. <b>O Hamilton</b> furou o pneu.
g. Xinguei o cara.	g. <b>Daí</b> xinguei o cara.

Fonte: Adaptado de Kato & Duarte (2014, p. 13)

De acordo com as autoras, o padrão V(X)S (cf. d) só ocorre em PB se houver algum elemento antes (cf. d'). Ainda, segundo elas, algum preenchedor discursivo deve ocorrer antes do verbo, mesmo que não seja um constituinte sintático. Dessa forma, Kato & Duarte concluem que o PB é uma língua de efeito V2, ditado pela prosódia (cf. também Kato, 2020).

Segundo Pinto & Antonelli (2014, p. 165),

o efeito V2, tal como atestado especialmente nas línguas germânicas atuais (à exceção do inglês), caracteriza-se como uma exigência na ordem de palavras determinando que o verbo finito apareça na segunda posição da sentença precedido exclusivamente por um constituinte qualquer, independentemente de sua função sintática.

Ou seja, o sujeito nulo é favorecido em PB quando algum outro constituinte ocupe seu espaço, “fazendo sua função” de preencher foneticamente a periferia à esquerda do verbo.



## 2.4 Conexão discursiva

Além das pesquisas de cunho gerativista, há pesquisas da vertente funcionalista que se interessam pela omissão ou expressão fonética do sujeito nas línguas naturais. Em PB, por exemplo, temos os estudos de Paredes Silva (1988 e 2003). A autora investiga o sujeito pronominal em PB unindo o funcionalismo com o variacionismo laboviano. A partir dessa perspectiva, a autora aponta que a gramática pode ser entendida “não como um sistema autônomo, mas como um mecanismo adaptativo, e não imune a questões como interação e comunicação” (Paredes Silva, 2003, p. 97). A autora mostra que a variação entre sujeitos nulos e expressos por pronome tem motivações funcionais, com respeito à predizibilidade dos referentes. Ela parte da ideia de Givón (1995b), do grau de predizibilidade da informação, já que, de acordo com a proposta do autor, quanto mais predizível for um sujeito, menor será a necessidade de explicitá-lo. Segundo a autora,

nossa concepção de uso funcional do pronome também incorpora o princípio de iconicidade de Givón (1983,1990). Quando aplicado à escolha entre sintagmas plenos, pronomes fortes ou fracos e anáforas zero para codificação de um referente de terceira pessoa, o princípio (através do sub-princípio da quantidade) prevê que quanto mais predizível uma informação, menos codificação ela recebe (Paredes Silva, 1998, p. 125).

Dessa forma, Paredes Silva pretende explicar “como o domínio funcional da referência pode exigir maior ou menor expressão fonética” (Paredes Silva, 2003, p. 97). Nesse mesmo estudo, a autora afirma que “a escolha do pronome está fortemente correlacionada à não-manutenção do mesmo referente como sujeito” (Paredes Silva, 2003, p. 104). Essa ideia parte de estudos da década de 1980, como Bentivoglio (1980) e Lira (1982), que “apontavam a relevância da variável mudança de referência” com relação ao fenômeno do sujeito pronominal. Paredes Silva sustenta que as motivações funcionais investigadas para expressão ou omissão do sujeito foram atestadas, propondo sete níveis de uma escala de conexão discursiva, conforme demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 8: Níveis da escala de conexão discursiva

<b>Grau 1:</b> Conexão ótima	Permanência, na função de sujeito, do mesmo referente/tópico, no mesmo plano discursivo (manifestado pela manutenção do sistema de tempo-aspecto-modo verbal)
<b>Grau 2:</b> Mudança de plano	Embora se mantenha o mesmo referente/tópico como sujeito, há uma mudança de plano discursivo (refletida em modificações no sistema de tempo-aspecto-modo)
<b>Grau 3:</b> Mudança de turno	Apesar da manutenção do mesmo referente, há mudança de turno
<b>Grau 4:</b> Interferência impessoal	A interferência de orações de sujeito impessoal entre o sujeito em questão e sua última menção representa uma quebra na continuidade de um referente como sujeito
<b>Grau 5:</b> Interferência pessoal	A interferência de orações com sujeitos de outras pessoas gramaticais é capaz de desviar a atenção do referente/tópico previamente mencionado
<b>Grau 6:</b> Mudança de função	Retomada, na função de sujeito, de referente que ocorreu anteriormente em outra função
<b>Grau 7:</b> Mudança de tópico discursivo	A mudança de tópico discursivo representa um desvio nos rumos no discurso, ou mesmo uma digressão

Fonte: Adaptado de Paredes Silva (2003, p. 105 e 106)

A autora apresenta os números de sujeitos pronominais (*vs.* nulos) que encontra em seus dados, a partir da análise de *corpus* com amostras de fala da comunidade carioca dos anos de 1980 e 2000. A partir dos resultados, Paredes Silva mostra que os sujeitos pronominais praticamente dobram quando se passa do grau 1 para o grau 2 (Paredes Silva, 2003, p. 107).

Tabela 9: Ocorrências de sujeitos pronominais (vs. nulos) em dois momentos

Grau de conexão	Amostra 1980	Amostra 2000
Grau 1: Conexão ótima	295/793 – 37%	322/797 – 44%
Grau 2: Mudança de plano	632/936 – 68%	660/933 – 71%
Grau 3: Mudança de turno	97/127 – 76%	207/284 – 73%
Grau 4: Interferência impessoal	408/501 – 81%	426/524 – 81%
Grau 5: Interferência pessoal	569/697 – 82%	533/642 – 83%
Grau 6: Mudança de função	34/36 – 94%	15/17 – 88%
Grau 7: Mudança de tópico	70/85 – 82%	74/89 – 83%

Fonte: Adaptado de Paredes Silva (2003, p. 105 e 107)

A partir das ocorrências encontradas, Paredes Silva afirma que “não basta olhar a identidade de referência do sujeito, é preciso levar em conta a natureza da sequência discursiva” (Paredes Silva, 2003, p. 107).

Na verdade, ao analisar os números que Paredes Silva apresenta no estudo, podemos notar que o único grau no qual os sujeitos nulos são preferência é o grau 1 (conexão ótima) (cf. tabela 9). Em todos os outros níveis da escala, os sujeitos pronominais são preferência, como esperado, por serem a forma *default* do PB.

Gravina (2008) já apontou que a interpretação de sujeitos nulos em PB poderia depender de um antecedente expresso no contexto discursivo. Segundo a autora “a categoria vazia na posição de sujeito poderia ter uma natureza diversa, tendo sua interpretação garantida não por flexão, mas por um antecedente expresso no contexto sintático, discursivo ou pragmático” (Gravina, 2008, p. 21).

Não falamos com sons isolados, palavras soltas ou com frases sem contexto. Falamos dentro de um contexto discursivo, de modo que esse contexto funciona como um plano de fundo para as regras da gramática de terminada língua, interferindo no modo como organizamos as frases que enunciamos. Ou seja, poderíamos dizer que “um princípio comunicativo está atuando diretamente em aspectos sintáticos de organização da informação na língua”, como afirmam Kenedy & Othero (2018, p. 143).

Duarte, Mourão & Santos (2012, p. 25) não falam a respeito da conexão discursiva, ao menos não nesses termos. Entretanto, os autores afirmam que, nas primeiras sincronias analisadas no estudo, o sujeito nulo poderia ser identificado e

relacionado por um antecedente que estava em outra função sintática, mas a partir da segunda metade do século XX, a mesma função do antecedente, ou seja, sujeito nulo e sua menção prévia também na função de sujeito, passa a ser uma condição importante para a identificação de um sujeito nulo. Os autores apresentam os seguintes exemplos:

5) Já ontem comprei-lhei o hábito com que  $\emptyset_i$  andar $\acute{a}$  vestido. Assim  $\emptyset_i$  não estranhará.  $\emptyset_i$  Ser $\acute{a}$  frade feliz. (*O noviço*, Martins Pena, 1845)

6) Cristina: Elei adora minha comida.  $\emptyset_i$  Já deve estar chegando. (*A mulher integral*, Carlos Eduardo Novaes, 1975)

7) Laura: Elei diz que  $\emptyset_i$  est $\acute{a}$  sozinho na Delegacia, que o guarda da noite est $\acute{a}$  jantando. (*Do tamanho de um defunto*, Millôr Fernandes, 1995).

Nesses exemplos, podemos observar tr $\acute{e}s$  sujeitos nulos, mas h $\acute{a}$  uma diferen $\c{c}$ a entre eles, qual seja: no exemplo 5, o referente antecedente do sujeito est $\acute{a}$  em outra fun $\c{c}$ o (de objeto indireto). J $\acute{a}$  nos exemplos 6 e 7, os antecedentes t $\hat{e}$ m a mesma fun $\c{c}$ o, a fun $\c{c}$ o de sujeito. Ainda de acordo com os autores, nos primeiros per $\acute{o}$ dos analisados, o sujeito nulo  $\acute{e}$  mais frequente mesmo que seu antecedente tenha outra fun $\c{c}$ o ou esteja mais distante (desde que n $\tilde{a}$ o haja algum elemento que comprometa sua identifica $\c{c}$ o). Por $\acute{e}$ m, posteriormente, esse comportamento muda, j $\acute{a}$  que “um antecedente distante ou em outra fun $\c{c}$ o  $\acute{e}$  preferencialmente preenchido e, mesmo em contextos com um antecedente na mesma fun $\c{c}$ o ou em ora $\c{c}$ o adjacente, o sujeito preenchido come $\c{c}$ a a concorrer com o nulo” (Duarte, Mour $\tilde{a}$ o & Santos, 2012, p. 26).

No cap $\acute{i}$ tulo 3 desta tese, esclareceremos como a uni $\tilde{a}$ o desses fatores j $\acute{a}$  amplamente investigados pela literatura gerativista e funcionalista, em rela $\c{c}$ o ao licenciamento e distribu $\c{c}$ o de sujeitos em PB, pode ser a resposta para encontrar uma explica $\c{c}$ o que d $\hat{e}$  conta do fen $\tilde{o}$ meno do sujeito nulo completamente.

### 3 CORPUS E METODOLOGIA

Com a finalidade de investigar os sujeitos nulos em PB, analisamos dados de língua falada (transcrita). Para tanto, nos valem do acervo do *corpus* LínguaPOA<sup>8</sup>. Neste capítulo, falaremos sobre o *corpus* e descreveremos a metodologia utilizada para encontrar e analisar os sujeitos.

#### 3.1 *Corpus* LínguaPOA

O *corpus* LínguaPOA é composto por entrevistas sociolinguísticas de informantes da cidade de Porto Alegre. As entrevistas resultam da conversação entre um ou dois entrevistadores e um entrevistado, seguindo um roteiro de perguntas voltadas a provocar especialmente narrativas de experiência pessoal, além de contemplar descrições e apreciações sobre lugares de Porto Alegre e sobre a vida na cidade. São áudios e transcrições de entrevistas sobre o cotidiano na cidade, que podem contribuir para estudos linguísticos, culturais, sociais, históricos.

Foram entrevistados, pela equipe do LínguaPOA, informantes que nasceram em Porto Alegre, ou se mudaram para Porto Alegre até 5 anos de idade e viveram a maior parte de suas vidas nesta cidade. Os informantes e suas entrevistas distribuem-se no espaço físico e social de Porto Alegre conforme os seguintes critérios de estratificação:

- 4 zonas: Centro, Norte, Sul, Leste
- 2 bairros por zona (por renda média mensal em salários mínimos, cf. ObservaPoa ([www.observapoa.com.br](http://www.observapoa.com.br)))
- 3 grupos etários: 20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos
- 3 níveis de escolaridade: fundamental, Médio, Superior
- 2 gêneros: masculino e feminino

O acervo LínguaPOA está atrelado ao projeto Variação fonético-fonológica e classe social na comunidade de fala de Porto Alegre (março 2015 – fevereiro de 2019), coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti, do PPGLetras – UFRGS e registrado no CNPq (Battisti et. al., 2017).

---

<sup>8</sup> <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>

Para esta pesquisa, analisamos oito entrevistas, oriundas da produção de oito falantes diferentes. As informações sociolinguísticas relacionadas aos falantes encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 10: Informações sociolinguísticas dos informantes

Informante	Zona	Bairro	Faixa etária	Estrato	Gênero	Data da entrevista
Informante 03	Central	Menino Deus	20-39 anos	Estrato A	Masculino	25/08/2016
Informante 06	Central	Centro Histórico	20-39 anos	Estrato B1	Feminino	30/09/2016
Informante 30	Central	Azenha	40-59 anos	Estrato B2	Feminino	18/05/2016
Informante 48	Norte	Higienópolis	40-59 anos	Estrato C1	Feminino	06/08/2017
Informante 57	Norte	Navegantes	20-39 anos	Estrato B2	Masculino	21/05/2016
Informante 60	Norte	Sarandi	20-39 anos	Estrato B2	Feminino	22/01/2016
Informante 92	Leste	Morro Santana	20-39 anos	Estrato C1	Masculino	21/01/2016
Informante 120	Sul	Ipanema	40-59 anos	Estrato A	Feminino	26/11/2015

Fonte: a autora.

### 3.2 Metodologia

A metodologia da presente pesquisa consiste em análise de *corpus* de língua falada transcrita, ou seja, recebemos do acervo LínguaPOA as entrevistas já transcritas, em formato de texto (.doc). Buscamos nos dados todas as ocorrências de sujeitos nulos e pronominais, dividindo-as em 14 classes, e utilizando, portanto, 14 etiquetas distintas, como indicado nos exemplos a seguir:

#### 1) Sujeito nulo de primeira pessoa do singular (SN1ps)

Entrevistador: Então tu visita eles com bastante frequência, né?

Informante: SN1ps Visito com bastante frequência.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

## 2) Sujeito pronominal de primeira pessoa do singular (**SP1ps**)

Entrevistador: E tu estuda perto da tua casa?  
Informante: **SP1ps** Eu estudo no centro.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 06

## 3) Sujeito nulo de segunda pessoa do singular (**SN2ps**)

Entrevistador: Como que é a tua família? Ela é grande, pequena? Tem irmãos?  
Informante: Tenho dois irmãos. Um irmão mais novo que tem um ano um pouco mais que ahn/ mais novo que, eu e uma irmã onze anos mais nova e... meu pai e minha mãe. Ahn não sei se **SN2ps** tá perguntando assim toda família além tipo.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 57

4) Sujeito pronominal de segunda pessoa do singular (**SP2ps**) – mantivemos apenas uma etiqueta para a segunda pessoa do singular, que serviu tanto para os casos do pronome “tu” quanto para os casos do pronome “você”. Em nenhuma das ocorrências com o pronome “tu” a desinência verbal foi marcada para esse sujeito (como tu sabe-s, por exemplo).

Entrevistador: Em termos de trabalho e emprego, como tu acha que tá Porto Alegre? Que que se faz aqui, que que tem de emprego?  
Informante: Olha ... assim, [...] eu não consigo enxergar uma característica, sabe ((ruído)) É, **SP2ps** tu acha que eu vou rodar no final do teu questionário por não saber tuas perguntas?

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 48

## 5) Sujeito nulo de terceira pessoa do singular (**SN3ps**)

Entrevistador: Aí tu pretende faze(r), na faculdade, educação física?  
Informante: É, porque é um ramo que tá crescendo bastante, querendo ou não, **SN3ps** tá crescendo, então pode ser bom, pode ser que não.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

## 6) Sujeito pronominal de terceira pessoa do singular (**SP3ps**)

Entrevistador: E a Rosita, que tu comentou, é a...tua cachorrinha?  
Informante: É a minha cachorrinha, essa dos quinze anos, aí, e o Mariano dorme comigo todos os dias, ele/ segundas, quartas, e sextas, eu falei pra Carla, **SP3ps** ele tem judô, **SP3ps** ele tá agora no judô.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

7) Sujeito nulo de primeira pessoa do plural – a gente (**SN1pp-**)

Entrevistador: E como que vocês se conheceram?

Informante: Eu fui aluno dela no curso dela de teatro [...] Foi assim, foi uma época da minha vida que eu tava querendo várias coisas diferentes experimentar e tal e uma das coisas foi fazer teatro, aí a gente se conheceu e **SN1pp-** acabou ficando juntos.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 57

8) Sujeito pronominal de primeira pessoa do plural – a gente (**SP1pp-**)

Entrevistador: E vocês ainda mantêm contato?

Informante: Olha, o contato agora tá mais, assim, tipo um "oi tudo bom", não tá mais como antigamente, mas dá pra se dizer que **SP1pp-** a gente conversa um pouco ainda.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

9) Sujeito nulo de primeira pessoa do plural – nós (**SN1pp+**)

Entrevistador: E tu és casada, tem filhos?

Informante: Não tenho filhos. Eu sou ããã, tipo assim, mais ou menos casada ((risos)) é, né, assim, não **SN1pp+** assinamos nenhum papel ainda.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 48

10) Sujeito pronominal de primeira pessoa do plural – nós (**SP1pp+**)

Entrevistador: Então tu visita eles com bastante frequência, né?

Informante: Visito com bastante frequência, eles me visitam, **SP1pp+** nós vamos a jogos. Todos os jogos que tem no domingo, **SP1pp+** nós vamos em doze primos, né, aos jogos, então [...].

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

11) Sujeito nulo de segunda pessoa do plural (**SN2pp**)

Informante: Nós fomos muito piores que vocês são hoje, isso é uma coisa que vocês também não enxergam, a falta de memória do adulto é dolorosa porque nós fomos muito, muito piores, muito, vocês são maravilhosos, **SN2pp** são uns anjinhos perto do que a gente foi.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 120

12) Sujeito pronominal de segunda pessoa do plural (**SP2pp**)

Entrevistador: Então assim, tu já vivenciou assim um pouquinho de violência em Porto Alegre. Que que tu acha de Porto Alegre, uma cidade muito violenta assim?

Informante: Ah, eu acho que tá bastante violenta ahm, mas é se parar para pensar nas perguntas que **SP2pp** vocês fizeram antes, nesse sentido [...].

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 57



### 13) Sujeito nulo de terceira pessoa do plural (SN3pp)

Entrevistador: E tu costuma visitar eles?

Informante: Olha, não com muita frequência, eu vou lá, assim, só quando SN3pp ligam mesmo.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

### 14) Sujeito pronominal de terceira pessoa do plural (SP3pp)

Entrevistador: Alguém te ensinou?

Informante: Sim, meu pai e meu tio, desde pequeno, desde os oito anos de idade SP3pp eles já me colocavam no banco do motorista e já falavam, "oh, tu tem que fazer assim, assim, assim" [...].

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

Além de marcar no *corpus* o tipo de sujeito e a pessoa gramatical, conforme os exemplos acima, também analisamos, para cada ocorrência, os fatores que acreditamos estarem licenciando as formas nulas na função de sujeito em PB. Sendo assim, após cada sujeito identificado, assinalamos com os sinais + (mais) ou – (menos) cada um desses fatores, lembrando: (i) gênero semântico, (ii) conexão ótima, (iii) padrão linear V2 e (iv) morfologia verbal. A seguir, apresentamos ocorrências encontradas no *corpus* para exemplificar como se deu essa marcação +/- para cada um dos fatores.

- (i) **Gênero semântico:** o gênero semântico do sujeito poderia ser aparente/identificável, e então marcado como +, ou não aparente/identificável, portanto, marcado como -:

#### a) Gênero semântico aparente [+gs]

Entrevistador: Aham. E tu: é casada, Maria? Tem filhos?

Informante: Casada legalmente SP1ps +gs eu não so(u), eu, mas o meu, eu tenho um companhe(i)ro que: mora comigo.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 06

Aqui o pronome *eu* é marcado com [+gs] porque seu gênero semântico é aparente. Em outras palavras, quando o falante enuncia a sentença, o sujeito da frase é ele mesmo

e ele reconhece seu próprio sexo biológico, seja qual for. Sujeitos marcados como [+gs] são marcados assim por possuírem a propriedade gênero semântico identificável.

O gênero semântico marcado desse exemplo se refere a uma entidade no singular, entretanto, também poderia estar se referindo a um sujeito no plural, desde que o conjunto dos indivíduos que compõem o sujeito no plural tenham todos gênero semântico (sexo biológico/natural identificável), ainda que sejam de gêneros distintos, pois o que interessa é ter ou não a propriedade gênero semântico identificável, e não o tipo de gênero, como no exemplo abaixo:

Gênero semântico aparente [+gs/+plu]

Informante: [...] meus pais, eles são separados, né, eu tinha seis anos quando **SP3pp** **+gs** eles se separaram...

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 60

No exemplo acima, temos um sujeito no plural que possui o traço [+gênero semântico], já que os elementos que compõem o conjunto do sujeito, todos possuem gênero semântico.

b) Gênero semântico não aparente [-gs]

Entrevistador: Bom, a gente tava falando sobre a internet, então pra que que tu usa a internet, em que momentos?  
Informante: Ai, eu pa/ eu uso, praticamente, A internet mesmo eu uso praticamente vinte e quatro horas por dia... O meu celular tá sempre conectado;, quando eu tô em casa, **SN3ps -gs** tá sempre no wifi, quando eu tô na rua, **SN3ps -gs** tá sempre nos dados.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 06

No exemplo acima, ao contrário, as ocorrências de sujeito assinaladas retomam o referente [o meu celular], i.e., um referente que não possui gênero semântico identificável, apesar de o substantivo “celular” possuir gênero gramatical, bem como todos os substantivos do PB.

(ii) **Conexão ótima:** a conexão discursiva poderia ser ótima, marcada como +, ou não ótima, marcada como –.

a) Conexão ótima [+co]

Entrevistador: E tu, tu trabalha, tu estuda?

Informante: SP1ps +co Eu trabalho. Eu estudei/ eu fiz Pedagogia na UFRGS.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

No exemplo em questão, apesar da mudança de turno, o referente é mantido (tu ~ eu). Além disso, o tempo, modo e aspecto verbais se mantêm, o que é indicativo de manutenção da conexão discursiva.

b) Conexão não ótima [-co]

Entrevistador: É um problema bem atual agora, né? A violência Porto Alegre [vem

Informante: [Né, SP1ps -co eu tenho muito medo.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

Já no exemplo acima, a sentença anterior tinha como sujeito “a violência em Porto Alegre”. Entretanto, há uma mudança de referente, o que quebra a conexão discursiva.

(iii) **Padrão V2:** se a ocorrência de sujeito estava em construção V2, o dado era marcado como +, se a ocorrência era V1, o dado era marcado como –.

a) Padrão V2 [+v2]

Entrevistador: D: E tu gosta de morar lá?

Informante: Não, não, onde SP1ps +v2 eu moro SN1ps +v2 não gosto, SP1ps +v2 eu até gostava, mas devido a circunstâncias assim, eu n/, [...].

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 60

No exemplo acima, podemos observar duas ocorrências de sujeitos pronominais e uma ocorrência de sujeito nulo. No caso do sujeito nulo, haveria a possibilidade de o verbo iniciar a sentença. Entretanto, isso não ocorre, pois há outra partícula na posição de sujeito (que no exemplo em questão é o advérbio “não”. Sendo assim, todas as ocorrências desse exemplo são +V2, pois, independentemente do tipo de sujeito, o verbo não ocupa o primeiro lugar da sentença.

b) Padrão V1 – [-v2]

Entrevistador: E tu gosta de cozinha(r)?  
Informante: SN1ps -v2 Gosto muito.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30

No exemplo acima, temos a ocorrência de um sujeito nulo com a periferia esquerda do verbo não preenchida por nenhuma partícula, de maneira que o verbo é o primeiro elemento da frase, ou seja, temos aqui um padrão -V2. Esse tipo de padrão só pode ocorrer com sujeitos nulos ou pospostos. No entanto, não encontramos, nos dados analisados, nenhum caso de sujeito anafórico pronominal posposto.

- (iv) **Morfologia verbal:** se o verbo flexionado apresentava morfologia única para determinar a pessoa gramatical, então recebia a etiqueta +morf; caso contrário, se houvesse sincretismo, recebia a etiqueta -morf.

a) Morfologia verbal exclusiva [+morf]

Entrevistador: Então, o primeiro tópico é sobre a família. Como que é a tua família? Ela é grande? Tem irmãos? Que que eles fazem?  
Informante: Ah, boa pergunta, SN1ps +morf tenho quatro irmãos, ahn, dois são... adolescentes.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

Aqui, há uma ocorrência de sujeito cujo verbo possui morfologia única. Ou seja, o sujeito é exponenciado através de sua desinência verbal.

b) Morfologia verbal sincrética [-morf]

Entrevistador: Vocês se veem mais em festas de fim de ano? Encontro de família?  
Informante: Não, festa de final de ano, a única que SP1pp- -morf a gente se vê é no natal.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 92

Por outro lado, no exemplo acima, a desinência verbal não exponencia de maneira não ambígua o sujeito gramatical, já que a forma “vê” é sincrética, ou seja, pode se referir a mais de uma pessoa gramatical.

Com a finalidade de ficar mais claro ao leitor, apresentamos acima os traços e seus respectivos exemplos separadamente. Porém, na anotação do *corpus*, analisamos os traços em conjunto. Cada ocorrência ficava, portanto, com sua etiqueta, identificando o tipo de sujeito (nulo [SN] ou pronominalmente expresso [SP]); a pessoa gramatical [1ps, 2ps, etc.]; e, em seguida, seguiam os sinais positivo ou negativo [+ ou -], de acordo com os traços, na seguinte ordem: *gênero semântico, conexão ótima, padrão linear V2 e morfologia*. Assim, cada ocorrência conta com todas essas informações, por exemplo:

Entrevistador: Como que é tua família? Ela é grande? Pequena? Tem irmãos? Informante: L2 SN1ps +++ Tenho irmãos, ela é... digamos que o núcleo familiar é grande porque nós somos em quatro filhos, né.
--

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 120

No exemplo acima, temos a ocorrência de um sujeito nulo [SN] de primeira pessoa do singular [1ps]. Esse sujeito é [+gs], já que o sujeito da frase é o falante e ele possui gênero semântico (sexo biológico) identificável; [+co] porque o sujeito da sentença anterior é o mesmo da sentença em análise, mantendo uma conexão discursiva, manifestada pela manutenção do tempo/modo/aspecto verbal (ainda que haja mudança de turno); [-V2] porque o verbo é a primeira palavra da sentença; e, [+morf] porque o verbo em questão possui morfologia única para a 1ª pessoa do singular.

Em cada ocorrência, antes de sua etiqueta, marcamos com Lx a linha da planilha onde as informações do dado y seriam inseridas. Por exemplo, o dado do exemplo acima está na linha 2 da planilha; por isso, antes da etiqueta do sujeito, essa linha foi identificada (L2).

Uma vez que todos os sujeitos de orações finitas foram identificados, partimos para uma análise mais minuciosa dos sujeitos nulos, lembrando que esses são o foco da investigação. Se sujeitos pronominais são “*default*” em PB, quando e por que ocorrem sujeitos nulos? Buscando pistas para procurar responder essa questão, deixamos de lado os sujeitos pronominais e olhamos apenas para o conjunto dos sujeitos nulos.

Para isso, separamos os dados de sujeitos nulos, voltamos para o *corpus* e analisamos o verbo e sua morfologia. Esses dados também foram passados para uma planilha, contendo apenas sujeitos nulos e as informações referentes aos traços de cada uma das ocorrências. Dessa forma, as planilhas contêm a) informante (coluna A); b) verbo

(coluna B); c) tipo de sujeito (coluna C); d) pessoa gramatical (coluna D); e) gênero semântico (coluna E); f) conexão ótima (coluna F); g) padrão v2 (coluna G); h) morfologia verbal (coluna H); e, i) observações (coluna I).

Abaixo mostramos um trecho de uma planilha como exemplo:

Figura 6: Planilha dados analisados – sujeitos nulos

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	Informante	Verbo	Sujeito	P gramatical	GS	CO	V2	MORF	Obs
2	INF03	acho	SN	1ps	+	-	-	+	
3	INF03	temos	SN	1pp+	+	-	-	+	
4	INF03	acho	SN	1ps	+	-	-	+	
5	INF03	acho	SN	1ps	+	-	-	+	
6	INF03	falo	SN	1ps	+	-	+	+	não antes v
7	INF03	morei	SN	1ps	+	+	+	+	
8	INF03	acho	SN	1ps	+	-	+	+	
9	INF03	lembro	SN	1ps	+	-	+	+	
10	INF03	tô	SN	1ps	+	-	+	+	não antes v
11	INF03	tô	SN	1ps	+	-	-	+	
12	INF03	trabalhava	SN	1ps	+	-	+	-	
13	INF03	entrei	SN	1ps	+	+	-	+	
14	INF03	acho	SN	1ps	+	-	-	+	
15	INF03	fiz	SN	1ps	+	-	-	+	
16	INF03	tinha	SN	1ps	+	+	+	-	não antes v
17	INF03	fui	SN	1ps	+	-	-	+	
18	INF03	demorei	SN	1ps	+	-	+	+	mas antes v

Fonte: a autora.

Analizamos os dados por informante e posteriormente juntamos todos os dados de todos os informantes. Apresentaremos os resultados encontrados a seguir.

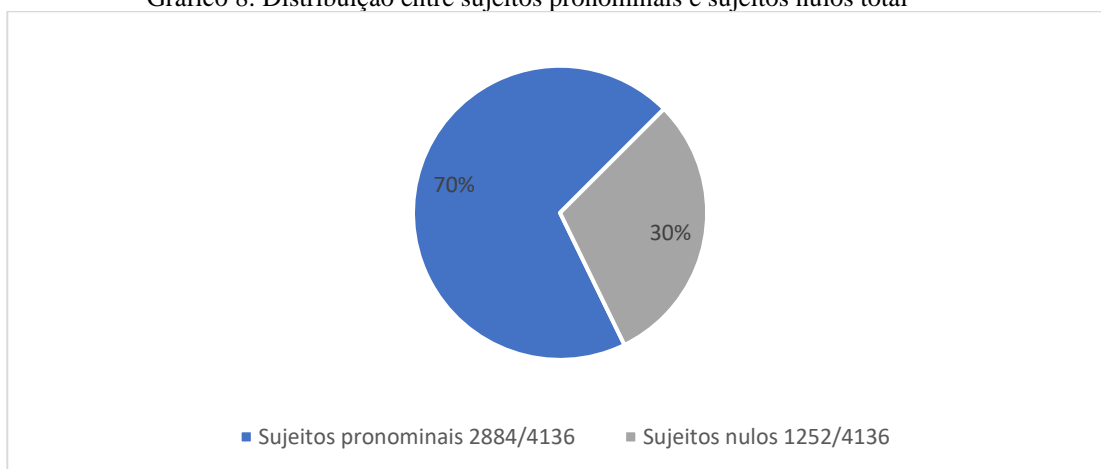
## 4 ANÁLISE DE DADOS

No presente capítulo, começaremos apresentando o conjunto de dados totais de sujeitos nulos e pronominais encontrados no *corpus*, a partir da análise das entrevistas de todos os falantes<sup>9</sup> (as análises por falantes separadamente podem ser conferidas nos anexos). Na segunda metade deste capítulo, discutiremos os sujeitos nulos.

### 4.1 Análise de dados total

Após a análise de todas as entrevistas de todos os informantes em conjunto, encontramos 4.136 ocorrências de sujeitos, das quais 2.884 foram de sujeitos expressos por pronomes e 1.252 foram de sujeitos nulos.

Gráfico 8: Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos total



Fonte: a autora

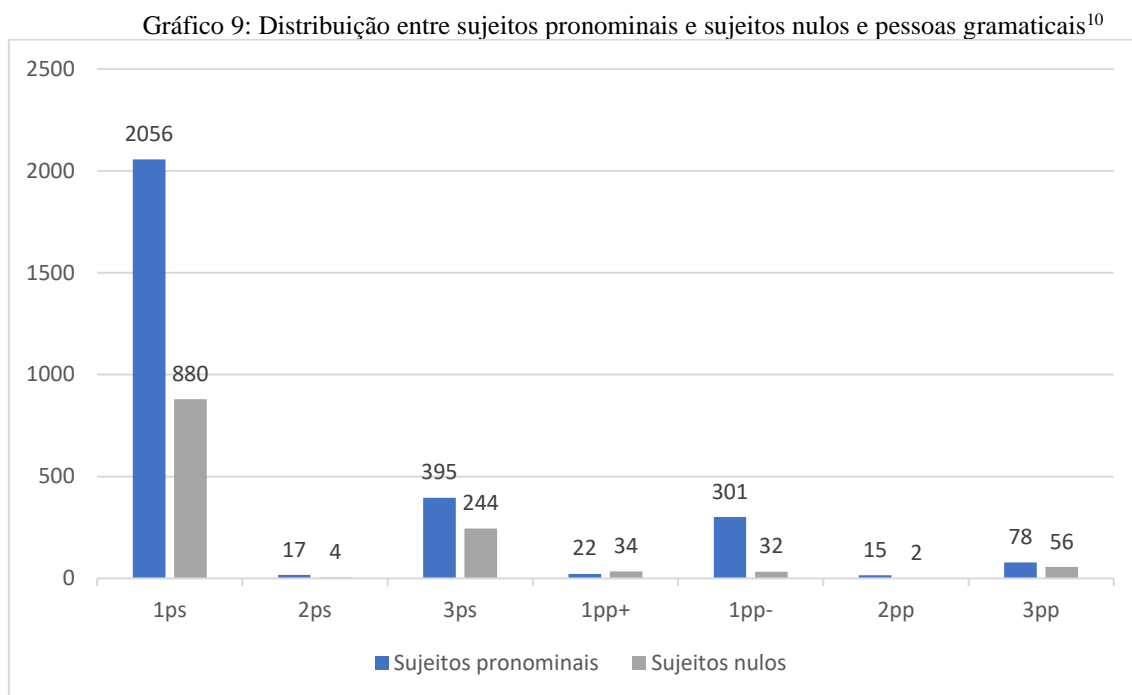
Nesse gráfico podemos notar que os sujeitos nulos, que, como dito anteriormente, configuravam a maior parte dos sujeitos em períodos anteriores do PB, agora são apenas residuais, 30% das ocorrências. Outro fato interessante é que os sujeitos pronominais parecem ter se estabilizado, já que as ocorrências desse tipo de sujeito em PB ficam em

---

<sup>9</sup> Em nossos dados, contabilizamos as ocorrências coordenadas, elipses de IP e excluimos ocorrências com verbos imperativos, impessoais, sujeitos genéricos e expressões fixas - como "sei lá", "não sei" (sem complemento), "sabe", "olha", "digamos assim", etc.

torno de 70% desde a década de 1990 (cf. Berlinck, Duarte & Oliveira, 2015 e Othero & Spinelli, 2019a, b).

No que diz respeito à distribuição de sujeitos nulos e pronominais e pessoas gramaticais, a grande maioria das ocorrências foi com a 1ª pessoa singular, tanto para sujeitos nulos quanto para sujeitos pronominais, como explicitado no gráfico a seguir:



Fonte: a autora

Também nesse gráfico podemos perceber que os sujeitos pronominais foram preferidos com todas as pessoas do discurso, exceto com a 1ª pessoa do plural com morfologia única (1pp+).

Na tabela a seguir, estão reportados os números totais e as porcentagens das ocorrências de sujeitos pronominais e nulos.

<sup>10</sup> A legenda das etiquetas do gráfico são as seguintes: *1ps* – 1ª pessoa singular; *2ps* – 2ª pessoa singular; *3ps* – 3ª pessoa singular; *1pp+* – 1ª pessoa plural (“nós”); *1pp-* – 1ª pessoa plural (“a gente”); *2pp* – 2ª pessoa plural; e, *3pp* – 3ª pessoa plural.



Tabela 11: Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais

Pessoa gramatical	Ocorrências SP	Ocorrências SN	Total
1ª pessoa singular (1ps)	<b>2.056 (70%)</b>	880 (30%)	2.936 (100%)
2ª pessoa singular (2ps)	<b>17 (80,9%)</b>	4 (19,1%)	21 (100%)
3ª pessoa singular (3ps)	<b>395 (61,8%)</b>	244 (38,2%)	639 (100%)
1ª pessoa plural – nós (1pp+)	22 (39,2%)	<b>34 (60,8%)</b>	56 (100%)
1ª pessoa plural – a gente (1pp-)	<b>301 (90,3%)</b>	32 (9,7%)	333 (100%)
2ª pessoa plural (2pp)	<b>15 (88,2%)</b>	2 (11,8%)	17 (100%)
3ª pessoa plural (3pp)	<b>78 (58,2%)</b>	56 (41,8%)	134 (100%)
Total	<b>2.884 (69,7%)</b>	1.252 (30,3%)	4.136 (100%)

Fonte: a autora

Esses dados são interessantes, pois já dão um *spoiler* do papel da morfologia: a exponenciação do sujeito na desinência verbal parece estar atuando com reflexos na sintaxe da língua. Temos disponíveis dois pronomes possíveis para expressar a noção de primeira pessoa do plural: “nós” e “a gente”. O caso em que encontramos mais sujeitos nulos é justamente com verbos com morfologia exclusiva de primeira pessoa do plural (60,8%). Por outro lado, o caso em que encontramos mais sujeitos pronominais de primeira pessoa do plural (90,3%) é com o pronome “a gente”, que não tem morfologia verbal de concordância exclusiva.

#### 4.2 Análise de dados sujeitos nulos

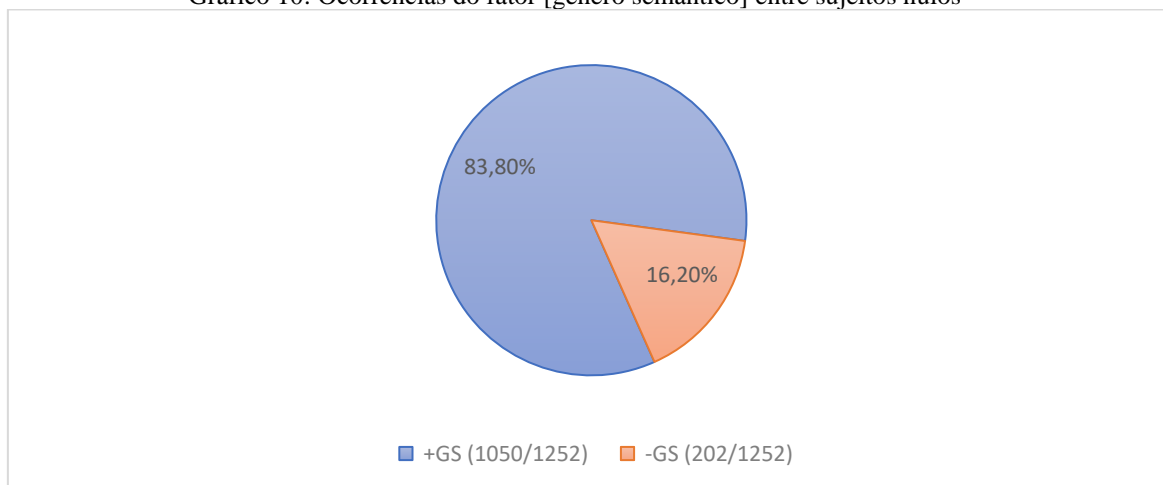
As informações a respeito dos dados até então levaram em conta a distribuição de sujeitos incluindo os sujeitos pronominais. Entretanto, como encaramos os sujeitos expressos por pronomes o caso *default* na língua, sendo o foco de nosso estudo os sujeitos nulos – que configuram o caso marcado em termos de frequência em PB, é sobre eles que o restante do capítulo é dedicado. Investigamos os quatro fatores apresentados na hipótese e sua relação com os sujeitos nulos, na busca por uma explicação completa dos contextos de ocorrência dos sujeitos nulos do PB.

#### 4.2.1 Um fator licenciador de sujeitos nulos

Iniciemos pelas ocorrências de sujeitos nulos analisadas a partir dos traços condicionadores individualmente (gênero semântico, conexão discursiva ótima, padrão linear V2 e morfologia verbal), com a finalidade de averiguar qual foi a frequência de cada um deles no *corpus* investigado e se algum deles já apresenta alguma predição a respeito do uso de sujeitos nulos. Se apenas um dos traços desse conta de explicar todas as ocorrências de sujeitos nulos, esperaríamos uma taxa de ocorrência muito próxima dos 100% para esse fator. Entretanto, como veremos, esse não foi o caso.

O fator gênero semântico foi o que apresentou uma maior polarização: 83,8% dos referentes retomados por sujeitos nulos tinham o traço [+gs]. Entretanto, aqui cabe uma ressalva: todo *corpus* possui limitações e características específicas; nosso *corpus* é composto por entrevistas de língua falada transcrita. Nessas entrevistas, são feitas ao informante perguntas de cunho pessoal e sobre opinião a respeito da cidade, por exemplo, de maneira que o falante se posiciona muito em seu discurso – o que acaba levando a um alto número de sujeitos de 1ª pessoa do singular. Sujeitos de 1ª pessoa do singular são sempre +gênero semântico, já que todo falante é um ser humano que identifica seu sexo natural/biológico, i.e., seu gênero semântico é aparente. Como pode ser visto no gráfico abaixo, apenas 16,2% das ocorrências de sujeitos nulos foi com referentes [-gênero semântico].

Gráfico 10: Ocorrências do fator [gênero semântico] entre sujeitos nulos

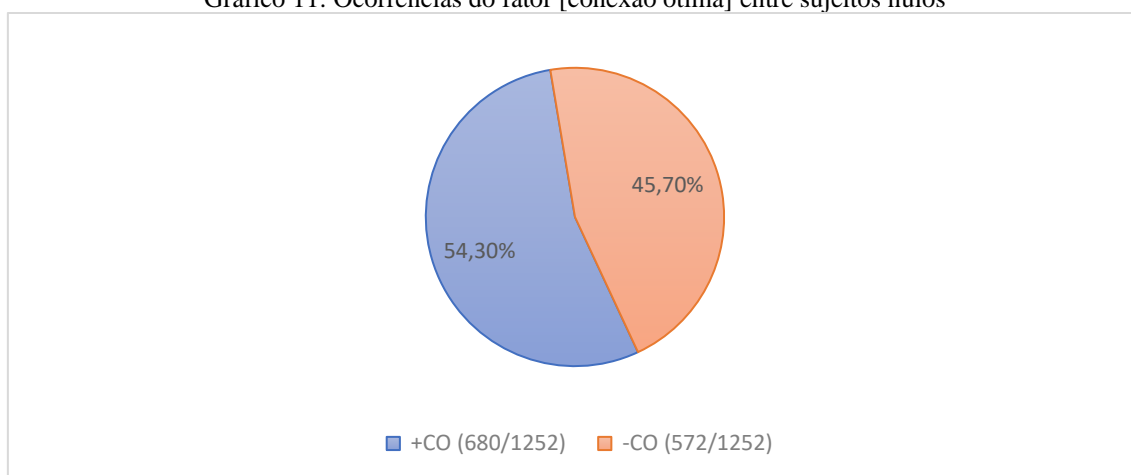


Fonte: a autora.

O gráfico acima nos indicaria uma tendência contrária ao que seria esperado de acordo com a hipótese apresentada (que prediz que referentes [-gênero semântico] tendem a ser retomados por formas nulas, enquanto referentes [+gênero semântico] tendem a ser retomados por formas preenchidas). Entretanto, como dito anteriormente, esse resultado pode ser fruto de uma das limitações de nosso *corpus*. De todo modo, fica explícito que esse fator de forma isolada não dá conta de explicar os sujeitos nulos da língua.

As ocorrências a respeito do fator conexão ótima ficaram na casa dos 50%, ou seja, esse fator isoladamente não apresentou nenhum indício de polarização que fosse promissor para explicar o conjunto de dados de sujeitos nulos (cf. gráfico abaixo).

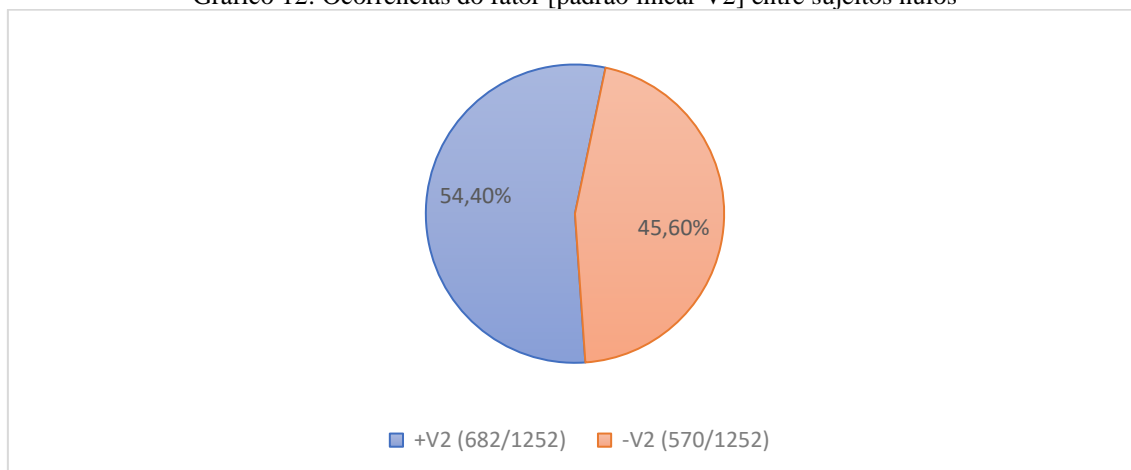
Gráfico 11: Ocorrências do fator [conexão ótima] entre sujeitos nulos



Fonte: a autora.

Bem como o que ocorreu com relação ao fator conexão ótima, se repete uma divisão em torno dos 50% para o fator padrão linear V2. Não há uma polarização que mostre que esse fator seria capaz de explicar sozinho as ocorrências de sujeitos nulos em PB, como pode ser visto no gráfico a seguir:

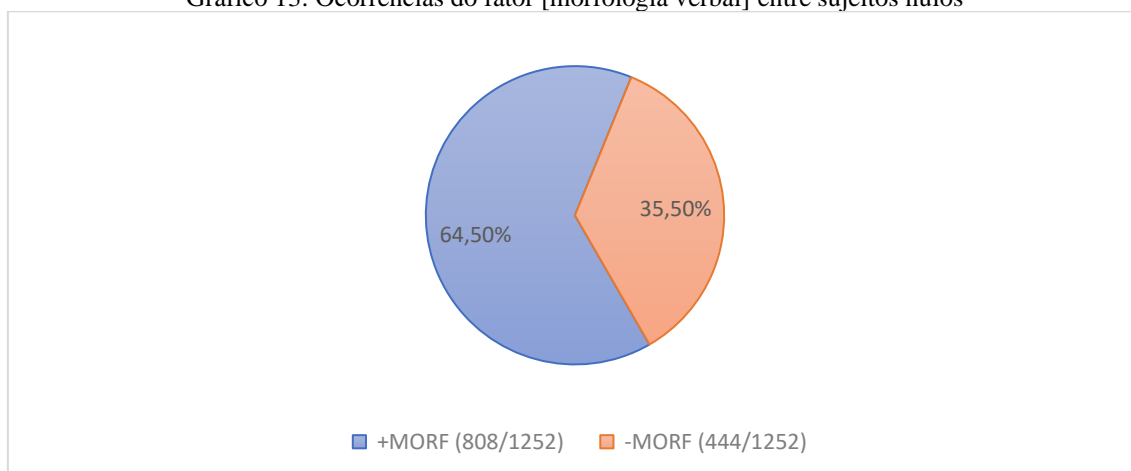
Gráfico 12: Ocorrências do fator [padrão linear V2] entre sujeitos nulos



Fonte: a autora.

O fator morfologia verbal apresenta uma porcentagem levemente mais alta para ocorrências [+morfologia]. Entretanto, mesmo assim, não há uma polarização suficiente para explicar o uso dos sujeitos nulos do PB.

Gráfico 13: Ocorrências do fator [morfologia verbal] entre sujeitos nulos



Fonte: a autora.

A partir do conjunto dos gráficos acima, podemos perceber que nenhum dos traços de maneira isolada explica o licenciamento de sujeitos nulos, já que não há uma polarização a partir de nenhum deles. A seguir, veremos a análise dos dados levando em conta conjuntos de dois fatores, a fim de verificar se esses conjuntos são capazes de explicar todas as ocorrências de sujeitos nulos em PB.

## 4.2.2 Dois fatores licenciadores de sujeitos nulos

Nesta seção, vamos unir conjuntos de dois fatores e ver se esses conjuntos bastam para explicar todas as ocorrências de sujeitos nulos. A partir daqui, quando o fator for um licenciador/facilitador de sujeitos nulos em PB, de acordo com a hipótese apresentada, usaremos o sinal 👍, já quando o fator for um *não* licenciador/facilitador de sujeitos nulos em PB, de acordo com a hipótese, usaremos o sinal 🚫.

Favorece/permite/licencia sujeito nulo → 👍

Não favorece/não permite/não licencia sujeito nulo → 🚫

Vamos analisar as possíveis combinações de dois traços, quais sejam: i) gênero semântico e conexão ótima (GS & CO, cf. tabela 12); ii) gênero semântico e padrão linear V2 (GS & V2, cf. tabela 13); iii) gênero semântico e morfologia (GS & MORF, cf. tabela 14); iv) conexão ótima e padrão linear V2 (CO & V2, cf. tabela 15); v) conexão ótima e morfologia (CO & MORF, cf. tabela 16); e, por fim, vi) padrão linear V2 e morfologia (V2 & MORF, cf. tabela 17).

Na tabela abaixo, temos a união dos fatores gênero semântico e conexão ótima:

Tabela 12: GS & CO

Gênero Semântico	Conexão ótima	Ocorrências
[+gs] 🚫	[+co] 👍	👍 583/1.252 (46,5%)
[+gs] 🚫	[-co] 🚫	🚫 467/1.252 (37,3%) !
[-gs] 👍	[+co] 👍	👍 97/1.252 (7,7%)
[-gs] 👍	[-co] 🚫	👍 105/1.252 (8,3%)
		1.252 (100%)













Fonte: a autora.

Com a combinação que possui os dois fatores que *não* favorecem o sujeito nulo, a combinação [+gs] 🚫 [-co] 🚫, esperaríamos que não houvesse nenhum dado de sujeito nulo, já que nenhum dos fatores justificaria sua ocorrência. Entretanto, como pode ser visto na segunda linha da tabela acima, os dados de sujeitos nulos com essa combinação de traços chegaram a 37,3%. Neste ponto, já podemos perceber que apenas com esses



dois traços não é possível explicar os dados de sujeitos nulos encontrados, nem fazer predições a respeito dos dados de sujeitos nulos que possam vir a ser encontrados em PB.

O segundo par de fatores analisado é a união de gênero semântico com padrão linear V2. A distribuição dos sujeitos nulos de acordo com esses traços está apresentada na tabela a seguir:

Tabela 13: GS & V2













Gênero Semântico	Padrão linear V2	Ocorrências
[+gs] 	[+v2] 	 562/1.252 (44,8%)
[+gs] 	[-v2] 	 488/1.252 (38,9%) !
[-gs] 	[+v2] 	 120/1.252 (9,5%)
[-gs] 	[-v2] 	 82/1.252 (6,5%)
		1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Com as combinações dos fatores gênero semântico e padrão linear V2 também não é possível explicar as ocorrências de sujeitos nulos. Analogamente ao que acontece na análise a partir dos fatores gênero semântico e conexão discursiva ótima (cf. tabela 13), no conjunto de traços que menos esperaríamos ocorrências de nulos, i.e., quando os dois traços do conjunto são *não* favorecedores de nulos (segunda linha da tabela, [+gs]  [-v2] ) encontramos um número considerável de sujeitos nulos (38,9%). Dessa forma, fica claro, portanto, que a combinação dos fatores gênero semântico e padrão linear V2 não é suficiente para explicar os sujeitos nulos do PB.

A terceira combinação de dois traços possível é a união dos fatores gênero semântico e morfologia. Os resultados encontrados estão na tabela a seguir:

Tabela 14: GS & MORF

Gênero Semântico	Morfologia	Ocorrências
[+gs] 	[+morf] 	 808/1.252 (64,5%)
[+gs] 	[-morf] 	 242/1.252 (19,3%) !
[-gs] 	[+morf] 	 0/1.252 (0%)
[-gs] 	[-morf] 	 202/1.252 (16,2%)
		1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Com a combinação dos traços gênero semântico e morfologia ocorre o mesmo que com as outras combinações de apenas dois fatores. Na segunda linha da tabela acima, na qual temos dois fatores *não* licenciadores de sujeitos nulos, [+gs] 👍 [-morf] 👎, encontramos 19,3% dos sujeitos nulos. Ou seja, mais uma vez, apenas dois fatores se mostraram insuficientes para explicar as ocorrências de sujeito nulo.

Na tabela a seguir, temos a combinação de outros dois fatores: conexão discursiva ótima e padrão linear V2. Vejamos como os sujeitos nulos se distribuíram a partir da combinação desses fatores.

Tabela 15: CO & V2

Conexão ótima	Padrão linear V2	Ocorrências
[+co] 👍	[+v2] 👍	👍 300/1.252 (23,9%)
[+co] 👍	[-v2] 👎	👍 380/1.252 (30,3%)
[-co] 👎	[+v2] 👍	👍 382/1.252 (30,5%)
[-co] 👎	[-v2] 👎	👎 190/1.252 (15,1%) !
		1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Mais uma vez, a combinação de dois fatores não foi suficiente para explicar as ocorrências de sujeitos nulos do PB. Na última linha, na qual está a combinação dos dois traços *não* licenciadores, [-co] 👎 [-v2] 👎, há ocorrências de sujeitos nulos (15,1%).

A penúltima combinação de dois fatores é a que une conexão ótima e morfologia, e os dados a partir da combinação desses traços estão na tabela abaixo:

Tabela 16: CO & MORF

Conexão ótima	Morfologia	Ocorrências
[+co] 👍	[+morf] 👍	👍 426/1.252 (34%)
[+co] 👍	[-morf] 👎	👍 254/1.252 (20,2%)
[-co] 👎	[+morf] 👍	👍 382/1.252 (30,5%)
[-co] 👎	[-morf] 👎	👎 190/1.252 (15,1%) !
		1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Na última linha temos dois traços que são *não* facilitadores de sujeitos nulos, [-co] 👎 [-morf] 👎. Entretanto, encontramos ocorrências de sujeitos nulos com esses traços

(15,1%), o que mostra que também essa combinação de dois traços não é suficiente para explicar as ocorrências de sujeitos nulos do PB.

A última combinação de dois fatores é a que une o padrão linear V2 e a morfologia. Os dados de sujeitos nulos distribuídos a partir desses traços estão na tabela a seguir:

Tabela 17: V2 & MORF

Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
[+v2] 👍	[+morf] 👍	👍 415/1.252 (33,1%)
[+v2] 👍	[-morf] 👎	👍 267/1.252 (21,3%)
[-v2] 👎	[+morf] 👍	👍 393/1.252 (31,3%)
[-v2] 👎	[-morf] 👎	👎 177/1.252 (14,1%) !
		1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Bem como ocorreu com todas as outras combinações de dois traços, também nessa última aparecerem ocorrências de sujeitos nulos com dois traços *não* favorecedores, como pode ser observado na última linha da tabela acima. Entre as ocorrências, 14,1% continham os traços [-v2] 👎 [-morf] 👎, ambos *não* favorecedores de sujeitos nulos.

Como ficou evidente através da análise a partir de dois fatores feita até aqui, apenas dois fatores não são suficientes para explicar as ocorrências de sujeitos nulos do PB – ainda que possam apresentar bons indicadores, já que não explicar apenas 14,1% dos dados parece promissor. Entretanto, nesta tese buscamos por uma explicação *total* do fenômeno do sujeito nulo em PB, ou seja, uma explicação que dê conta de *todos* os dados de sujeitos nulos encontrados e que possam vir a ser encontrados na língua. Nessa busca, a próxima etapa foi verificar se três fatores dão conta dessa explicação, como veremos na próxima seção.

### 4.2.3 Três fatores licenciadores de sujeitos nulos

Nesta seção vamos unir conjuntos de três fatores e ver se esses conjuntos bastam para explicar todas as ocorrências de sujeitos nulos. Vamos analisar as possíveis combinações de três traços, quais sejam: i) gênero semântico, conexão ótima e padrão linear V2 (GS & CO & V2, cf. tabela 18); ii) gênero semântico, padrão linear V2 e



morfologia (GS & V2 & MORF, cf. tabela 19); iii) gênero semântico, conexão ótima e morfologia (GS & CO & MORF, cf. tabela 20); iv) morfologia, padrão linear V2 e conexão ótima (MORF & V2 & CO, cf. tabela 21).

Os dados analisados a partir da primeira combinação de três fatores estão apresentados na tabela a seguir. São os sujeitos nulos distribuídos de acordo com os traços gênero semântico, conexão discursiva ótima e padrão linear V2.

Tabela 18: GS & CO & V2

Gênero Semântico	Conexão ótima	Padrão linear V2	Ocorrências
[+gs] 👎	[+co] 👍	[+v2] 👍	👍 249/1.252 (19,8%)
[+gs] 👎	[+co] 👍	[-v2] 👎	👍 334/1.252 (26,6%)
[+gs] 👎	[-co] 👎	[+v2] 👍	👍 313/1.252 (25%)
[+gs] 👎	[-co] 👎	[-v2] 👎	👎 154/1.252 (12,3%) !
[-gs] 👍	[+co] 👍	[+v2] 👍	👍 51/1.252 (4%)
[-gs] 👍	[+co] 👍	[-v2] 👎	👍 46/1.252 (3,6%)
[-gs] 👍	[-co] 👎	[+v2] 👍	👍 69/1.252 (5,5%)
[-gs] 👍	[-co] 👎	[-v2] 👎	👍 36/1.252 (2,8%)
			1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Na quarta linha temos três fatores *não* favorecedores de sujeitos nulos ([+gs] 👎, [-co] 👎 e [-v2] 👎), entretanto, encontramos aí 12,3% das ocorrências. Por isso, esses três fatores se mostram como insuficientes para explicar os sujeitos nulos do PB.

Os próximos fatores a serem analisados são os seguintes: gênero semântico, padrão linear V2 e morfologia, conforme tabela abaixo.

Tabela 19: GS &amp; V2 &amp; MORF

Gênero Semântico	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
[+gs] 👎	[+v2] 👍	[+morf] 👍	👍 415/1.252 (33,1%)
[+gs] 👎	[+v2] 👍	[-morf] 👎	👍 147/1.252 (11,7%)
[+gs] 👎	[-v2] 👎	[+morf] 👍	👍 393/1.252 (31,3%)
[+gs] 👎	[-v2] 👎	[-morf] 👎	👎 95/1.252 (7,5%) !
[-gs] 👍	[+v2] 👍	[+morf] 👍	👍 0/1.252 (0%)
[-gs] 👍	[+v2] 👍	[-morf] 👎	👍 120/1.252 (9,5%)
[-gs] 👍	[-v2] 👎	[+morf] 👍	👍 0/1.252 (0%)
[-gs] 👍	[-v2] 👎	[-morf] 👎	👍 82/1.252 (6,5%)
			1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Na quarta linha da tabela 20, na qual todos os traços são *não* licenciadores de sujeitos nulos ([+gs] 👎, [-v2] 👎 e [-morf] 👎), encontramos 7,5% das ocorrências. Repare como nesse ponto explicamos mais de 90% dos dados. Entretanto, acreditamos que podemos refinar e qualificar ainda mais nossa análise.

A penúltima combinação de três traços diz respeito aos fatores gênero semântico, conexão ótima e morfologia. As ocorrências de sujeitos nulos se distribuíram conforme explicitado na tabela abaixo:

Tabela 20: GS &amp; CO &amp; MORF

Gênero Semântico	Conexão ótima	Morfologia	Ocorrências
[+gs] 👎	[+co] 👍	[+morf] 👍	👍 426/1.252 (34%)
[+gs] 👎	[+co] 👍	[-morf] 👎	👍 157/1.252 (12%)
[+gs] 👎	[-co] 👎	[+morf] 👍	👍 382/1.252 (30,5%)
[+gs] 👎	[-co] 👎	[-morf] 👎	👎 85/1.252 (6,7%) !
[-gs] 👍	[+co] 👍	[+morf] 👍	👍 0/1.252 (0%)
[-gs] 👍	[+co] 👍	[-morf] 👎	👍 97/1.252 (7,7%)
[-gs] 👍	[-co] 👎	[+morf] 👍	👍 0/1.252 (0%)
[-gs] 👍	[-co] 👎	[-morf] 👎	👍 105/1.252 (8,3%)
			1.252 (100%)

Fonte: a autora.

Na quarta linha da tabela acima temos a combinação dos três traços *não* licenciadores de sujeitos nulos ([+gs] 👎, [-co] 👎 e [-morf] 👎). Porém, encontramos 6,7% dos sujeitos nulos com essa combinação de traços. Apesar de ser um número baixo, procuramos, como já afirmamos, uma explicação que dê conta de explicar a totalidade das ocorrências de sujeitos nulos.

A última combinação de três traços é com os fatores conexão ótima, padrão linear V2 e morfologia. Os dados de sujeitos nulos distribuídos a partir desses fatores estão na tabela a seguir:

Tabela 21: CO &amp; V2 &amp; MORF

Conexão ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
[+co] 👍	[+v2] 👍	[+morf] 👍	👍 174/1.252 (13,8%)
[+co] 👍	[+v2] 👍	[-morf] 🚫	👍 126/1.252 (10%)
[+co] 👍	[-v2] 🚫	[+morf] 👍	👍 252/1.252 (20,1%)
[+co] 👍	[-v2] 🚫	[-morf] 🚫	👍 128/1.252 (10,2%)
[-co] 🚫	[+v2] 👍	[+morf] 👍	👍 241/1.252 (19,2%)
[-co] 🚫	[+v2] 👍	[-morf] 🚫	👍 141/1.252 (11,2%)
[-co] 🚫	[-v2] 🚫	[+morf] 👍	👍 141/1.252 (11,2%)
[-co] 🚫	[-v2] 🚫	[-morf] 🚫	🚫 49/1.252 (3,9%) !
			1.252 (100%)

Fonte: a autora.

















































































Na última linha da tabela acima temos a combinação dos três traços *não* licenciadores de sujeitos nulos ([-co] 🚫, [-v2] 🚫 e [-morf] 🚫). Encontramos um número baixíssimo de ocorrências com essa combinação de traços, apenas 3,9%. Entretanto, levando em conta as combinações possíveis a partir da *junção dos quatro fatores* apresentados na hipótese que aqui defendemos, espero encontrar resultados ainda melhores. Os dados analisados a partir dos quatro fatores em conjunto estão na seção a seguir.

#### 4.2.4 Quatro fatores licenciadores de sujeitos nulos

Como vimos até aqui, analisar um fator isoladamente não apontou nenhuma generalização. Na medida em que fomos aumentando os números de fatores para dois ou três nos conjuntos analisados, fomos encontrando explicações mais satisfatórias a respeito do fenômeno do sujeito nulo. Entretanto, mesmo levando em consideração três fatores, ainda encontramos 3,9% de sujeitos nulos que não podem ser explicados. Já que almejamos alcançar uma explicação da *totalidade* dos dados de sujeitos nulos, passaremos, por fim, à análise dos dados levando em conta os quatro fatores apresentados na hipótese, em conjunto.

As combinações de quatro fatores licenciadores de sujeitos nulos que ocorreram foram as que estão na próxima tabela.

Tabela 22: GS & CO & V2 & MORF inicial

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	 174/1.252 (13,8%)
+ 	+ 	+ 	- 	 75/1.252 (5,9%)
+ 	+ 	- 	+ 	 252/1.252 (20,1%)
+ 	+ 	- 	- 	 82/1.252 (6,5%)
+ 	- 	+ 	+ 	 241/1.252 (19,2%)
+ 	- 	+ 	- 	 72/1.252 (5,7%)
+ 	- 	- 	+ 	 141/1.252 (11,2%)
+ 	- 	- 	- 	 13/1.252 ! (1%)
- 	+ 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	+ 	- 	 51/1.252 (4%)
- 	+ 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	- 	- 	 46/1.252 (3,6%)
- 	- 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	+ 	- 	 69/1.252 (5,5%)
- 	- 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	- 	- 	 36/1.252 (2,8%)
				1.252

Fonte: a autora.

Com as combinações entre esses quatro fatores, conseguimos um resultado bastante satisfatório: damos conta de 99% dos dados. Entre 1.252 ocorrências de sujeitos nulos, apenas 13 ocorreram, em princípio, contrariando a hipótese. Ainda que o resultado de explicar 99% das ocorrências seja animador, também daremos atenção aos casos destoantes, em seguida.

### 4.3 Casos destoantes

Nesta seção, falaremos especificamente sobre cada um dos 13 sujeitos nulos que ocorreram em contextos aparentemente inesperados.

#### 4.3.1 Casos de mudança de tempo/modo verbal

A respeito do fator conexão ótima, nesta tese, levamos em consideração o que foi postulado por Paredes Silva (2003, p. 105), que a conexão ótima se daria quando houvesse a “permanência, na função de sujeito, do mesmo referente/tópico, no mesmo plano discursivo (manifestado pela manutenção do sistema de tempo-aspecto-modo verbal)”. Entretanto, Othero, Ayres, Gasque & Lazzari (a sair), a partir da análise de *corpus* de língua escrita, levando em consideração os mesmos fatores propostos neste trabalho, postulam que, na verdade, a conexão ótima não é afetada quando há apenas mudança de tempo verbal. Ou seja, se há “permanência, na função de sujeito, do mesmo referente/tópico, no mesmo plano discursivo”, sem outros elementos que poderiam atrapalhar a identificação do sujeito nulo, considera-se que a conexão ótima foi mantida. Nesse caso, os casos destoantes nos quais há apenas mudança de tempo verbal, seriam ainda considerados como conexão ótima, são as seguintes ocorrências:

1) *Entrevistador: Sim. E tem algum mau exemplo grande, assim, que tu nota na política?*

*Informante: Mau exemplo?*

*Entrevistador: Assim, bom, no geral a gente já conversou sobre, né, mas alguma pessoa que seja, assim...*

*Informante: Ahm, nem vou fala(r) de/ de/ de/ desses mais a/ que tão na mídia, assim, não vou fala(r) de presidente, nem nada disso, mas só pega(r)/ pega só Sarney, Maluf políticos antigos que todo mundo sabe que são corruptos, que roubam de caminhão, tão aí. Collor, o cara foi/ eu não sei o que o povo tem, eu acho que é burro. O Collor ele foi/ roubo(u) o Brasil inteiro ahm ele limpou a poupança de todo mundo, foi impititado e foi*

eleito por voto popular. **SN3ps +---** (Es)tá lá na:./ em Brasília de novo. Então, tem/ são exemplos clássicos, esses aí, e tá sendo investigado de novo por falcatrua e o povo vai lá e reelege. As mesmas pessoas que foram roubadas na década de oitenta, noventa, não me lembro mais quando é que foi, noventa, noventa e po(u)cos. (INFORMANTE 03)

2) Informante: Aí eu trabalhei no curso, né, e voltei pro movimento. E agora esse ano, como o Mariano tem dez anos, **SN3ps +---** começou a fazer catequese. (INFORMANTE 30)

3) Entrevistador: [Tu falo(u) antes de Curitiba. Tu viaja bastante, assim? Como é que é?  
Informante: **SN1ps +---** ViaJAVA muito. Agora não, eu tiv/ esse meu irmão que mora aqui na casa da mãe, ele... morou doze anos em Recife, então, como ele é separado... (INFORMANTE 30)

4) Entrevistador: E tu pratica alguma outra língua, então?  
Informante: **SN1ps +---** Fala:va, quando ia/ fui pro Chile, pro Peru, pro México, um pouquinho de espanhol, eu entendo o espanhol... (INFORMANTE 30)

5) Informante: Eu morava lá na casa da Maria na época, porque eu tava morando na Bahia. Só que eu vim pra assumi(r) a bolsa de pós-doc/ né, daí, até me organiza(r), **SN1ps +---** morava lá. (INFORMANTE 48)

6) Informante: Eu não gostava que as aeromoças caminhassem, porque eu achava que elas iam derrubar o avião, né. Se entrava algum gordo, eu ficava chateada, "aquele gordo vai derruba(r) esse avião, que merda, não calcularam pro peso daquele gordo! Tomara que ele não sente perto de mim." **SN3ps +---** Sentava do meu lado, eu ia ser a primeira a afunda(r), entendeu? (INFORMANTE 48)

7) Informante: apesar de ter muita lomba, pra qualquer lugar que **tu** vá tu tem que, né, fazer uma/ escalar, eu gosto desse bairro, **SN1ps +---** queria continuar morando aqui. (INFORMANTE 48)

8) *Informante: Eu gosto de viajar, ahm, eu não costumo viajar pra fora, eu viajo, assim, já viajei, algumas vezes, esse ano foi uma exceção que eu viajei duas vezes pra fora, mais, uma exceção completa, ahm, eu viajo bastante aqui pra dentro, eu costum/, ia muito a São Paulo, depois que eu entrei na letras, eu diminui bastante, **SN Ips +---** ia muito a São Paulo.* (INFORMANTE 120)

9) *Entrevistador: E vocês gostam de viajar?*

*Informante: Sim, eu particularmente gosto bastante, o João também, se eu pudesse, **SN Ips +---** viajava mais.* (INFORMANTE 60)

















































































10) *Informante: Tenho um gato e um cachorrinho, uhum, se pudesse **SN Ips +---** teria mais, mas como onde eu moro não tem pátio...* (INFORMANTE 60)

Em todos esses casos expostos acima, o que muda é apenas o tempo verbal. Se apenas a mudança de tempo verbal não basta para quebrar a conexão ótima, então dos 13 casos inesperados, 10 ainda seriam explicados pela hipótese proposta – que dá conta de explicar 99,8% dos dados. De todo modo, ainda restam 3 ocorrências que seriam contra evidências.

Nossa nova tabela de distribuição de sujeitos nulos a partir dos quatro fatores condicionadores fica da seguinte maneira:



Tabela 23: GS &amp; CO &amp; V2 &amp; MORF intermediária

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	 174/1.252 (13,8%)
+ 	+ 	+ 	- 	 75/1.252 (5,9%)
+ 	+ 	- 	+ 	 252/1.252 (20,1%)
+ 	+ 	- 	- 	 92/1.252 (7,3%)
+ 	- 	+ 	+ 	 241/1.252 (19,2%)
+ 	- 	+ 	- 	 72/1.252 (5,7%)
+ 	- 	- 	+ 	 141/1.252 (11,2%)
+ 	- 	- 	- 	 3/1.252 ! (0,2%)
- 	+ 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	+ 	- 	 51/1.252 (4%)
- 	+ 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	- 	- 	 46/1.252 (3,6%)
- 	- 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	+ 	- 	 69/1.252 (5,5%)
- 	- 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	- 	- 	 36/1.252 (2,8%)
				1.252









Fonte: a autora.

Dessa forma, a explicação por nós proposta daria conta de explicar 99,8% dos dados, muitíssimo próximo dos almejados 100%. Esse resultado é bastante satisfatório, mas, ainda assim, buscamos a explicação da totalidade dos dados e por causa disso, veremos os três dados que continuam, aparentemente, não explicados pela hipótese e averiguaremos se eles realmente não encontram explicação com base nos mesmos fatores que a imensa maioria de ocorrências.








### 4.3.2 Outros casos

As três ocorrências que parecem não se encaixar dentro do esperado de acordo com a hipótese são apresentadas a seguir. Cada uma delas poderia ter uma explicação diferente, por isso, falaremos sobre cada uma separadamente.

**11) Informante:** *A/ o Artur, que é o que morava na casa colada na casa da minha mãe, ele é filho dos donos da casa. O Artur, me lembro dele nascer. SN3ps +--- Deve ter q/ o que, hoje, uns trinta e poucos, trinta e três anos. O Artur trabalha perto do Hospital de Clínicas...* (INFORMANTE 30)

Neste caso, na verdade, há uma dúvida a respeito do referente: Seria “Artur” ou “o nascimento do Arthur”. Se for o primeiro, nossa hipótese não dá conta de explicar, já que o sujeito nulo seria com um referente [+gs] , [-co] , [-v2]  e [-morf] . Entretanto, se o antecedente for “o nascimento / a lembrança do nascimento” então, esse dado também pode ser explicado de acordo com a hipótese perseguida, já que seria um antecedente [-gs] , [-co] , [-v2]  e [-morf] .

**12) Informante:** *Eu tenho uma sobrinha minha que mora aqui, nessa... com meu irmão, é filha dele. Ela... é a que eu te falei que faz pedagogia na UFRGS, agora. Ela... uma manhã foi passear com a cadelinha dela, aí assaltaram, levaram anel, levaram corrente, isso no final de semana, né, e levaram inclusive a cadelinha. SN3ps +--- Era uma cadela pequeninha, assim, guaipeca, pequeninha, meio parecida com pincher, que nunca mais apareceu.* (INFORMANTE 30)





O sujeito nulo em questão pode se referir à cadelinha, e então, teria os traços [+gs] , [-co] , [-v2]  e [-morf] . Porém, nesse caso, parece ser um sujeito apresentativo (tipo era final da tarde), dessa forma, apresentaria os traços [-gs] , [-co] , [-v2]  e [-morf] , podendo ser explicado a partir da hipótese perseguida<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup>Aqui cabe outra ressalva: o traço [humano], que, como exposto na seção 2 desta tese, também é um dos possíveis fatores que condicionam o uso de formas nulas ou plenas em PB, com muita frequência se sobrepõe ao traço [gênero semântico]. Entretanto, se estivéssemos lidando com o traço [humano] e não

13) Entrevistador: Bom, eu ia te pergunta(r) se tu realiza algum trabalho voluntário.

Informante: Não, não, sou bem mercenária ((risos)). Não, é que não dá tempo, né, até gostaria, assim, eu queria muito faze(r) alguma coisa, eu fiquei pensando no que, né, daí eu pensei uma época em trabalha:(r) num, assim, casa de idosos, mas a minha vó moro(u) um tempo e:/ porque meu tio não pode cuida(r). Minha mãe tava adoentada e eu acho que não to preparada, ainda, daí eu pensei em trabalha(r) em hospital, né, ãã, mas isso é um trabalho que te exige tempo, porque tu não pode i(r) lá faze(r) uma intervenção e sumi(r), né, então não sei ainda, **SNlps +---** gostaria muito. (INFORMANTE 48)

Esse sujeito nulo ocorre com um verbo já proferido anteriormente em uma distância relativamente curta. Dá a impressão de que o informante passa a informação “até gostaria” e até a próxima ocorrência do mesmo verbo (“gostaria”), dá alguns exemplos, que contêm outros verbos, como uma pequena divagação. Entretanto, depois retoma a ideia principal usando o mesmo verbo, o que poderia influenciar na não expressão do sujeito, já que seria quase como “parênteses” no meio da conversa, um desvio do foco da informação principal, que, no fim das contas, não parece interferir (ao menos de maneira expressiva) na conexão ótima. Se assim é, então os traços do sujeito nulo em questão seriam [+gs] , [+co] , [-v2]  e [-morf] , também podendo ser explicado a partir da hipótese perseguida.

Esses últimos três casos destoantes são mais ‘enigmáticos’, já que não podemos ter absoluta certeza dos seus traços. Mas, se for como apresentamos nesta seção, a tabela definitiva da distribuição de sujeitos nulos a partir dos quatro fatores condicionadores ficaria como apresentado a seguir:

---





















































































[gênero semântico], esse dado seria enquadrado como explicado pela hipótese, já que o referente “cadelinha” seria [-hum] , [-co] , [-v2]  e [-morf] .

Tabela 24: GS &amp; CO &amp; V2 &amp; MORF final

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	 174/1.252 (13,8%)
+ 	+ 	+ 	- 	 75/1.252 (5,9%)
+ 	+ 	- 	+ 	 252/1.252 (20,1%)
+ 	+ 	- 	- 	 93/1.252 (7,4%)
+ 	- 	+ 	+ 	 241/1.252 (19,2%)
+ 	- 	+ 	- 	 72/1.252 (5,7%)
+ 	- 	- 	+ 	 141/1.252 (11,2%)
+ 	- 	- 	- 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	+ 	- 	 51/1.252 (4%)
- 	+ 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	+ 	- 	- 	 46/1.252 (3,6%)
- 	- 	+ 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	+ 	- 	 69/1.252 (5,5%)
- 	- 	- 	+ 	 0/1.252 (0%)
- 	- 	- 	- 	 38/1.252 (3%)
				1.252

Fonte: a autora.

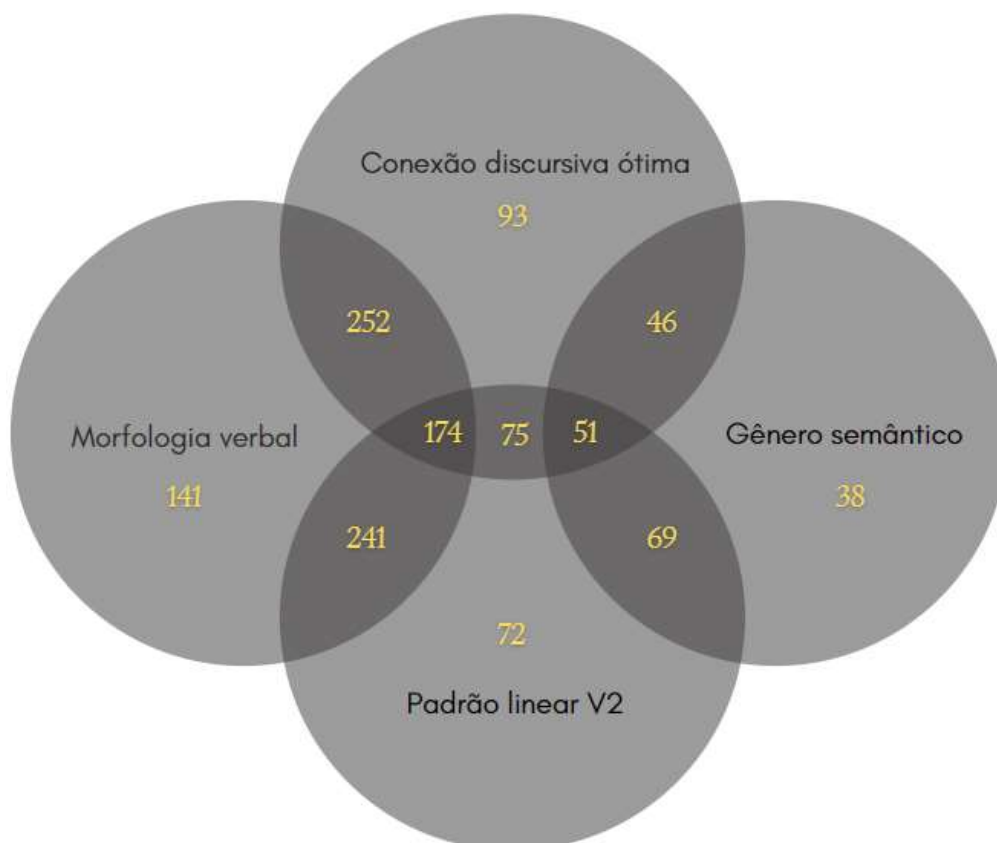
Dessa forma, mesmo que consideremos como destoantes os últimos três casos, eles configuram apenas 0,2% da amostra. Sendo assim, nossa hipótese foi capaz de explicar, no pior dos cenários, 99% dos dados (cf. tabela 22), num cenário intermediário, foi capaz de explicar 99,8% dos dados (cf. tabela 23) e, no melhor dos cenários, com nossa hipótese foi possível explicar a *totalidade* de dados de sujeitos nulos (cf. tabela 24).

Logo, a tão almejada explicação de 100% dos dados pôde ser alcançada a partir da união dos quatro fatores que apresentamos em nossa hipótese: gênero semântico, conexão discursiva ótima, padrão linear V2 e morfologia verbal<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> O resultado a partir dessa análise de fatores se mostrou também relevante para a análise de língua escrita (cf. Othero, Ayres, Gasque e Lazzari, a sair).

Em nossa hipótese, apresentamos um diagrama que representava o universo de sujeitos nulos que esperávamos encontrar em PB. Aqui, retomamos esse diagrama e apresentamos os números de ocorrências totais de sujeitos nulos encontradas:

Figura 7: Universo dos sujeitos nulos em PB com números totais



Fonte: a autora.

Assim, vimos que foi possível apresentar o diagrama do universo de sujeitos nulos do PB e contemplar nele todas as ocorrências de sujeitos nulos. A totalidade dos dados de sujeitos não expressos foneticamente está contida nas combinações apresentadas na tabela 24 e também na figura 7, acima, de maneira que nossa hipótese (analisar os dados de sujeitos nulos a partir de multifatores, para explicar seus contextos de ocorrências residuais) foi comprovada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no início deste trabalho, o fenômeno do sujeito nulo já foi amplamente investigado em PB. Nesse longo caminho, muito se descobriu, mas permaneceram algumas questões cujas respostas estão em aberto. Uma dessas questões, que motivou nossa pesquisa, foi descobrir quais os contextos de ocorrências de sujeitos nulos em nossa língua, ou seja, averiguar os vestígios de uma língua que já foi +pro-drop. Para tanto, pudemos contar com trabalhos anteriores que trouxeram contribuições enormes e que permitiram formular nossa hipótese: a união de hipóteses apresentadas em trabalhos anteriores, que explicavam boa parte dos dados, pareceu ser um bom ponto de partida. Sendo assim, nossa hipótese previa que, ao levarmos em conta quatro fatores, ou seja, em uma análise multifatorial, seria possível explicar a *totalidade* dos dados encontrados de sujeitos nulos em PB (unindo os fatores gênero semântico, morfologia verbal, conexão discursiva ótima e padrão linear V2).

Perseguindo nossa hipótese, analisamos os dados à luz de um, dois, três e quatro fatores. Conforme fomos aumentando o número de fatores, mais consistente nossa hipótese se mostrava. Com apenas um fator isoladamente, não pudemos apontar tendências, mas à medida que passamos a analisar os fatores em conjunto, fomos obtendo resultados melhores, até chegarmos nas ocorrências analisadas a partir do conjunto dos quatro fatores, que, como vimos, explica ao menos 99% dos dados, nos levando a um maior entendimento do fenômeno do sujeito nulo em PB.

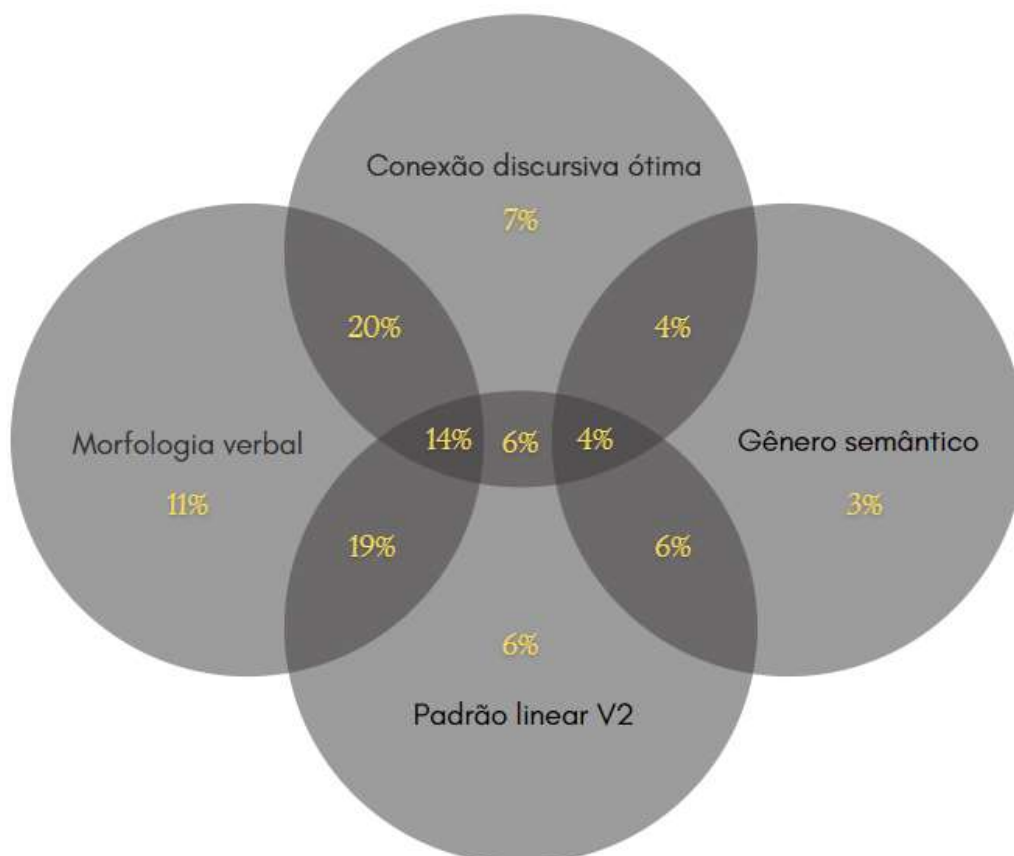
Algo que pode ser estranho para o leitor é que, apesar de nosso trabalho ser inserido na área da Sintaxe, não nos limitamos à estrutura da sentença. Buscamos a explicação para o fenômeno em questão também a partir do encadeamento de sentenças (na conexão discursiva ótima), na Semântica (ao analisar o traço de gênero semântico), na Morfologia (através das desinências verbais) e também na Prosódia (no padrão linear V2). Além disso, não nos prendemos a uma vertente dos estudos linguísticos em detrimento de outra (gerativismo *vs.* funcionalismo ou introspecção *vs.* análise de *corpus*, por exemplo). Com isso, nosso objetivo não foi tirar a validade de se olhar para os fenômenos somente a partir de uma perspectiva, mas validar que se olhe para os fenômenos a partir de diferentes perspectivas em conjunto, já que a língua é um sistema complexo, com muitos ângulos sob os quais podemos analisá-la e cada vez mais

desvendá-la. Nesse sentido, apresentamos aqui as palavras de Kato & Tarallo (1988) que podem se aplicar a essa situação:

... being theoretically sophisticated does not preclude the possibility of empirical work, and, on the other hand, by doing empirical work one should not fail to consider theoretical insights and predictions, which, though not based on real data [...] can help the variationist in his attempt to understand the organization and the functioning of grammatical systems (Kato & Tarallo, 1988, p. 17 *apud* Duarte, 1993, p. 1).

Além disso, retomamos o diagrama apresentado em nossa hipótese (repetido aqui, com a distribuição dos sujeitos nulos em porcentagens arredondadas):

Figura 8: Universo dos sujeitos nulos em PB com porcentagens arredondadas



Fonte: a autora.

Vimos que através do diagrama foi possível verificar a comprovação de nossa hipótese, já que os contextos de ocorrência de sujeitos nulos estão ali contidos. Ou seja, em nossa análise multifatorial com quatro elementos, temos o universo dos sujeitos nulos do PB.

## REFERÊNCIAS

- AYRES, M. R. **Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil**. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2016.
- AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil. **Caderno de Squibs**, v. 2, n. 2, 2016.
- BATISTI, Elisa; et al. **LinguaPoa, acervo de entrevistas sociolinguísticas em constituição: Desenho da amostra e resultados dos primeiros estudos**. Comunicação oral no XIII Seminário de Teoria e Análise Linguística da UFRGS – SeTAL, 2017.
- BENTIVOGLIO, P. A. **Why ‘canto’ and not ‘yo canto’? The problem of first person subject pronoun in spoken Venezuelan Spanish**. M. of Arts thesis. University of California, 1980.
- BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: Mary A. Kato; Milton do Nascimento. (Org.). **A Construção da Sentença; Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. 1a.ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- BIBERAUER, T. Semi pro-drop languages, expletives and expletive pro reconsidered, em T. Biberauer *et al.*(eds) **Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press. 153-199, 2010.
- BIBERAUER, T., HOLMBERG, A., ROBERTS, I. & SHEEHAN, M. **Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory**, Cambridge University Press, Cambridge, MA, USA, 2010.
- BIBERAUER, T. 2010. Semi pro-drop languages, expletives and expletive pro reconsidered, em T. Biberauer *et al.*(eds) **Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory**. Cambridge: Cambridge University Press. 153-199.
- BERLINCK, R. A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In F. Tarallo (org.) **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Ed. Pontes. 95-112, 1989.
- BERLINCK, R. A. As posposições do sujeito em português. In: 1º Encontro do CelSul (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul), 1997, Florianópolis. **Anais do 1º Encontro do CelSul**, 1995. v. 2. p. 507-519.



CALABRESE, A. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. In: N. Fukui; T. Raport e E. Sagey (eds.) **MIT Working Papers in Linguistics**, 8. 1-46, 1986.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I.; MARTINS, M. A. Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no português brasileiro: fenômenos correlacionados. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (org.). **Português Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, p. 137-157, 2008

COELHO, I. L.; OTHERO, G. A.; VIEIRA-PINTO, C. A. Reanálise de variáveis semânticas no condicionamento do objeto nulo e do pronome pleno na fala de Florianópolis. **Fórum Linguístico**, v. 14, n. 4, 2017.

CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

CYRINO, S. M. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.)

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, p. 55-104, 2000.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The Null Subject Parameter and the Structure of the Sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, L.; Menuzzi, S.; Costa, J. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2016.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.

DUARTE, M. E. L. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese, in M. A. Kato & E. V. Negrão, eds, **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**, Vervuert- Iberoamericana, Frankfurt, Germany, pp. 17–36, 2000.

DUARTE, M. E. L. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, M. E. L. ReVEL na Escola: Sobre pronomes pessoais na fala e na escrita. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 16, p. 1-12, 2018.

DUARTE, M. E. L. A remarcação em curso no valor do parâmetro do sujeito nulo. **CUADERNOS DE LA ALFAL**, v. 12, p. 71-99, 2020.

DUARTE, M. E. L.; MOURÃ, G. C.; SANTOS, H. S. Os sujeitos de 3ª. pessoa: revisitando Duarte 1993, em M. Eugênia L. Duarte (ed.) **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo, Parábola Editorial, 21-44, 2012.

DUARTE, M. E. L.; MOURAO, G. C.; GUIMARÃES, L. S. A retomada dos sujeitos proposicionais: categoria vazia ou demonstrativo neutro? In: Duarte, M. E. L. (Org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 69-82, 2012.

DUARTE, I.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. The null subject parameter and the structure of the sentence in European and Brazilian Portuguese. In: Wetzels, L.; Menuzzi, S.; Costa, J. **The Handbook of Portuguese Linguistics**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2016.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. *Revista Linguística*, v. 13, n. 2, 2017.

GIVÓN, T. **English grammar: A function-based introduction**. John Benjamins Publishing, 1993.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez \ Natal: EDUFRN, 2012.

GRAVINA, A. P. **A Natureza do Sujeito Nulo na Diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro (1845 a 1950)**. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2008.

GRAVINA, A. P. Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 16, n. spe, p. 199-231, dez. 2014.

GUILHERME, M. R. C. Português Brasileiro: uma língua V2? **INTERFACIS**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2016.

HAEGEMAN, L. Understood subjects in English diaries. **Multi-lingua**, 157-199, 1990.

HOLMBERG, A. Is There a Little Pro? Evidence from Finnish. **Linguistic Inquiry** 36, pp. 533–564, 2005.

HOLMBERG, A., NAYUDU, A. & SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish, and Marathi, **Studia Linguistica**, pp. 59–97, 2009.

HUANG, C.-T. J. On the distribution and reference of empty pronouns. **Linguistic Inquiry** 15, 531–574, 1984.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. **The Null Subject Parameter**, Kluwer, Dordrecht, The Netherlands, 1989.

KATO, M. A. Strong and weak pronominals in the null subject Parameter. **Probus** (Dordrecht), Berlin, v. 11, n.1, p. 1-37, 1999.

KATO, M. A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese, in M. E. N. Kato, ed., **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**, Vervuert- Iberoamericana, Frankfurt, Germany, pp. 223–258, 2000.

KATO, M. A. **Determinantes prosódicos em mudança sintática**. Abralín ao vivo, 2020. [<https://www.youtube.com/watch?v=t3BLRPloZJI&t=2925s>]

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrição na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas** (UFJF. Online), v. 18, p. 1-21, 2014.

KATO, M. A. & TARALLO, F. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Não publicado, UNICAMP, 1988.

KENEDY, E.; OTHERO, G. A. **Para conhecer sintaxe**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LIRA, Solange de A. **Nominal, Pronominal and Zero Subject in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, 1982.

MAGALHÃES, T. **Aprendendo sujeito nulo na escola**. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

MARTINS, M. A. R.; CAVALCANTE, S.; COELHO, I. L. Ordem do sujeito e colocação de clíticos na escrita brasileira dos séculos XIX e XX. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 62, p. 1-22, 2020.

MENDONÇA, J.; NASCIMENTO, J. A expressão do sujeito nulo em redações de alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 25, p. 201-215, 2015.

MENUZZI, S. M. A ordem verbo-sujeito no português do Brasil: para uma comparação das abordagens formalistas e funcionalistas. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 16, p. 349-384, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

OTHERO, AYRES, GASQUE & LAZZARI – a sair.

OTHERO, G. A.; CARDOZO, R. W. A ordem pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (or There and Back Again, a Word Order's Holiday). **Fórum Linguístico**, v. 14, p. 1717, 2017.

OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; ROSITO, R.; ALVES, L. M. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em corpora escritos com características de fala. **Revista da Anpoll**, v. 1, 2018.

OTHERO, G. A.; GOLDNADEL, M. Omissão de sujeito pronominal anafórico e as construções de dupla negação. **CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (UNICAMP)**, v. 62, p. 1-21, 2020.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrita. **Revista de Estudos da Linguagem (UFMG)**, v. 26, n. 1, 2018.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). **Domínios de Lingu@gem**. Uberlândia, vol. 13, n. 1, jan. - mar. 2019a.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 61, n. 1, 2019b.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas. A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado - UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

PAREDES SILVA, V. L. variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª. pessoa do singular no português carioca. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n.2, p. 121-138, 1998.

PAREDES SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: Maria da Conceição de Paiva; Maria Eugênia Lamoglia Duarte. (org.). **Mudança lingüística em tempo real**. 1ed. Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, v. 1, p. 97-114, 2003.

PERLMUTTER, D. **Deep and Surface Structure Constraints in Syntax**, Holt, Rinehart and Winston, New York, 1971.

PINTO, C. F.; ANTONELLI, A. O Efeito V2 na história do espanhol e português europeus. **Filologia e Linguística Portuguesa (Online)**, v. 16, p. 163-197, 2014.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2015.

RIZZI, L. **The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar.** ms., 1988.

ROBERTS, I. Posfácio. O português brasileiro no contexto das línguas românicas, em Ian Roberts e Mary A. Kato (eds.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas, Editora da Unicamp: 409-425, 1993.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction, in T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts & M. Sheehan, eds, **Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory.** Cambridge University Press, Cambridge: MA, USA, pp. 1–56, 2010.

RODRIGUES C. N. **Effects of Loss of Morphology in Partial pro-drop Languages.** Tese de doutorado, University of Maryland, 2004.

RODRIGUES, C. **Impoverished Morphology and A-Movement out of Case Domains,** PhD thesis, University of Maryland at College Park, Cambridge, MA, USA, 2004.

SOARES, E. C. **Anaphors in discourse: anaphoric subjects in Brazilian Portuguese.** PhD Thesis. University Sorbonne Paris City, Paris, France, 2017.

SOARES, E. C.; MILLER, P. & HEMFORTH, B. The effect of verbal agreement marking on the use of null and overt subjects. **Forum linguistic.**, Florianópolis, v.16, n.1, p.3479-3600, jan./mar. 2019.

SOARES, E. C.; MILLER, P. & HEMFORTH, B. The Effect of Semantic and Discourse Features on the Use of Null and Overt Subjects - A Quantitative Study of Third Person Subjects in Brazilian Portuguese. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 36, p. 1-38, 2020.

SPINELLI, A. C. **Pronomes e sua ausência: por um tratamento unificado da omissão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2018.

TARALDSEN, K. T. **On the NIC, vacuous application, and the that-trace filter.** Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1978.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese.** Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

VERÍSSIMO, V. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 76-90, 2017.

WIDERA, C.; KAISER, G. A. Asterix e os pronomes sujeitos: uma análise contrastiva do emprego dos pronomes sujeitos no português europeu e brasileiro. In: L.d.C. Moutinho, R.L. Coimbra, E.F. Rei, X. Sousa & A.G. Bautista (orgs.), **Estudos em variação linguística nas línguas românicas**. Aveiro: UA Editora / Universidade de Aveiro, 143–165, 2019.

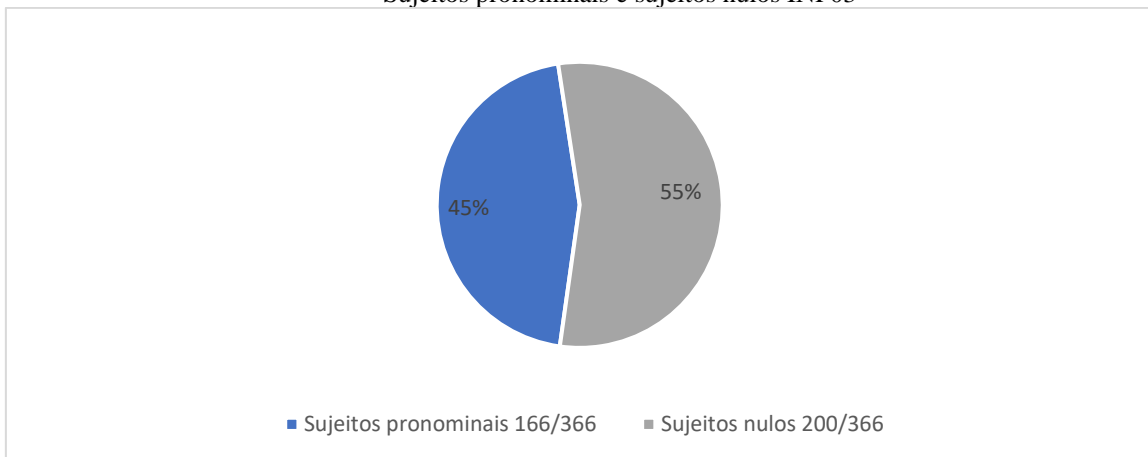
## ANEXOS

### INFORMANTE 03

Sexo: masculino

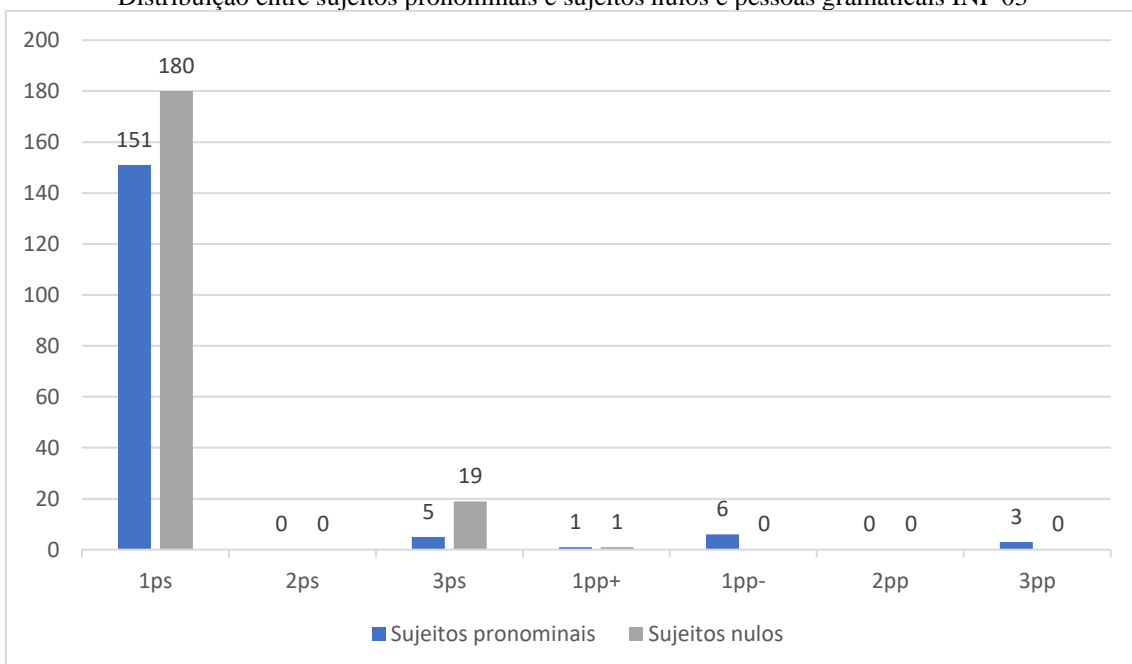
Faixa etária: 20-39 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF03



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF 03































































Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF03

[+gs] +gênero semântico	186/200 (93%)
[-gs] -gênero semântico	14/200 (7%)
[+co] +conexão ótima	97/200 (48,5%)
[-co] -conexão ótima	103/200 (51,5%)
[+v2] +padrão linear v2	102/200 (51%)
[-v2] -padrão linear v2	98/200 (49%)
[+morf] +morfologia	160/200 (80%)
[-morf] -morfologia	40/200 (20%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF03

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	30 
+ 	+ 	+ 	- 	7 
+ 	+ 	- 	+ 	50 
+ 	+ 	- 	- 	6 
+ 	- 	+ 	+ 	45 
+ 	- 	+ 	- 	12 
+ 	- 	- 	+ 	35 
+ 	- 	- 	- 	1 ! 
- 	+ 	+ 	- 	1 
- 	+ 	- 	- 	3 
- 	- 	+ 	- 	7 
- 	- 	- 	- 	3 
Total				200

Fonte: a autora.



### Caso destoante INF 03

#### Ocorrência de sujeito nulo não esperada informante INF03

1) Entrevistador: Sim. E tem algum mau exemplo grande, assim, que tu nota na política?

Informante: Mau exemplo?

Entrevistador: Assim, bom, no geral a gente já conversou sobre, né, mas alguma pessoa que seja, assim...

Informante: Ahm, nem vou fala(r) de/ de/ de/ desses mais a/ que tão na mídia, assim, não vou fala(r) de presidente, nem nada disso, mas só pega(r)/ pega só Sarney, Maluf políticos antigos que todo mundo sabe que são corruptos, que roubam de caminhão, tão aí. Collor, o cara foi/ eu não sei o que o povo tem, eu acho que é burro. O Collor ele foi/ roubo(u) o Brasil inteiro ahm ele limpou a poupança de todo mundo, foi impitímado e foi eleito por voto popular. **SN3ps +---** (Es)tá lá na::/ em Brasília de novo. Então, tem/ são exemplos clássicos, esses aí, e tá sendo investigado de novo por falcatrua e o povo vai lá e reelege. As mesmas pessoas que foram roubadas na década de oitenta, noventa, não me lembro mais quando é que foi, noventa, noventa e po(u)cos.

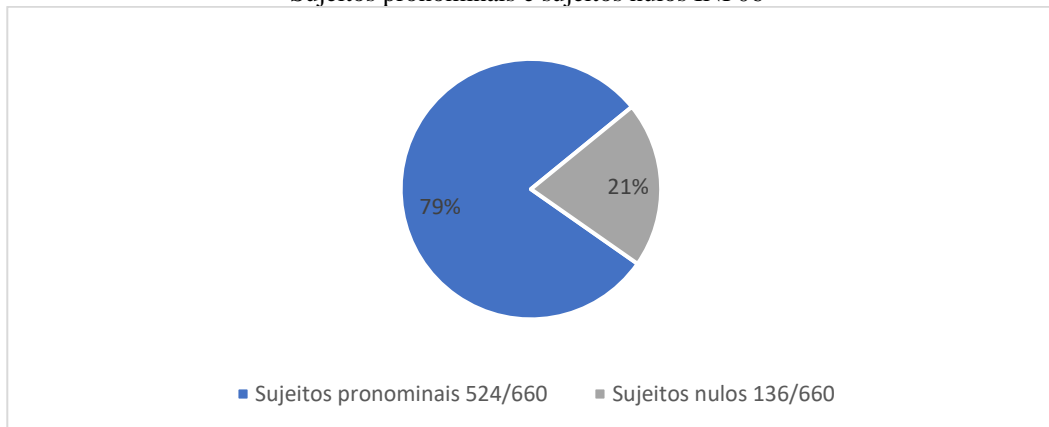
Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 03.

## INFORMANTE 06

Sexo: feminino

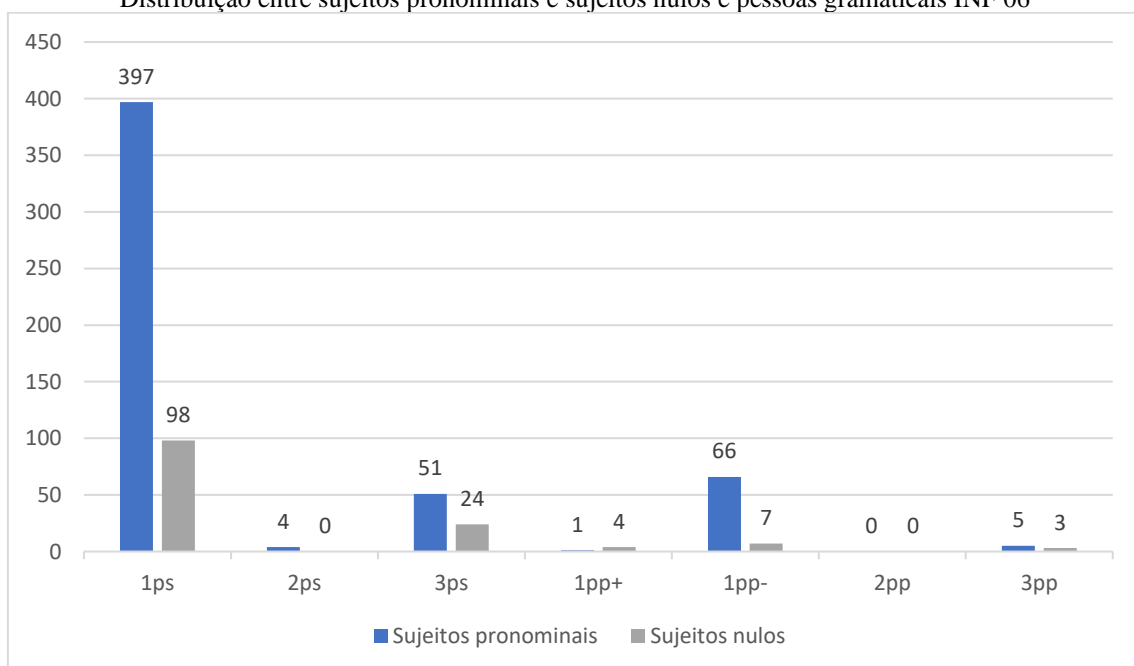
Faixa etária: 20-39 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF06



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF 06








































Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF06

[+gs] +gênero semântico	118/136 (86,7%)
[-gs] -gênero semântico	18/136 (13,3%)
[+co] +conexão ótima	86/136 (63,2%)
[-co] -conexão ótima	50/136 (36,8%)
[+v2] +padrão linear v2	75/136 (55,1%)
[-v2] -padrão linear v2	61/136 (44,9%)
[+morf] +morfologia	99/136 (72,7%)
[-morf] -morfologia	37/136 (27,3%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF06

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	29 
+ 	+ 	+ 	- 	9 
+ 	+ 	- 	+ 	32 
+ 	+ 	- 	- 	7 
+ 	- 	+ 	+ 	25 
+ 	- 	+ 	- 	3 
+ 	- 	- 	+ 	13 
- 	+ 	+ 	- 	5 
- 	+ 	- 	- 	4 
- 	- 	+ 	- 	4 
- 	- 	- 	- 	5 
Total				136

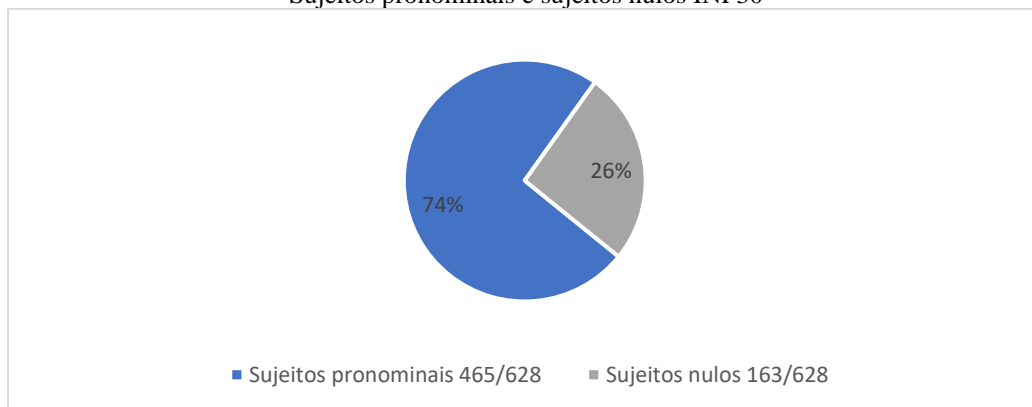
Fonte: a autora.

## INFORMANTE 30

Sexo: masculino

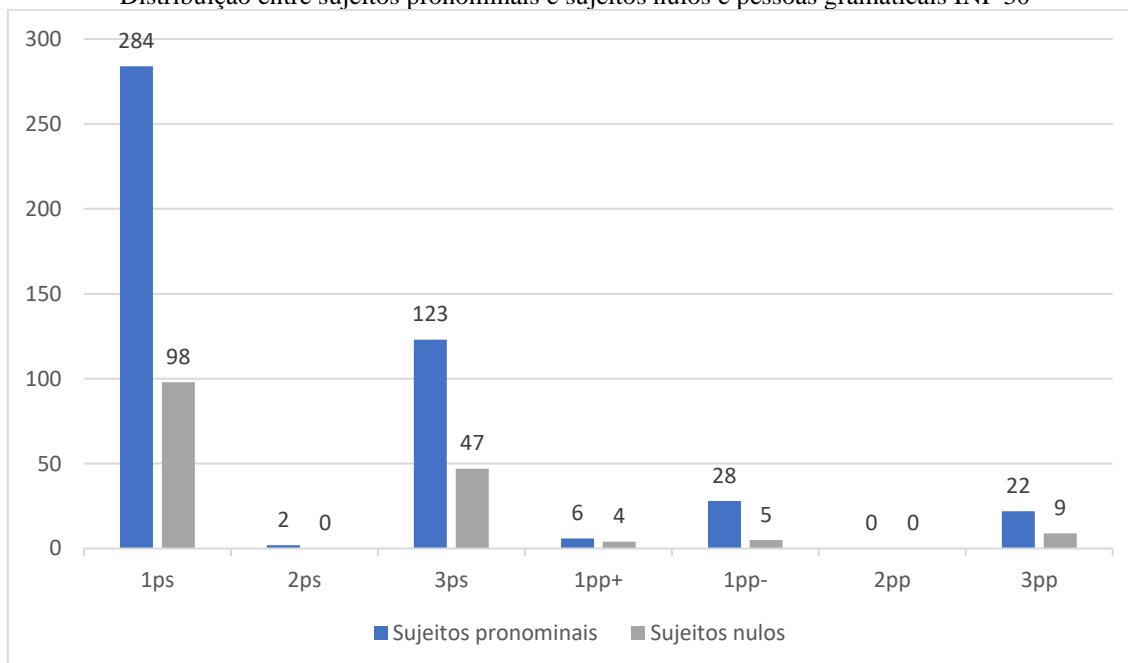
Faixa etária: 40-59 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF30



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF 30






























































Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF30

[+gs] +gênero semântico	133/163 (81,5%)
[-gs] -gênero semântico	30/163 (18,5%)
[+co] +conexão ótima	103/163 (63,1%)
[-co] -conexão ótima	60/163 (36,9%)
[+v2] +padrão linear v2	81/163 (49,6%)
[-v2] -padrão linear v2	82/163 (50,4%)
[+morf] +morfologia	86/163 (52,7%)
[-morf] -morfologia	77/163 (47,3%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF30

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	18 
+ 	+ 	+ 	- 	12 
+ 	+ 	- 	+ 	34 
+ 	+ 	- 	- 	23 
+ 	- 	+ 	+ 	22 
+ 	- 	+ 	- 	7 
+ 	- 	- 	+ 	12 
+ 	- v	- 	- 	5 ! 
- 	+ 	+ 	- 	10 
- 	+ 	- 	- 	6 
- 	- 	+ 	- 	12 
- 	- 	- 	- 	2 
				163

Fonte: a autora.

## Casos destoantes INF30

### Ocorrências de sujeito nulo não esperada informante INF30

1) Informante: A/ o Artur, que é o que morava na casa colada na casa da minha mãe, ele é filho dos donos da casa. O Artur, me lembro dele nascer. **SN3ps +---** Deve ter q/ o que, hoje, uns trinta e poucos, trinta e três anos. O Artur trabalha perto do Hospital de Clínicas [...].

2) Informante: Eu tenho uma sobrinha minha que mora aqui, nessa... com meu irmão, é filha dele. Ela... é a que eu te falei que faz pedagogia na UFRGS, agora. Ela... uma manhã foi passear com a cadelinha dela, aí assaltaram, levaram anel, levaram corrente, isso no final de semana, né, e levaram inclusive a cadelinha. **SN3ps +---** Era uma cadela pequeninha, assim, guaipeca, pequeninha, meio parecida com pincher, que nunca mais apareceu.

3) Informante: Aí eu trabalhei no curso, né, e voltei pro movimento. E agora esse ano, como o Mariano tem dez anos, **SN3ps +---** começou a fazer catequese.

4) Entrevistador: [Tu falo(u) antes de Curitiba. Tu viaja bastante, assim? Como é que é?  
Informante: **SN1ps +---** ViaJAVA muito. Agora não, eu tive esse meu irmão que mora aqui na casa da mãe, ele... morou doze anos em Recife, então, como ele é separado [...].

5) Entrevistador: E tu pratica alguma outra língua, então?

Informante: **SN1ps +---** Fala::va, quando ia/ fui pro Chile, pro Peru, pro México, um pouquinho de espanhol, eu entendo o espanhol [...].

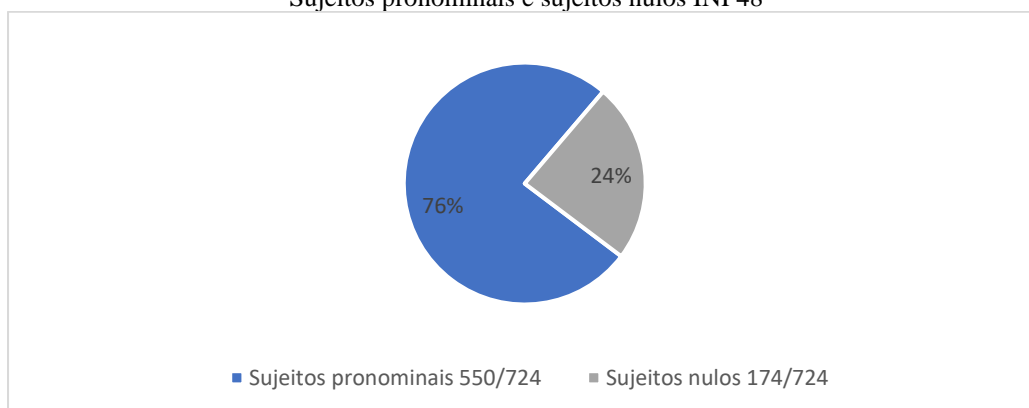
Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 30.

## INFORMANTE 48

Sexo: feminino

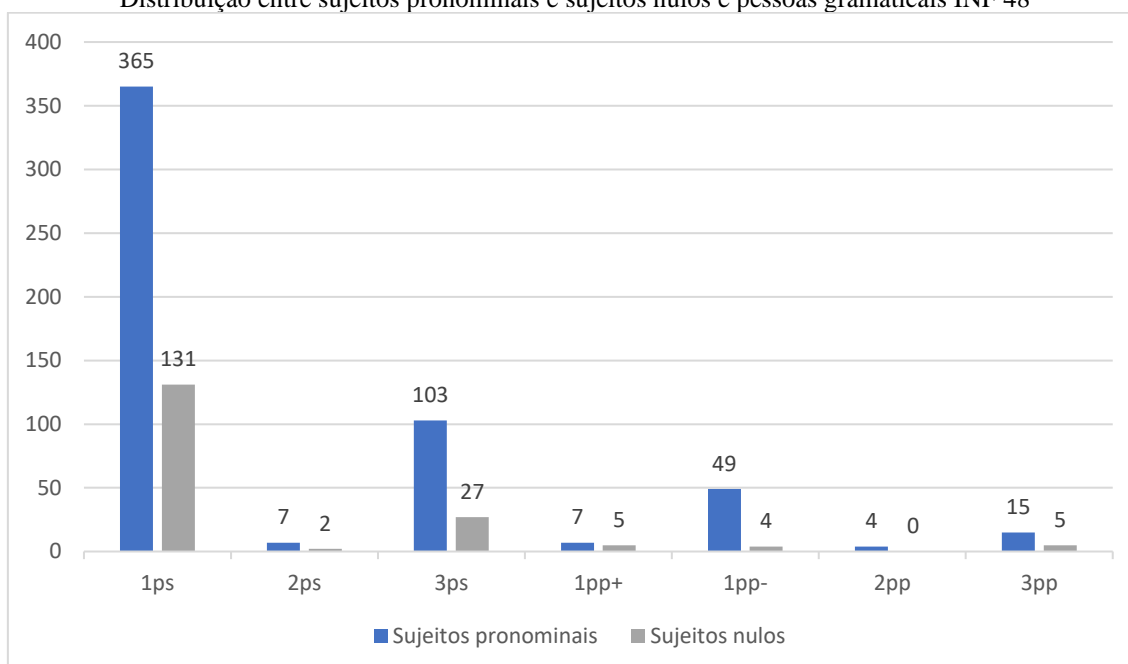
Faixa etária: 40-59 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF48



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF 48



Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF 48

[+gs] +gênero semântico	157/174 (90,2%)
[-gs] -gênero semântico	17/174 (9,8%)
[+co] +conexão ótima	87/174 (50%)
[-co] -conexão ótima	87/174 (50%)
[+v2] +padrão linear v2	94/174 (54%)
[-v2] -padrão linear v2	80/174 (46%)
[+morf] +morfologia	107/174 (61,4%)
[-morf] -morfologia	67/174 (38,6%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF48

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+	+	+	+	19
+	+	+	-	16
+	+	-	+	29
+	+	-	-	16
+	-	+	+	32
+	-	+	-	14
+	-	-	+	27
+	-	-	-	4 !
-	+	+	-	5
-	+	-	-	2
-	-	+	-	8
-	-	-	-	2
				174

Fonte: a autora.



## Casos destoantes INF48

### Ocorrências de sujeito nulo não esperada informante INF48

- 1) Entrevistador: Bom, eu ia te pergunta(r) se tu realiza algum trabalho voluntário.  
Informante: Não, não, sou bem mercenária ((risos)). Não, é que não dá tempo, né, até gostaria, assim, eu queria muito faze(r) alguma coisa, eu fiquei pensando no que, né, daí eu pensei uma época em trabalha:(r) num, assim, casa de idosos, mas a minha vó moro(u) um tempo e:/ porque meu tio não pode cuida(r). Minha mãe tava adoentada e eu acho que não to preparada, ainda, daí eu pensei em trabalha(r) em hospital, né, ãã, mas isso é um trabalho que te exige tempo, porque tu não pode i(r) lá faze(r) uma intervenção e sumi(r), né, então não sei ainda, **SN1ps +---** gostaria muito.
- 2) Informante: Eu morava lá na casa da Maria na época, porque eu tava morando na Bahia. Só que eu vim pra assumi(r) a bolsa de pós-doc/ né, daí, até me organiza(r), **SN1ps +---** morava lá.
- 3) Informante: Eu não gostava que as aeromoças caminhassem, porque eu achava que elas iam derrubar o avião, né. Se entrava algum gordo, eu ficava chateada, "aquele gordo vai derruba(r) esse avião, que merda, não calcularam pro peso daquele gordo! Tomara que ele não sente perto de mim." **SN3ps +---** Sentava do meu lado, eu ia ser a primeira a afunda(r), entendeu?
- 4) Informante: apesar de ter muita lomba, pra qualquer lugar que tu vá tu tem que, né, fazer uma/ escalar, eu gosto desse bairro, **SN1ps +---** queria continuar morando aqui.

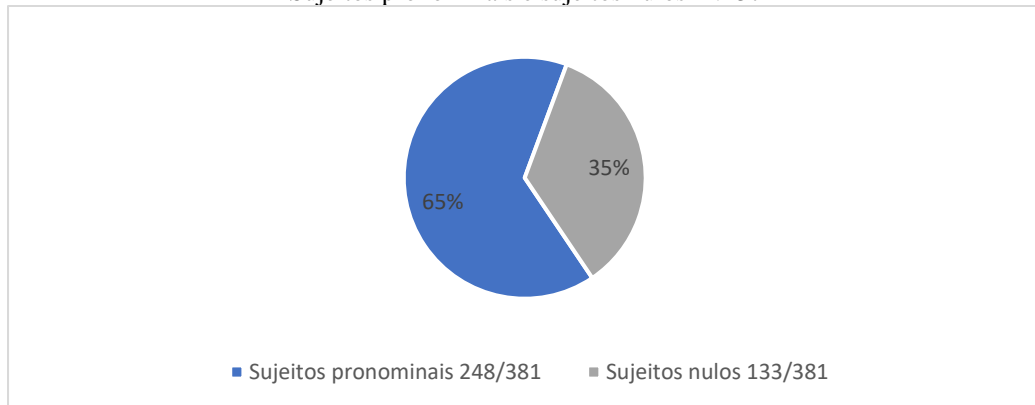
Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 48.

## INFORMANTE 57

Sexo: masculino

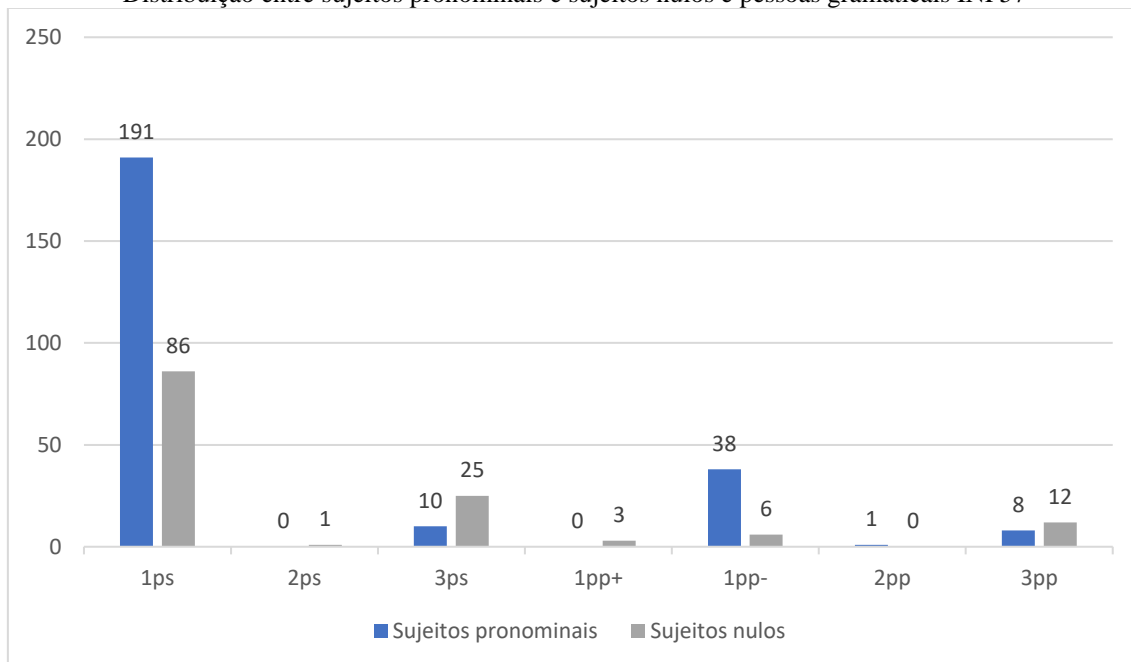
Faixa etária: 20-39 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF57



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF57


























































Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF57

[+gs] +gênero semântico	104/133 (78,1%)
[-gs] -gênero semântico	29/133 (21,9%)
[+co] +conexão ótima	49/133 (36,8%)
[-co] -conexão ótima	84/133 (63,2%)
[+v2] +padrão linear v2	98/133 (73,6%)
[-v2] -padrão linear v2	37/133 (26,4%)
[+morf] +morfologia	79/133 (59,3%)
[-morf] -morfologia	54/133 (40,7%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF57

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	13 
+ 	+ 	+ 	- 	8 
+ 	+ 	- 	+ 	12 
+ 	+ 	- 	- 	7 
+ 	- 	+ 	+ 	42 
+ 	- 	+ 	- 	10 
+ 	- 	- 	+ 	12 
- 	+ 	+ 	- 	6 
- 	+ 	- 	- 	3 
- 	- 	+ 	- 	17 
- 	- 	- 	- 	3 
Total				133

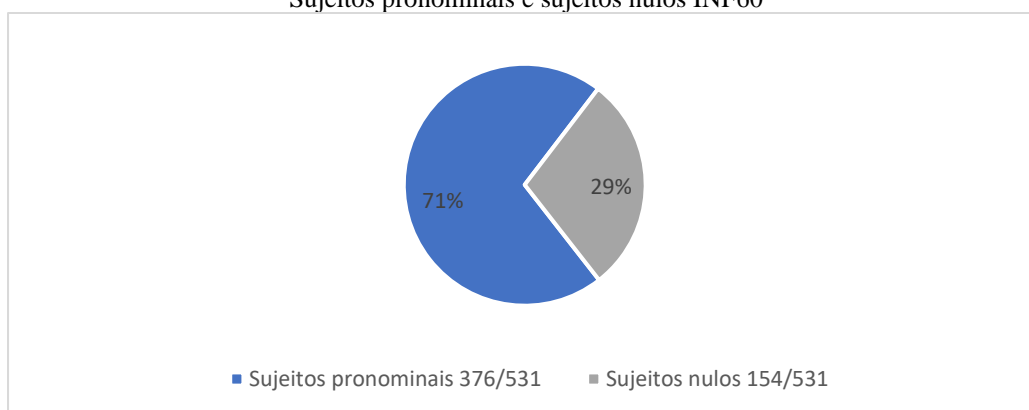
Fonte: a autora.

## INFORMANTE 60

Sexo: feminino

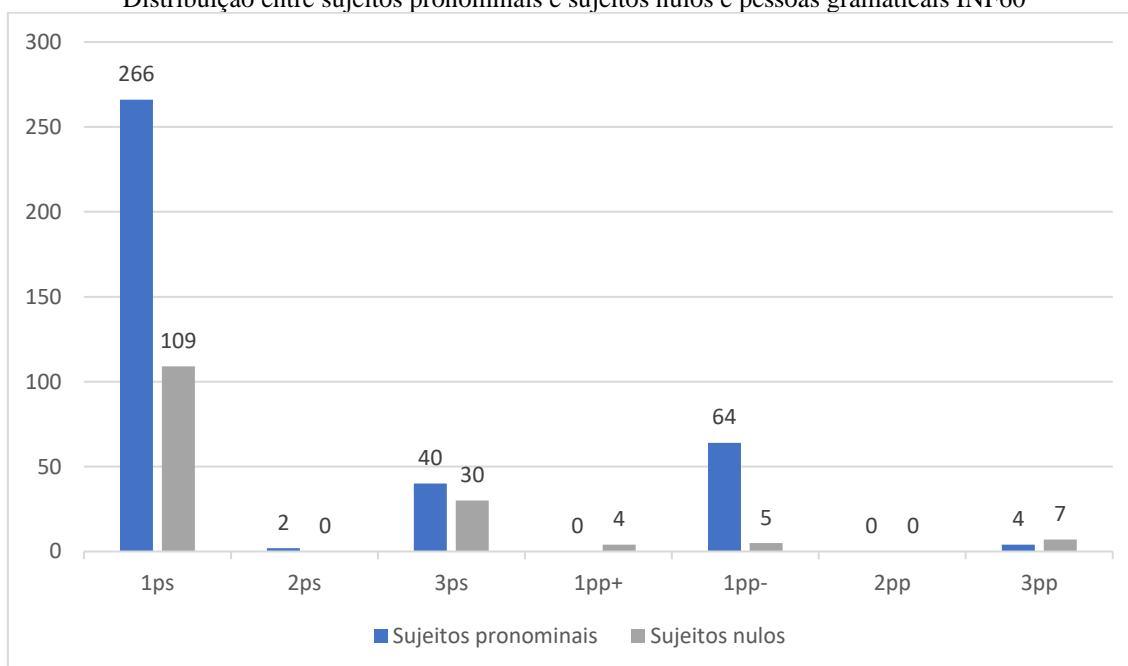
Faixa etária: 20-39 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF60



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF60



Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF60

[+gs] +gênero semântico	125/154 (81,1%)
[-gs] -gênero semântico	29/154 (18,9%)
[+co] +conexão ótima	86/154 (55,8%)
[-co] -conexão ótima	68/154 (44,2%)
[+v2] +padrão linear v2	79/154 (51,2%)
[-v2] -padrão linear v2	75/154 (48,8%)
[+morf] +morfologia	98/154 (63,3%)
[-morf] -morfologia	56/154 (36,7%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF60

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+	+	+	+	23
+	+	+	-	10
+	+	-	+	29
+	+	-	-	8
+	-	+	+	25
+	-	+	-	7
+	-	-	+	21
+	-	-	-	2 !
-	+	+	-	8
-	+	-	-	8
-	-	+	-	6
-	-	-	-	7
				154

Fonte: a autora.

## Casos destoantes INF60

### Ocorrências de sujeito nulo não esperada informante INF60

1) Entrevistador: E vocês gostam de viajar?

Informante: Sim, eu particularmente gosto bastante, o João também, seu eu pudesse, **SN1ps +---** viajava mais [...].

2) Informante: Tenho um gato e um cachorrinho, uhum, se pudesse **SN1ps +---** teria mais, mas como onde eu moro não tem pátio [...].

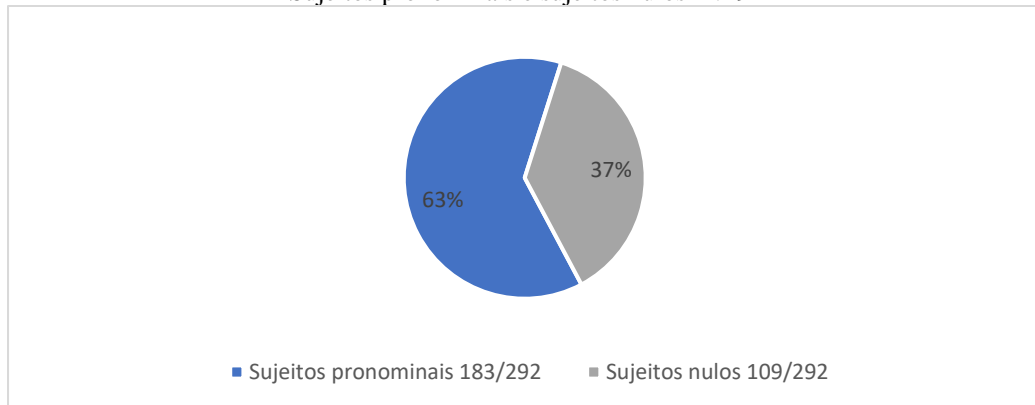
Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 60.

## INFORMANTE 92

Sexo: masculino

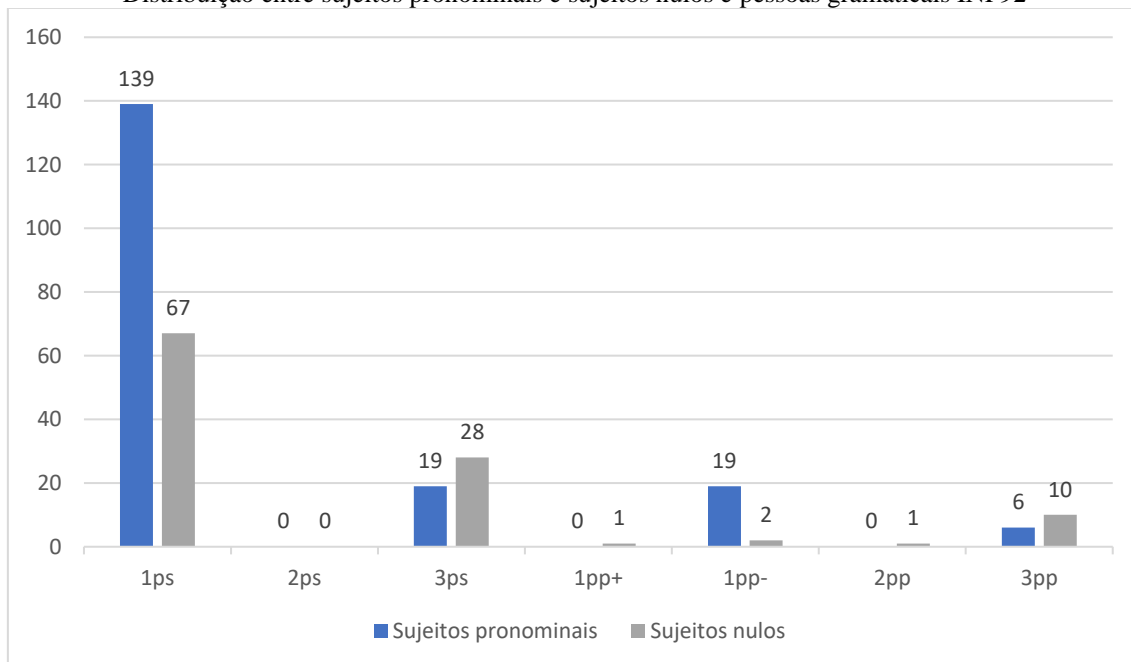
Faixa etária: 20-39 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF92



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF92


























































Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF92

[+gs] +gênero semântico	82/109 (75,2%)
[-gs] -gênero semântico	27/109 (24,8%)
[+co] +conexão ótima	68/109 (62,3%)
[-co] -conexão ótima	41/109 (37,7%)
[+v2] +padrão linear v2	68/109 (62,3%)
[-v2] -padrão linear v2	41/109 (37,7%)
[+morf] +morfologia	66/109 (60,5%)
[-morf] -morfologia	43/109 (39,5%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF92

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+ 	+ 	+ 	+ 	18 
+ 	+ 	+ 	- 	8 
+ 	+ 	- 	+ 	20 
+ 	+ 	- 	- 	5 
+ 	- 	+ 	+ 	21 
+ 	- 	+ 	- 	3 
+ 	- 	- 	+ 	7 
- 	+ 	+ 	- 	10 
- 	+ 	- 	- 	7 
- 	- 	+ 	- 	8 
- 	- 	- 	- 	2 
				109

Fonte: a autora.

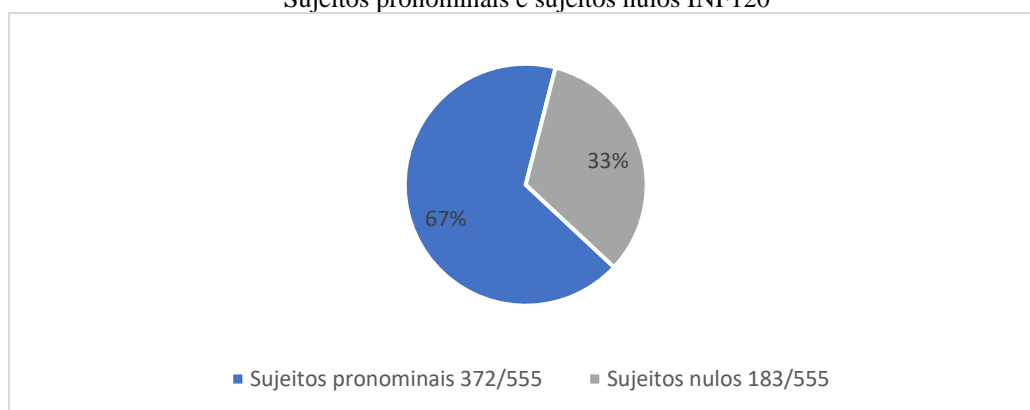


## INFORMANTE 120

Sexo: feminino

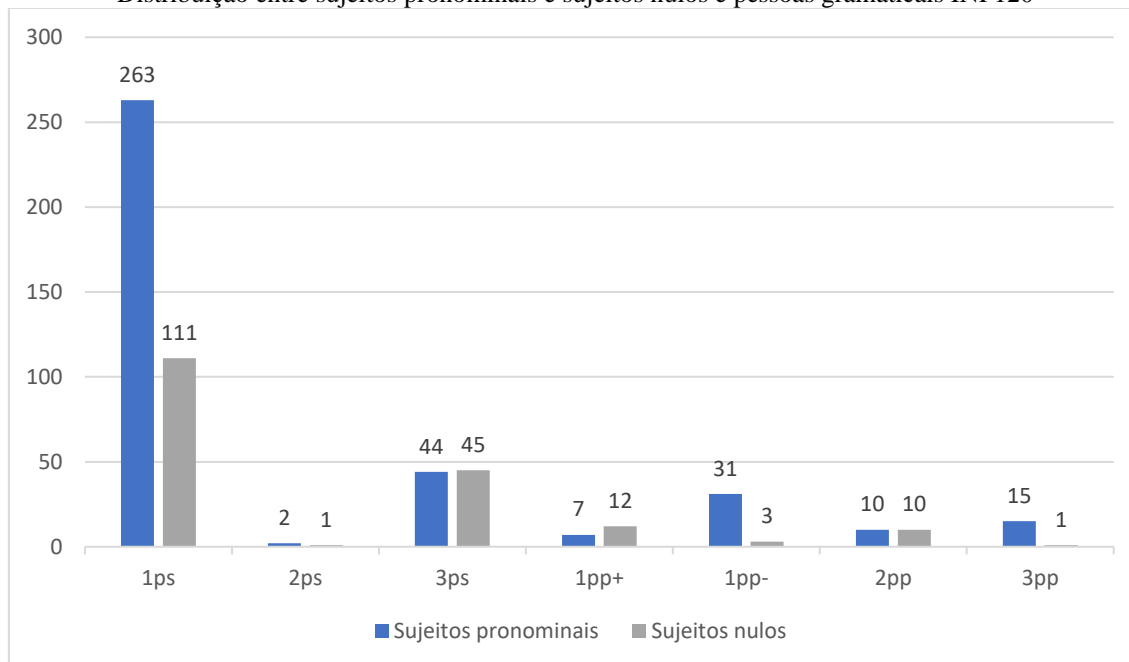
Faixa etária: 40-59 anos

Sujeitos pronominais e sujeitos nulos INF120



Fonte: a autora

Distribuição entre sujeitos pronominais e sujeitos nulos e pessoas gramaticais INF120



Fonte: a autora

Ocorrências de cada traço nos sujeitos nulos INF120

[+gs] +gênero semântico	145/183 (79,2%)
[-gs] -gênero semântico	38/183 (20,8%)
[+co] +conexão ótima	103/183 (56,2%)
[-co] -conexão ótima	80/183 (47,4%)
[+v2] +padrão linear v2	88/183 (48%)
[-v2] -padrão linear v2	95/183 (52%)
[+morf] +morfologia	114/183 (62,2%)
[-morf] -morfologia	69/183 (37,8%)

Fonte: a autora.

GS & CO & V2 & MORF INF120

Gênero Semântico	Conexão Ótima	Padrão linear V2	Morfologia	Ocorrências
+	+	+	+	24
+	+	+	-	5
+	+	-	+	46
+	+	-	-	9
+	-	+	+	30
+	-	+	-	16
+	-	-	+	14
+	-	-	-	1 !
-	+	+	-	6
-	+	-	-	13
-	-	+	-	7
-	-	-	-	12
				183

Fonte: a autora.

## Caso destoante INF120

### Ocorrência de sujeito nulo não esperada informante INF120

1) Informante: Eu gosto de viajar, ahm, eu não costumo viajar pra fora, eu viajo, assim, já viajei, algumas vezes, esse ano foi uma exceção que eu viajei duas vezes pra fora, mais, uma exceção completa, ahm, eu viajo bastante aqui pra dentro, eu costum/, ia muito a São Paulo, depois que eu entrei na letras, eu diminui bastante, **SN1ps +---** ia muito a São Paulo.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 120.